



SUBMÁRINOS

#03

CONTOS DOS CONFINS

LA TOSCA



EDIÇÃO RONALDO BRESSANE / FICÇÕES ALE KALKO / ALEX XAVIER / ALICE ZOCCHIO / AMÉRICO PAIM / BIANCA TOLI / BRONTOPS BARUO / BRUNO VICENTINI / CAMILA ASSAD / CAMILA CRUZ / CHLOÉ PINHEIRO / CRISTINA PORTO COSTA / DEBS MONTEIRO / EVANORD CRUZ SILVA / FÁBIO KALVAN / FÁBIO ZUKER / FILIPE MASINI / HELÔ MELLO / IAN PERLUNGIERI / IAN UVIEDO / JAMES SCAVONE / JAN BITTENCOURT / JEALVA ÁVILA / JENNIFER QUEEN / JOÃO HÉLIO DE MORAES / LÍU LAGE / LUIZA SIGULEM / MARI CASALECCHI / MARTIM SAMPAIO / MÍCHI PROVENS / MURILLO REIS / PÉROLA MATHIAS / ROBERTO M. SOCORRO / SILVIA ARGENTA / SUSY FREITAS / TATIANA HEIDE / VÍCTOR TOSCANO / IMAGENS LA TOSCA



{CARTA DO CAPITÃO}

*para Aldir Blanc, Garcia-Roza, Olga Savary,
Rubem Fonseca e Sérgio Sant'Anna*

P

or que Contos dos Confins é o tema deste terceiro número do *Submarino*?

- 1) todos os 36 contos foram escritos durante o confinamento exigido pela pandemia;
- 2) falam, mas quase nunca, de covid e quarentena (assuntos que por vezes comparecem só como cenário de fundo); muitos viajam para paisagens longínquas;
- 3) virtuais, as escotilhas se abriram a marujos de norte a sul, do oeste ao leste do Brasil.

Com a pandemia, a frota do laboratório Submarino multiplicou-se. O que antes era uma oficina literária presencial toda segunda, ampliou-se no Sub Dois, às terças, e no Sub Três, às quartas; e às quintas recebeu a companhia da Primeira Pessoa, oficina focada na autoficção. Sempre sob o lema competitividade + solidariedade, os cursos são infinitos, uma viagem sem prazo pra acabar: desde que partiu, em 2014, o Sub Um leu mais de 100 autores (veja as Constelações).

Uma rara boa nova deste 2020 tão fora de prumo foi a explosão dos cursos online. Eu tinha lá meus preconceitos e prevenções ao tal EAD, mas confirme que do nosso jeito funciona. Primeiro que trouxe a esta imersão literária a visita de vozes distantes do nosso porto em São Paulo, e com isso uma maior diversidade de assuntos, percepções, estilos. Segundo porque, ancorados em casa, o que mais fizemos foi escrever e ler (e ver séries e encher a pança e xingar o Bozo y otras cositas más). Terceiro porque, apesar de todos os icebergs pelo caminho – a conexão que desconecta, a bizarra metamorfose em talking heads, o timbre eletrônico das leituras –, nossos mergulhos no Zoom, que chegam a cinco horas e não desdenham umas garrafas de rum, para muitos se constituíram em um dos breves momentos da semana em que tivemos um encontro real. Tudo aqui foi lido em voz alta. Calor humano, enfim.

Como sugere o filósofo italiano Luciano Floridi, vivemos em plena pós-história – o momento em que o virtual interfere de fato no real. Nada mais pós-histórico do que as narrativas deste zine, e nada mais pré-histórico também, porque seguimos, como há milhares de anos, nos encontrando ao redor de uma fogueira noturna para contar histórias e, com isso, espantar o medo da morte e festejar a vida. Seja bem-vindo à nossa fogueira virtual. {RB}

{CONSTELAÇÕES}

Alan Moore | Alberto Moravia | Aldir Blanc | Alan Pauls | Alejandro Zambra | Alice Munro | Ali Smith | Andrea Jeftanovic | André Sant'Anna | Antonio Di Benedetto | Antonio Maria | Antonio Prata | Antonio Tabucchi | Antônio Viana | Ariana Harwicz | Ben Lerner | Bong Joon-ho | Cadáuo Volpato | Campos de Carvalho | Carmen Maria Machado | Carson McCullers | Cecilia Prada | Cesar Aira | Charles Bukowski | Chimamanda Adichie | Chuck Pahlaniuk | Clarice Lispector | Cristina Peri Rossi | Dalton Trevisan | Daniel Galera | Daniel Kehlmann | Dave Eggers | David Sedaris | Dino Buzzatti | Djaimilia Pereira de Almeida | Donald Barthelme | Dorothy Parker | Elio Vittorini | Ergar Keret | Flannery O'Connor | Franz Kafka | Gaël Faye | Gabriel García Márquez | Geoff Dyer | George Saunders | Georges Didi-Huberman | Georges Perec | Geovani Martins | Giovana Madalosso | Guadalupe Nettel | Gustavo Pacheco | Haruki Murakami | Hilda Hilst | Horacio Quiroga | Isaac Babel | Italo Calvino | Jamil Sneege | JD Salinger | Jennifer Egan | João Guimarães Rosa | João Antônio | John Haskell | Jorge Luis Borges | José J. Veiga | Junot Díaz | Julio Cortázar | Julio Ramón Ribeyro | Karl Ove Knausgård | Kristen Roupenian | Linda Boström Knausgård | Liudmila Petrukhévskaia | Lucía Berlin | Luis Buñuel | Luis Fernando Verissimo | Luiz Vilela | Lydia Davis | Lygia Fagundes Telles | Machado de Assis | Magela Bauduim | Marçal Aquino | Margarita García Robayo | Marcilio França Castro | Mariana Enríquez | Mario Bellatin | Max Aub | Michel Laub | Milton Hatoum | Miranda July | Moacyr Scliar | Murilo Rubião | Nata DiMeo | Otessa Moshfegh | Otto Lara Resende | Oykan Braithwaite | Natalia Ginzburg | Nathalie Serraute | Paul Auster | Paul Bowles | Paul Preciado | Paul Theroux | Paulo Leminski | Paulo Mendes Campos | Peter Handke | Raymond Carver | Raymond Chandler | Raymond Queneau | Ricardo Piglia | Rodrigo Blanco Calderón | Roberto Bolaño | Ryunosuke Akutagawa | Rubem Braga | Rubem Fonseca | Scott Fitzgerald | Sérgio Sant'Anna | Silvina Ocampo | Victor Giudice | Vilma Aréas | Wander Pirol | Wisława Szymborska | Woody Allen

CORPOS EM CHAMAS

**Pelo sim, pelo não
Para Cleide da Cocada, deixo meu coração
No covil da pantera
Um passo à frente
Meu lugar é na água
Robof 5.0
Rainha dos Doces
Esmeraldina: uma hagiografia**

Camila Assad
Camila Cruz
Pérola Mathias
Silvia Argenta
Fábio Kalvan
Jan Bittencourt
Ian Perlungieri
Victor Toscano

Arte

Eduardo Kerges



PELO SIM, PELO NÃO

{Camila Assad}

*"montada em seu primeiro
pentelho branco
decidida a salvar
o dragão
da própria chama
chamuscou
o pelo da donzela
foi só um susto
espera a poeira
assentar
mas se arranca
o primeiro
vêm sete
em seu lugar"*

Angélica Freitas

Eu tinha apenas 11 anos quando tirei a calça jeans e me deitei pela primeira vez em uma maca gelada forrada com um longo e fino pedaço de papel bege. *Deita de barriga pra baixo que vamos começar por trás. Vai doer um pouquinho, mas vai ser rápido.* E então Luzia melecou as minhas pernas com uma gosma quente e pegajosa que tinha cheiro de mel, distribuiu tiras de papel grosso por cima da meleca marrom e arrancou uma por uma sem nenhuma piedade enquanto me narrava a festa de casamento da filha mais velha. Senti a maior dor física da minha vida, lágrimas escorreram dos cantinhos dos meus olhos, xinguei mentalmente até a nona geração da senhorinha bem-intencionada que tratava meu corpo como um pedaço de carne a ser moída para uso culinário. Minhas pernas agora estavam rosadas, mas sem nenhum resquício de pelo. *A primeira vez é assim mesmo, depois você acostuma,* me disse sorrindo e já chamando a sua próxima vítima.

Ao chegar em casa, sentei na privada e chorei por mais de meia hora no banheiro. A aflição da retirada dos pelos na perna já tinha cessado, mas doeu muito pensar que dali um ou dois meses precisaria repetir esse procedimento de novo, e pro resto da minha vida. Não bastasse ter começado a usar desodorante todo dia, ter incorporado o sutiã pra esconder os micropeitinhos que surgiram de um dia pro outro, e ter que usar desconfortáveis absorventes para a tão aguardada porém impertinente menstruação, agora eu tinha também pelos grossos pelo corpo que deveriam, claro, ser eliminados.

A transição da infância para a adolescência é terrível para qualquer ser humano, e acredito que também para os cavalos-marininhos do fundo do oceano e para as lhamas dos Andes. O excesso de mudanças corporais, somado à instabilidade de um cérebro que está amadurecendo e às oscilações hormonais, faz de nós potenciais atrações círcenses. A puberdade é o auge do nosso despertimento, não nos reconhecemos em nossos corpos, em nossa voz, em nossa essência, não podemos mais brincar com bonecas,

mas tampouco é a nossa hora de pagar os boletos, então passamos um período terrível nesse limbo que só termina com a entrada em definitivo na adolescência, que seria uma espécie de pós-graduação em transformações, alternâncias e incompreensões.

A revolução hormonal que me acometeu naquele ano me deixou com o cabelo bem volumoso, sobrancelhas espessas e, claro, pelos nas pernas, nas axilas e, pra piorar, no buço. Além de serem grossos e escuros, eles crescia muito rápido. O ritual de depilação precisava ser repetido com frequência e me causava muita dor. Preciso lembrar que eram os anos 00, a Frida Kahlo não estava na moda, ninguém falava em autoaceitação, em body embrace e muito menos em feminismo na minha rodinha de amigas do Colégio Cristo Rei. O padrão de beleza da época era a Jennifer Aniston com os cabelos castanhos divididos ao meio, extremamente lisos e com as sobrancelhas bem finas.

Luzia era a encarregada de tirar os meus pelos, mas ainda não existia na cidade nenhuma das tais designers de sobrancelhas que se tornariam tão comuns 15 anos mais tarde. Então, em uma tarde de incômodos e experimentações peguei uma pinça velha no banheiro da minha mãe e eliminei praticamente 60% dos pelinhos sobre os olhos, ficando parecida com uma drag queen anêmica e triste. Eu estava muito longe de ter a cara da Rachel do *Friends*, mas passei a alisar os cabelos e manter um corte reto com as pontinhas viradas pra dentro conforme recomendavam as revistas da época.

Pra piorar tudo, eu era bailarina clássica, dessas que passavam a tarde toda estourando os dedos em sapatilhas de ponta. Não bastasse os seios que cresceram e as coxas que engrossaram terem me tirado a apatia e a esqualidez corporal que devem pertencer às boas bailarinas, a questão dos pelos também me prejudicava nesse aspecto. O collant de ensaio era muito cavado e deixava à mostra os pelinhos da virilha durante meus grand pliés e meus grand jetés. Comecei a usar meia-calça fio 70 mesmo nas tardes de 38 graus do extremo Oeste Paulista.

Passei então a colecionar assaduras pela fricção dos pelinhos com o náilon. Comentei com a Luzia que queria depilar a virilha e os arredores. Ela não conseguiu disfarçar a alegria e então me vi deitada na maca totalmente pelada, com os joelhos dobrados e as pernas abertas em posição de parturiente, e assim que ela retirou o primeiro papel de cera com pelos senti uma dor que pode ser seguramente comparada com as dores de um parto natural sem anestesia somadas às dores da mordida de um tubarão bem denteado. Dei à luz um enorme constrangimento e perdi muito da minha dignidade nesse ato. Vermelhidão absoluta, *passa creme que já melhora, você reclama demais, menina, ser mulher é assim mesmo.*

De fato, tenho um limiar muito baixo pra dor. Amo analgésicos, anestésicos e tudo mais que consiga diluir a minha envergação. A promessa de uma vida melhor veio quando eu tinha 14 anos com a chegada de uma dermatologista que trouxe para a cidade uma máquina milagrosa que prometia acabar com os pelos a partir de choques de laser. O procedimento era realizado com o uso de um aparelho enorme e barulhento que emitia raios de laser na melanina, substância responsável pela coloração do bulbo e da haste do pelo, causando um dano térmico ao tecido adjacente, o que pra mim era equivalente a tomar choques consecutivos de 220 volts. O maquinário prometia fazer os pelos caírem e depois de repetidas sessões teoricamente eles não voltariam mais. Mas era tudo muito inicial e experimental e só podia ser feito em áreas pequenas.

Me livrei do bigodinho indesejável e do sovaco peludo. A perna e virilha continuaram sob responsabilidade da Luzia. E assim cheguei aos 16 anos, sempre depilada, de sobrancelha fina e cabelo domado. Dançante e sendo quase feliz.

Então fui morar no exterior e lá não havia depiladoras. Quer dizer, até deveria haver, mas não existia essa cultura tão maluca de castração da dignidade feminina e esse culto a uma feminilidade lisinha e asséptica como no Brasil. Nossa páis ocupa o segundo lugar no ranking mundial dos procedimentos estéticos, e o gasto com produtos e serviços do ramo é equiparado aos gastos com alimentação, mas oh, brazilian women! Aprendi a usar gilete e daria muitos beijos na boca de quem inventou essa praticidade maravilhosa. Gillette Venus pink for sensitive female skins. Depois aprendi que era mais um truque de marketing e o melhor mesmo era ir direto pro mach 3 masculino, que custava menos e era bem mais eficaz. Meus grossos pelos árabes não exigem a delicadeza das deusas gregas.

Fiz uma viagem de 30 dias com um grupo de jovens de todas as partes do mundo. Esquiávamos, pulávamos de paraquedas e cantávamos Bob Marley em volta da fogueira. Na correria dos dias e distraída com o excesso de atividades fui deixando a sobrancelha por fazer e comecei a receber elogios por elas serem parecidas com as da Penélope Cruz. Eu, que sempre fui mais o Javier Bardem do que o Brad Pitt, achei isso bem positivo. Na ausência absoluta dos salões de beleza e devido aos constantes banhos de praia, as ondulações dos meus cabelos voltaram a aparecer. Loirinhas alemãs com a cara das gêmeas Olsen pediam o nome do meu shampoo e a verdade era “qualquer um que está barato na farmácia, pois meu dinheiro aqui vale muito pouco”. Italianos, espanhóis, americanos e neozelandeses agora me olhavam de uma forma que os meninos brasileiros do meu antigo colégio jamais me olharam.

Comecei a namorar pela primeira vez e conforme avançávamos nas descobertas das áreas corporais alheias comecei a encanar com a questão dos pelos pubianos. Deveria tirar tudo para a minha iminente primeira vez? Minhas amigas estrangeiras riram tanto da minha pergunta, e descobri que tirar tudo é algo tão, tão brasileiro que se chama brazilian wax nos filmes pornôs. No fim, a primeira vez rolou de forma tão espontânea e natural que mesmo se eu tivesse um gambá amarrado na vagina tenho certeza que meu namorado continuaria excitado e teria dado tudo certo. No espelho lateral da parede do banheiro do hotel escolhido para aquela noite especial, com curvas no corpo e no cabelo, sobrancelhas grossas e a pele toda bronzeada (porque há um buraco significativo na camada de ozônio na Nova Zelândia que faz com que qualquer um fique minimamente corado), eu me achei bonita pela primeira vez. Tenho a cena como fotografia na memória: a luz amarelada, eu sendo jovem, livre e pelada e ok, um pouco peluda, mas completamente feliz.

Ao retornar para o Brasil fiz questão de nunca mais ver a Luzia. Durante a faculdade, enroladas nos milhões de disciplinas, estágio, pesquisa acadêmica e tudo mais, eu sempre deixava acumular pelinhos na perna e a minha virilha funcionava de acordo com meu temperamento. Para nadar eu ainda batia o mach 3 na parede do box, mas para namorar não tinha regras. Talvez nos primeiros encontros eu ainda apelasse para a imagem da mulher limpíssima e carente de qualquer lanugem, mas depois a intimidade sempre me permitiu relaxar. Com a gravidez meus hormônios ficaram

novamente malucos, numa espécie de segunda puberdade, mas por sorte (ou talvez nem tanto) conheci na hidroginástica para gestantes a Larissa, que era gerente da recém-inaugurada Espaçolaser na cidade. Fui no outro dia mesmo conhecer o lugar que tinha as paredes todas brancas e um letreiro azul brilhante com a palavra liberdade, o que é muito contraditório considerando que um contrato para a eliminação dos pelos na perna toda dura três anos e mais de 12 prestações de 300 reais. A garota-propaganda (e também dona) da franquia é a Xuxa, que segundo consta no manual de orientações aos novatos jamais poderia se submeter às sessões de depilação por ter os pelos muito finos e claros.

Larissa levou meus pelos nas pernas, coxas, lombar, mento e lugares em que eu nem sabia que era possível ter pelos com a máxima de que é *sempre melhor prevenir*. A empresa levou boa parte do meu salário e do meu tempo livre. Cada sessão durava em torno de 50 minutos e é necessário fazer pelo menos 10 sessões pra se livrar para sempre dos pelos da perna. Detalhe: um para sempre à la Cássia Eller que sempre acaba, sendo necessário renovar a cada 5 ou 10 anos todo o contrato e refazer todo o procedimento no caso do retorno dos pelos, ou seja, estou casada com eles por tempo indeterminado. Que beleza de liberdade!

A tecnologia agora é bem mais avançada do que aquela máquina barulhenta da dermatologista dos meus 14 anos, mas ainda assim dói e inclui como efeitos colaterais episódios de febre, coceiras, furúnculos e formigamentos, mas é só tomar uma Novalgina e dormir que fica tudo bem, me fala a sorridente Larissa. Findando meu longo processo de remoção praticamente absoluta dos pelos, a funcionária eficiente me encara e pergunta: *você não vai tirar lá?* Então lembrei da vez que fiz com a própria gilete uma carinha feliz do querido e barbudo Karl Marx para um ex-namorado que era mestrando em movimentos sociais e decido que ainda gosto da minha última camada de liberdade, podendo deixar lá mais ou menos peludo de acordo com meus humores – e amores – e tá tudo bem. Nessa mesma época chegou com tudo a maravilhosa nova onda feminista e agora tenho várias amigas que cultivam felizes seus chumaços nas axilas, pernas, virilhas, seios e seguimos todas livres, cada qual como deseja.

Até que no final do ano passado durante meu xixi da manhã percebi um pentelho branco lá. Achei que era a luz do banheiro, fui conferir no quarto. De fato, era o meu primeiro pentelho totalmente despigmentado despontando nos grandes lábios. No happy hour da turma, contei para minhas amigas mais velhas e elas disseram que era só o começo. *Sim, fica tudo branco lá embaixo também, ou você achou que o tempo pouparia só a sua vagina?* Ouvi histórias incríveis e igualmente terríveis sobre como as mulheres atravessaram anos de opressão e dominação tendo os pelos pubianos brancos. A tia da Marina passou rímel para disfarçar e o cara sujou toda a língua durante o sexo oral. A prima da Livia tingia com hena, mas teve alergia e foi parar no pronto-socorro. No outro dia bem cedo mandei uma mensagem pra Larissa: *só pra confirmar, o laser não cobre pelo branco, né?*

Não, não cobre. Se eu quiser me livrar do envelhecimento e da possível humilhação dos meus pelos pubianos alvos é melhor agir agora enquanto 99,9% ainda continuam pretos. Pensei bem e concluí que foda-se. Tá tudo bem ter pelo branco na pepeca e se eu não quiser, vai ter sempre um mach 3 pra me ajudar, sem dor e sem neurá. Nada como a liberdade de poder fazer uma bela carinha de Papai Noel daqui a algumas décadas. 

PARA CLEIDE DA COCADA, DEIXO MEU CORAÇÃO

{Camila Cruz}

São Paulo, 25 de maio de 2020

Eu, Antônia Rocha de Almeida, nascida nesta mesma cidade nos idos de 1945, deixo aqui meus últimos registros, pois é da minha ciência que hoje será a data do meu falecimento.

Se faz necessário informar que o edifício Santa Marcelina, número 38 da rua Canuto Durval, está em chamas neste exato momento. Creio que o fogo começou lá pelo 12º andar e vem descendo pela escadaria, assim como os gritos e batidas nas portas.

Tomei todas as precauções para que eu pudesse escrever a tempo minhas últimas vontades com calma e brio. Já não enxergo tão bem quanto na época do colégio de freiras, uma das irmãs com certeza me corrigiria usando a palmatória se visse esses meus garranchos. Deixo aqui minhas desculpas sinceras a você que está lendo minhas palavras agora e às irmãs, que eram muito dedicadas às minúcias da caligrafia, mas não pareciam notar outras coisas, como os beijos de brincadeira que trocávamos no pátio enquanto as outras meninas se revezavam em uma ciranda escondendo o pecado.

Ainda sobre as providências, meus documentos estão na pasta azul que deixei sobre o criado-mudo. Lá você encontrará a escritura deste apartamento, os nomes de meus filhos, que andam meio distantes, de fato é muito difícil virem me visitar. Ana Luiza, por exemplo, mora em Catanduva, Mário mora ali perto da estação Ana Rosa mesmo. Moço trabalhador, vive ocupado.

Desculpe se divaguei, estou batendo horrores na minha porta e isso me distraiu um pouco. Achei melhor entrar aqui no quartinho de empregada, que uso mais como depósito nos últimos anos. A fumaça entra que é uma beleza, me lembra até os incensos do padre Germano. Mas então, voltando à pasta azul (levaria outra correção das freiras por esta digressão, misericórdia!). Deixei na pasta minha certidão de casamento, casei-me com Augusto quando completei 15 anos, ele 34. Trabalhador, honesto, me deu dois filhos e se foi quando o caçula tinha três aninhos. Foi sem dizer nada, mas deixou o apartamento para a família.

Tive que trancar a porta e passar o ferrolho, então, peço desculpas pelo transtorno causado. Espero que entendam que preciso de mais um tempinho aqui.

Bom, deixe-me concluir logo, pois além de velha e caduca, meus olhos ardem com a fumaça e a fuligem que entram pelo vitrô do quartinho. O coração velho de guerra já dá sinais de querer falhar. Enfim, tenho apenas este apartamento em minha posse, então que fique com meus filhos caso este incêndio não o consuma.

Para concluir de verdade, minha última vontade é que mandem um recado para a Cleide, mas não ter que esperar até quinta, que é dia de feira. É fácil encontrá-la, é a moça morena da banca do coco. Por favor, digam a ela que menti. Não gosto de cocada cremosa com abacaxi, mas comprei uma todas as semanas sem falta desde o dia em que o Seu Juca, que Deus o tenha, deixou a banca para ela. Então, Cleide, me perdoe, joguei fora cada uma das cocadas que você me vendeu. Eu dizia que um docinho na semana era o pecado de uma senhorinha idosa como eu. Mas, minha filha, confesso que o pecado era outro. Era o pecado da carne, como as freiras diziam. Seu sorriso semanal era o porquê da minha pressão subir todas as quintas à tarde. O doutor Carlos nunca entendeu as artimanhas do meu coração. Aquele momento em que você entregava a sacola e segurava minhas mãos entre as suas e dizia "vai com Deus, dona Tonha" será minha memória favorita para todo o sempre assim como seu sorriso, sua voz e o toque das suas mãos ásperas de ralar coco. Para você, deixo o meu coração.

Com amor, Tonha. ♡



NO COVIL DA PANTERA

{Pérola Mathias}

Lá estava eu de biquíni verde-limão, top mínimo e calcinha asa-delta, chinelos brancos, toalha branca debaixo do braço e... máscara. Quando a primeira luz negra refletiu, não tinha como voltar atrás, eu já estava sem meu celular, bolsa ou roupa adentrando na sauna com a chave do armário pendurada no pescoço. A única mulher no ambiente e, provavelmente, a única pessoa que não precisava fingir heterossexualidade dentro ou fora dali. E não foi fácil conseguir essa autorização sem as devidas chantagens.

Há um ano eu trabalho para a maior sauna gay da cidade de São Paulo fazendo playlists infinitas com músicas de divas pop, houses mornos e remixes tocos. Tudo à distância, mas servindo a um ambiente que eu jamais poderia conhecer, nem por curiosidade, já que mulher não entra. Carteirada para ir em dia off não rola porque não tem dia off por lá. Até que veio a pandemia do ano de 2020 e... pá! Depois de seis meses fechada, a sauna reabriu com uma capacidade reduzidíssima: de 500, passaram a poder entrar só 50 homens. O escândalo foi minimizado com a manchete da frase do meu "chefe": "Mas não é clima de festa". Não, claro, que não, é só pra fechar negócio. Inclusive, eu ajudo a reabertura a ter boa saída pelas agências de notícia sem impacto negativo nas bolhas virtuais, depois de seus tuítes controversos sobre comportamento e moral, e você me deixa ir à sauna um dia. Foi o combinado. Ele, o chefe, topou – tudo por e-mail.

Meu amigo Chico prometeu que ficaria ao meu lado o tempo todo, enquanto Mauro, Maurício e Tino se resolveriam enquanto trisal, com convidados temporários no relacionamento ou não naquele dia. Mesmo com a dissidência dos três, era a primeira vez que eu participava de qualquer ritual exclusivo dos meninos das Bichas do Centro – nome autoexplicativo do meu grupo de amigos. Irao Bardo Juarez toda sexta conversar sobre même de travesti, para mim, era fácil demais. Experienciar as aventuras sexuais deles era outro patamar. Para entrar na sauna eu coloquei um OB, na noia de sentar ou encostar minha pélvis em qualquer coisa que fosse, digamos, pastoso. Já lá dentro, o primeiro passo foi ir para o bar. Peguei uma vodka com Redbull. Trinta reais. No impacto da facada do drink, não teve nem como imitar a fala de Vanessão, que só tem graça quando se trata de algo de vinte – pronunciado “fintche” por ela, pra quem não conhece – reais.

Evitei sentar no banco do balcão num primeiro momento. Fiquei me balançando com “Frozen” de Madonna, uma música não tão adequada, da minha própria playlist, para o lugar e que me fez pensar: curiosidade com o desconhecido é sinônimo de coração aberto, né? I’m not frozen, eu acho. Segurando o copo e chupando o canudinho mirando o nada, mas com a visão 360º aguçadíssima, fiquei analisando a arquitetura do espaço, do bar até as piscinas mais próximas e o corredor que se multiplicava em labirintos. Não dava para ficar demáscara e, ao mesmo tempo, beber. Alguns dos frequentadores até que mantinham o protocolo sanitário, mas só até que

a bagagem alheia, ou a própria, ganhava volume numa interação. Olhei para a piscina com a cabine onde antes ficava um DJ – ele foi cortado pra ser uma fonte a menos de disseminação do vírus –; olhei para o meu copo, preferia que fosse suco de cranberry no lugar de energético, mas o tom amarelado da minha bebida no copo ficava bonito no cruzamento azul e verde das luzes que batiam na água e refletiam naquela área.

Quando Madonna ia terminando de cantar que pode derreter meu coração, decidi que não ia dar pra ficar fingindo que era só uma balada ali dentro. Fui escapando aos poucos da companhia de Chico porque com apenas 50 pessoas, supostamente 50, o lugar parecia mesmo um deserto, ainda que tivéssemos ficado acompanhando pelo site a quantidade de gente que entrava. Na piscina tinha três caras muito comuns, nem ursões, nem velhos tarados. Poderiam ser empresários ou biólogos, nada afetados, nem muito malhados. Conversavam, mas com um charme sem igual no cruzar de pernas. Chico nem sentiu que eu me afastava em direção ao corredor de azulejos pretos, os mesmos que são usados nas novas hamburguerias de Santa Cecília, não muito longe dali. Eles só não tinham o mesmo cheiro porque nos azulejos da sauna escorriam gotículas de aromatizante de eucalipto.

No corredor, a maioria das cabines estava destrancada, meio abertas, mas quase sempre vazias. A única coisa que vi foi uma bundinha nua, branca com marca de calção boxer, virada para cima sem a cara do dono à vista. Ouvi barulho de água e cochichos que vinham de logo adiante e fui me aproximando, pé ante pé, mas dessa vez não tinha nenhuma porta, era uma abertura que dava para a tão falada área dos chuveiros coletivos. Comecei a contar quantas pessoas estavam por ali, mas como eu estava quase parando de andar, olhando como era tudo, atrapalhei dois caras que vinham atrás e eu nem tinha me dado conta. Eles não estavam juntos, tanto que passaram por mim com um relativo intervalo de tempo. Curto, mas espaçado.

Não entendi como duas pessoas que se acariciam debaixo do chuveiro, sem roupa, beijando-se como se fossem três línguas dentro de cada boca, excitados o suficiente para mudar a temperatura de inverno para verão num chuveiro que fosse elétrico, provavelmente não sabem nem o nome um do outro. Perdidos de amor, então, sem chance. Claro, né, Carolina! Você está numa sauna gay, não assistindo a *Diário da Paixão*. Mas olha, a cena dava de mil a zero em qualquer filme. O caso é que aqui o sentimento escorre tão líquido quanto o tesão.

Eu estava mudando meu olhar de chuveiro quando outro corpo passou por mim, dessa vez pedindo licença. Levei um pequeno susto e, para tentar não dar bandeira, segui o corredor para ver o que vinha adiante. De fato, como medida de segurança, o dono manteve o que chamam de “cineminha” fechado. Na placa da única porta fechada do lugar tinha escrito assim mesmo: Cineminha.

Fiquei pensando que talvez fosse o único cinema pornô em que eu pudesse entrar na vida e perdi a chance. Porque aquele de rua no Rio, na Cinelândia, que meus amigos foram ver como era uma certa vez e eu fiquei esperando por eles ansiosa na rua, cagona que só, me foi descrito como a pura passagem para o inferno. Não pelos atos em si, mas pelo cheiro de mofo e porra misturado com batedores de carteira, punheteiros e travestis em situação de rua que entram ali. E nisso o centro do Rio não deve ser muito diferente da República, que também não deve estar tão longe da Baixa dos Sapateiros.

Para além dos chuveiros, caminhei mais um pouco, mas os corredores iam ficando cada vez mais escuros e decidi voltar. O primeiro erro constatado foi: se eu tivesse vindo de biquíni preto teria sido muito mais estratégico do que a escolha de um neon pra parecer pertencer à comunidade.

Voltando à minha área favorita até então, parei rente à quina das paredes, em posição de espionagem mesmo, e fiquei vendo aquela proliferação de pintos duros debaixo da água corrente. Em geral eram bonitos. Um ou dois menores ou finos. Se tinha algum torto, não vi. Enquanto as versões masculinas de Ryan Gosling e Rachel McAdams da sauna executavam de pé, digamos, o coito, um verdadeiro ursão, típico boy da frente do Woof Bar, chegou e pegou a mão do que, digamos, recebia o coito. Ele estava apoiado na parede que escorria eucalipto, mas o urso despregou suas mãos dali e conseguiu girar levemente o, digamos, casal, e desceu de boca no que estava com a frente livre. No chuveiro que ficava do outro lado do ambiente, um casal que se beijava meio de lado começou a olhar fixo para a cena de filme que estou contando. Parece que queriam ir até lá, completar a roda, mas não se mexiam e, de vez em quando, percebi que grunhiam de prazer ou algo parecido.

Quando a rajada de vapor que deixava o ar denso na área se rarefez, sei lá por que motivo, vi que um cara magrinho, mas de costas definidas, que devia ser até bastante alto, tinha os dois pintos dentro da boca. É provável que nessa hora meus olhos tenham se arregalado, porque engasguei com a minha própria saliva e comecei a tossir. Vinha vindo uma poc de uns 1,75 metro, andando com uma perna na frente da outra como se fosse modelo Versace na passarela, que olhou meu biquíni e gritou: "Uma racha!". A placa em frente à sala de chuveiros dizia: "É expressamente proibido gritar". Saí correndo em direção ao bar e o clima úmido do ambiente fazia com que minha havaiana emitisse barulho de quem pisa na lama ou peida. Vi uma porta semiaberta e, sem nem olhar se tinha alguém, entrei.

Era um quarto vazio com uma pia no canto e, no meio, um pedaço de madeira preto com um buraco no meio. Parecia uma instalação. Mas também lembrava uma guilhotina, ainda que o buraco fosse pequeno demais para uma cabeç... Dessa vez fui em que gritei e levei instantaneamente a mão na boca, abri a porta, me dei conta de que tinha tocado em paredes, portas, copo e estava sem álcool gel. Recuperei minha máscara presa na lateral da calcinha, coloquei no rosto e cheguei ao bar. Chico estava com uma cara paralisada olhando pra dentro do balcão. Achei estranho que não estivesse aproveitando pra flertar com alguém. Fiquei confusa, mas, quando alcancei seu braço, o puxei com força, sem gritar, mas falando mais alto do que deveria "vamos, vamos". Chamei a atenção, sim. As caras masculinas estupefatas me olharam e não fizeram nada. Parecia que todo mundo tinha parado de dançar, conversar e se pegar para me olhar. Chico tentou me dizer alguma coisa antes de chegarmos ao balcão de saída para pegarmos as roupas e sair o mais rápido possível dali, mas não deu tempo.

Quando me dei conta, um cara alto e de máscara, óbvio, rendia o recepcionista. Ele levantou a arma até a altura da nossa testa e disse: "Calma lá, agora ninguém sai".

UM PASSO À FRENTE

{Silvia Argenta}

É dia de festa. A família circula por toda a casa. Pela fresta da porta, Laura observa o objeto de gesso. Ela está na sala conversando com as tias, mas precisa ver mais de perto o bibelô que está pendurado na parede do quarto da prima aniversariante. Já nem presta mais atenção nos questionamentos sobre quando vai se casar, nas orientações de uso do amaciante na máquina de lavar roupa ou nas dicas de como fazer bife à milanesa. Não pode ser julgada por isso. As mulheres se movimentam. Ela espera, respira e sente o suor nas palmas das mãos. A adrenalina vem. Agora não tem ninguém por perto. Os passos firmes no porcelanato indicam que está determinada. Vai até o outro cômodo, pega o anjinho rezando e em um segundo ele está em sua bolsa.

Não se despede de ninguém. Sai da casa da tia com um andar cambaleante pela calçada quebrada. Sente culpa. A bolsa e a consciência estão pesadas. Pensa em devolver, mas poderia ser descoberta. Melhor não. A rua é bastante arborizada e se sente aliviada em respirar de novo. Na frente da igreja, escuta o sino tocar e faz o sinal da cruz. Atrasada, está a apenas cinco quadras do ginásio. No alto, o outdoor exibe a foto da Coca-Cola suando, com destaque para as gotas que dá para imaginar escorrendo na lata vermelha. Faz calor. Passa por uma lanchonete e decide comprar. O impulso volta enquanto observa os petiscos e chicletes, que não lhe interessam. A garçonete diz que as latas estão quentes e vira de costas. Laura aceita mesmo assim, prende a respiração, começa a suar de novo e joga o saleiro na bolsa. Paga pelo refrigerante e continua seu caminho.

Já quase no ginásio, entra na casa da colega de trabalho. Ali estão guardadas as roupas que todas as professoras da escola católica devem vestir para a Festa do Sorvete, a mais aguardada do ano pelas crianças. A diretora alugou as fantasias de princesas e de todas as outras histórias da Disney, o tema desta edição. Laura não tem mais como escolher. Só sobrou a do Pateta. Enquanto está na edícula vestindo a roupa, vê o carretel de linha em cima da máquina de costura. As hélices do pequeno ventilador no chão mal conseguem girar. Está muito quente. No quarto do adolescente da casa, o som alto anuncia: um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar. É um sinal. Ao se mover, sente a quentura do piso de pedra e o frio na barriga. Alcança o carretel e o coloca na bolsa.

Lá do portão, a colega, fantasiada de Minnie, grita seu nome. Saem pela rua carregando as cabeças nos braços e chegam juntas ao ginásio. As arquibancadas estão fechadas para evitar a correria das crianças longe do alcance dos adultos. A quadra central é suficiente para as brincadeiras de pula-pula e de gincana, que já começaram. Laura Pateta é responsável pelo freezer dos sorvetes, onde já tem gente esperando. Faz um coque no cabelo, veste a cabeça de papel machê e se sente sufocada com o cheiro forte de cola. Tem dificuldade

em ver as coisas ao seu redor porque os olhos da cabeça da fantasia não ficam na mesma altura dos seus olhos. Mexe a cabeça para tentar focar em algo e, de relance, enxerga que o amor de sua vida está no ginásio. É hoje! O coração bate rápido, assim como os passos no linóleo para organizar a fila.

O sinal toca. Mesmo em dias de festa, é preciso ter disciplina. A diretora, vestida de Cinderela, anuncia no microfone que chegou a hora da prece. Pais, alunos e professores ficam onde estão, viram o corpo para a caixa de som e começam a cantarolar o pai-nosso. Com o rosto tampado pela fantasia, não dá nem para checar se Laura está rezando ou não. Só pensa no seu amor. Depois de anos relutando, vai abrir o coração para seu benzinho, que vai aceitar. Certeza. Chega de solidão. A cantoria termina e a algazarra continua. Começa a tocar muito alto a música da turma da Xuxa, que ainda é sucesso entre as crianças. Impressionante.

A fantasia pinica a pele dos braços e das costas de Laura, que volta a servir os sorvetes. Repara no napolitano e se coloca no lugar do morango e seu amor, no do chocolate. É preciso tirar esse creme do meio para que possamos nos misturar. Quem seria esse creme? A igreja? A escola? Ou então deixar o napolitano de lado e assumir que seremos um casal flocos, em que o creme e os pedaços de chocolate se complementam. Os gritos da molecada a fazem voltar à realidade. Exige que respeitem a fila e esperem sua vez sem reclamar. A mãe de um dos alunos se distrai e coloca uma caneta em cima do freezer. Fica ali dando sopa. Antes que ela note, Laura pensa em pegar. Só mais esse por hoje. Prometo. Ela sua mais uma vez e guarda a caneta no bolso da calça, por dentro da roupa de Pateta. Ninguém repara.

Em geral, os alunos são comportados, mas alguns meninos não se contêm. Dão socos em suas pernas e gritam que o Pateta é loser, solteirão e gay. Com raiva, Laura bate os pés no chão e empurra os garotos com força. Um deles cai estatelado e começa a chorar. Daí é aquela novela que ela já viu tantas vezes. Vem pai reclamar, diretora reclamar, bispo reclamar. Haja paciência. Quando olha para o freezer, flagra um outro aluno pegando o pote inteiro de sorvete, sem a menor cerimônia. O sorvete, que ajudaria a refrescar, tem o efeito contrário e inflama Laura ainda mais. Deve ser o cheiro de cola da cabeça da fantasia. Ela arranca o pote da mão do garoto e dá lição de moral, dizendo que roubar é feio. “Roubar é palavra forte”, alerta o pai do menino. Ah, mas vá para a puta que te pariu.

A Minnie chega a tempo de evitar que os adultos saiam no tapa. As crianças já estavam quase aplaudindo o espetáculo. A diretora Cinderela manda Laura ir até o vestiário para esfriar a cabeça e depois conversarem a sós. A Pateta abaixa a cabeça e obedece, a passos surdos. Escuta o barulho de mensagem no celular. É um pedido de encontro fora do ginásio. Agora? É para já. Joga a cabeça da fantasia atrás da porta do banheiro.

O caminhar de Laura é atrapalhado. O sol de quase cinquenta graus a desidrata quase que instantaneamente. Sente os raios queimando seu rosto. O corpo começa a suar mais ainda embaixo da roupa de pelúcia. Sem óculos nem boné, não consegue enxergar direito. Coloca a mão direita acima dos olhos para tentar ver alguma coisa. A rua solta um vapor quente, que desfigura seu formato plano. Na calçada, nota a silhueta de uma mulher embaixo da única árvore, aproveitando o pequeno espaço de sombra.

Olha para os dois lados da rua e avança. A sola do tênis gruda e derrete no asfalto quente. Laura tira o sapato e as meias. Descalça, sente toda a sorte orgânica que nasce do concreto. Chega perto da mulher com quem sonhou a vida toda. Ela está de braços cruzados e diz que viu tudo que aconteceu dentro do ginásio. Percebe o olhar mais congelante do que o freezer de sorvete. A fantasia de Pateta enfim lhe cai bem. As festas são sempre para os outros. O anjinho de gesso não reza por ela, o sal não tempera sua vida, o carretel não arremata uma história feliz e a caneta não escreve um novo roteiro. Não sabe mais onde pisar. Tudo é areia movediça. 



MEU LUGAR É NA ÁGUA

{Fábio Kalvan}

Terça-feira, 13/08/19 – Estou moída, hoje foi pesado. Odeio tiros, parece que o coração vai sair pela boca ou que vou morrer afogada. Chega a dar ânsia de vômito. O Paulo, esse nunca tá satisfeito, só fica gritando “mais, mais!”... diz que demoro na virada, que preciso forçar a braçada e melhorar a propulsão, mas como se estou no limite? O resultado é esse, o corpo todo desconjuntado, penso fazer uma coisa e a perna faz outra. E com esse sol de rachar, a água morna, chego em casa mole, mole... Passei voando na padaria, louca que estava para chegar em casa, só peguei o leite e saí. Nem sei como estou escrevendo. Na verdade sei sim, botar as coisas no papel tem me ajudado a manter a cabeça no lugar. Bom, pelo menos amanhã só tenho técnicas e musculação, sessão mais tranquilinha, o Paulo não grita tanto e a ansiedade baixa um pouco. Agora deixa eu comer a gororoba que a nôtri me passou antes que durma sentada.

Quarta-feira, 14/08/19 – Estava relendo o que escrevi ontem e hoje de fato foi mais tranquilo, graças a Deus, porque eu estava precisando. O Paulo fica pegando no meu pé por causa do meu ataque, diz que o ângulo não está bom, que não sei o quê... daí que fiquei fazendo uns educativos, uma repetição sem fim, um saco, mas pelo menos tenho mais sossego. E teve a musculação... bom, musculação é musculação, eu preferia uma surra de caibro, me sinto uma idiota, mas não tem como escapar. Agachamento é um tipo de tortura, só pode. Mas gosto quando o dia é assim porque termino mais cedo. Tive sorte de pegar de cara o 3.70, vim conversando com o cobrador e quando dei conta já estava a dois pontos de casa. Pude sentar um pouco na padaria, tomei um expresso, comi um doce (que a nôtri não me leia), conversei com o Seu Américo, com o Dimas. Seu Américo é um fofo, sempre preocupado comigo, me ajuda muito, não teria dinheiro para tudo o que pego lá. Ele me incentiva, dá conselhos, sempre diz que devo estudar, que essa minha vida é curta, que tenho que pensar no futuro... ele tem razão. Já o Dimas só quer me comer, ele e as “cantadas de padeiro” dele. Às vezes fico de saco cheio, às vezes até que gosto. O que eu não entendo é a Sueli, sempre de cara fechada comigo, sempre me atendendo com má vontade. Nunca fiz mal a ela. Sei lá. Bom, deixa eu ajudar a mãe a terminar a faxina.

Quinta-feira, 15/08/19 – Nossa, parece que minha cabeça vai explodir. Cheguei do treino e tava a maior briga em casa, a mãe discutindo com o Antônio. O de sempre: que ele não estuda, que não quer saber de trabalhar, que fica vagabundeando o dia inteiro. Um inútil. Já falei para tomar cuidado com o Alicate, que todo mundo no bairro sabe com o que o Alicate anda metido, mas não ouve, diz que é amigo de infância, que vivia aqui em casa. Terminou que o Antônio saiu batendo porta e a mãe ficou chorando. Puta vontade que tenho de sair daqui, desta vida, deste lugar, mas com a bolsa que recebo da prefeitura, sem chance. Antes, quando passei na padaria, tava lá a Sueli querendo me fuzilar com os olhos, uma tromba desse tamanho. Sinto até uma coisa estranha quando ela vem me atender, uma energia pesada.

Se peço um *cappuccino*, então, parece que o mundo vai acabar. Ela não fala nada, mas nem precisa. Fiquei pensando se não é porque o Dimas fica todo cheio de graça para cima de mim. Será que eles têm alguma coisa? Ela tem ciúmes de mim? Se ela soubesse do que eu gosto... Para completar, o dia inteiro eu nessa ansiedade, o Paulo me cobrando, incentivando mas cobrando, a prova no domingo, a preocupação em fazer um bom tempo, talvez eu tenha alguma chance. Será uma puta experiência, mas estou com medo, reconheço. Medo que, engracado, some quando estou na água, sobretudo naqueles segundos depois que mergulho e antes de começar os movimentos, quando estou submersa, quando tudo é paz, quando sinto o abraço mais apertado da massa líquida, quando o barulho do mundo some e ouço o silêncio quase absoluto. Gosto até do cheiro do cloro, da ponta enrugada dos dedos. Ali me sinto bem. Por isso que meu lugar é na água. É difícil, mas é meu lugar.

Sexta-feira, 16/08/19 – Meu irmão não dormiu em casa, a mãe ficou desesperada e eu não consegui dormir direito. Uma merda. O bom é que, sem treino (a prova é depois de amanhã), pude ficar na cama até mais tarde, para compensar. Mas a ansiedade, essa continua, meu Deus. Me lembra quando passei da piscina para águas abertas, o receio de não dar conta, de ser um fracasso, de rirem de mim. A mesma sensação agora. Se bem que desta vez é prova maior, mais gente, chance de ser vista por um clube grande. E será minha primeira disputa em Ubatuba. Até a Poliana Okimoto vai estar lá, quero uma foto com ela, sonho encontrá-la.

Tinha ido pegar o maiô e a touca que vou usar domingo com o nome da padaria e me deu um estalo: será que a louca da Sueli tem inveja de mim? Será que ela me acha muita coisa e por isso me odeia? Que doida. Eu tive sorte de conseguir vaga na escolinha da prefeitura, de encontrar o Ricardo, que achou que eu levava jeito e me indicou para treinar com o Paulo. Não fosse isso e a balconista da padaria seria eu. Ou da farmácia. Ou caixa do mercado. Ou diarista, que nem a mãe. E se não conseguir um bom resultado na prova, quero ver o que vou fazer. Vida fácil? Só se for a dela, branquinha, bonitinha. Não sei de onde ela tira essas ideias. Na escola ela não era assim.

Sábado, 17/08/19 – Estamos saindo para Ubatuba. Um *iceberg* mora na minha barriga.

Domingo, 18/08/19 – Fecho os olhos e o que me vem são *flashes* da prova. Três braçadas, o sal queimando na boca, vejo alguém do meu lado, mais três braçadas, a escuridão abaixo de mim, o bote da organização, três braçadas ainda, sinto que chuto alguém, mas tudo em ordem porque apenas desconto aquilo que foi praticamente um soco na minha orelha esquerda pouco antes. Entre uma respiração e outra, quando os sons estão distantes como em sonhos, vejo o Paulo exigindo mais, vejo todo o esforço da mãe, vejo a cama do hotel para onde quero voltar, me vejo pequena diante dessa água toda, me vejo grande no alto de um pódio. Vejo também enorme, gigantesca, a cara desagradável da Sueli. Numa braçada relo em algo e consigo perceber que é a boia, queria me agarrar a ela, mas não, a praia está chegando, consigo vê-la já, tenho vontade de rir e engulo um oceano. Tudo some. Tudo reaparece quando alguém me ampara na praia, quando Paulo me abraça, quando alguém me diz que consegui. A mãe vai ficar contente, Seu Américo também, o Antônio não está nem aí e a Sueli terá enfim motivo para invejar minha medalha. ♣

ROBOF

5.0

[Jan Bittencourt]

Madonna faz 92 anos e está no seu auge. Escrevo sempre pensando no meu eu de 40 anos e na dificuldade que tinha em me imaginar velhota. Então, uma referência conhecida dos anos 20 pode ajudar a antiga Janine a se situar melhor em que ponto do tempo estamos, já que é prudente postergar os capítulos mais apocalípticos pra depois do contexto wild & fun. Me conheço.

Tá mais divertido do que o previsto, esse é o spoiler que eu já queria me dar. Embora hoje seja o dia oficial da ressaca e meu fígado artificial ande meio bugado, pois tenho preguiça de reclamar e receber um modelo pior (a Apple nunca fez nada muito durável mesmo). O tempo passa, quase tudo declina, mas os flashbacks de uma bebedeira ainda compensam o mal-estar.

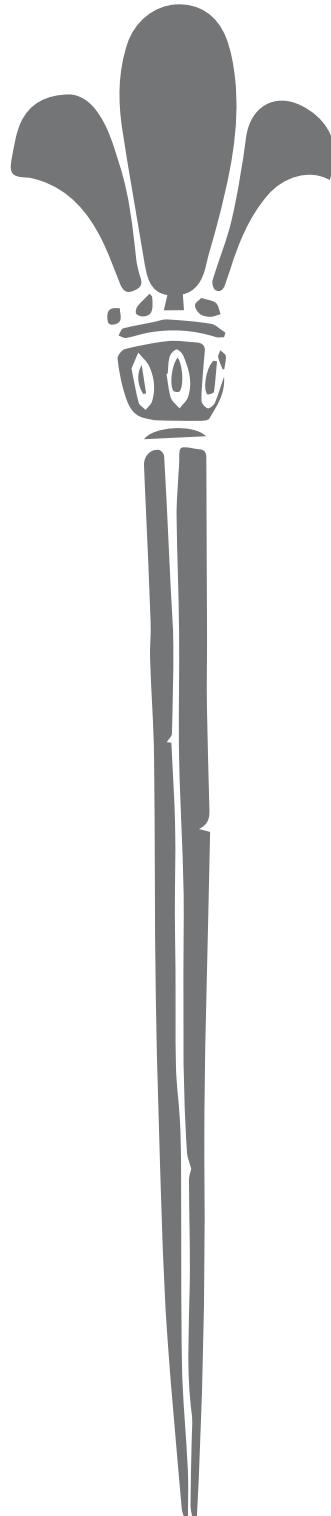
Ontem fiquei bem satisfeita com o Robof 5.0 que estou ajudando a educar e eu mesma já acho difícil desconfiar da sua condição não humana. Passou o dia em casa refinando seus hábitos sociais, citando de cabeça trechos de livros que amo e alguns sonetos de Shakespeare (sem ser pedante), tocou e cantou velhos clássicos como The Strokes e The Killers, e exibiu uma disponibilidade emocional difícil de encontrar nos humanos heteros que sobraram.

Depois que uma mulher assumiu a empresa desenvolvedora, explodiram as vendas de Robofs e os novos modelos estão roubando o lugar dos poucos humanos machos que saíram em manifestações em vários países-empresas. Como não sobrou quase nada da imprensa pra divulgar isso, são poucos os que sabem da realidade. A inteligência artificial é tão intuitiva que ontem presenciei um pirocóptero na sala e caí na risada pensando de onde veio aquela programação.

Abrimos uma garrafa de vinho pra comemorar e continuar os testes físicos. Achei a nuance Sensível & Safado ainda meio descalibrada pra uma senhora de 73 anos e acordei com uns roxos pelo corpo. Mas o público-alvo dele tem 40 e é exigente, então não ligo de acrescentar um analgésico no meu soro matinal. Aliás, preciso anotar uma dúvida: onde será que os Robofs aprenderam a ficar admirando sua performance no espelho, se isso nunca esteve no manual deles?

O almoço de sábado é sempre cheio de fofocas, e ando curiosa sobre as atualizações dos meus amigos. Todo mundo aqui do condomínio geriátrico é cobaia da Tesla Robotics, já que sobraram pouquíssimos humanos avançados. James ia testar duas Robettes num ménage e prometeu um relatório detalhado pros menos ousados (se conseguir alcançar o andador hoje). Bressane recebeu ontem sua modelo já programada para sussurrar poesia erótica em francês e russo enquanto transam. Ou seja, ninguém pode reclamar muito da vida aqui.

Domingo é nossa folga e podemos desligar o monitoramento permanente e os implantes (sem a certeza de que eles realmente param de nos vigiar, claro). Combinamos de fugir além das fronteiras empresariais e acessar a réplica do fax temporal dos rebeldes. Se esta página chegar até você, não preciso nem explicar o seu funcionamento. Em 2020 ainda dá pra evitar muita merda, mas as instruções mais pontuais eu envio na próxima. ♡



RAINHA DOS DOCES

{Ian Perlungieri}

Como. Como. Como.

O granulado desliza da minha boca para a garganta como naquele dia em que minha irmã e eu experimentamos juntas o meu primeiro brigadeiro. Eu tinha exagerado um pouco no chocolate em pó, o que foi corrigido nas vezes seguintes. Sete colheres de chocolate. Nunca mais esqueci.

A Val me olha feio. Eu sei, eu sei que não é hora de comer. Tô passando o meu avental aqui. Calma. Saco. A Val é como a minha mãe, que pegava no meu pé quando eu ficava até tarde na cozinha. Eu ficava lendo as receitas da minha avó em um caderno cujo título era Rainha dos Doces. Folheava página por página e fazia uns testes com o que tinha em casa enquanto minha mãe gritava do quarto. Você tem que acordar cedo amanhã, ela berrava. Eu sei das minhas obrigações, mãe. Eu sei.

Termino de desamassar meu avental e passo pelo depósito, onde há uma cadeira. A farmácia é como uma loja de doces. Sei que parece que estou viajando, mas pense bem. Nas duas, têm o depósito. Em uma, há pequenos comprimidos para serem ingeridos. Na outra, há balas, que também são pequenas e serão engolidas. As duas são exploradas por crianças curiosas. Sei que vai dizer que crianças são curiosas com qualquer coisa, mas escute bem o que estou dizendo. Elas são a mesma coisa, farinha do mesmo saco.

Desço as escadas e pergunto se é para ficar no caixa. A Val diz que é melhor eu fazer minha seção. Afinal, ontem faltou dinheiro no meu caixa de novo. Parece que a Val fica me acusando como naquela vez que disseram que eu petisquei um pouco do creme de maracujá. Lógico que eu tinha petiscado. Mas dinheiro é diferente. Comida pode roubar um pouquinho, dinheiro não. Experimentar um pouco do que eu faço é parte da profissão. Tenho que saber se está doce, amargo, azedo. Dinheiro não pode experimentar. Eu sei a diferença.

Tiro os absorventes da prateleira, um por um. O objetivo é arrumar como está no planograma. Ajeito os óculos no rosto para ler cada um deles. Tem para todos os gostos. Com aba, sem aba, noturno, cobertura suave ou seca, fluxo súper, fluxo médio, fluxo míni. É como aquela sequência de chás que minha neta fica recitando de cabeça. Mirtilo, framboesa, ginseng, boa noite, chá verde, chá verde com limão, chá verde com limão e mel, chá para o fígado, gengibre com mel, baunilha, trufa com coco, camomila, camomila com mirtilo, baunilha sem cafeína, chá preto e earl grey. Aí eu tenho que perguntar se ela inventou algum desses nomes. Faz tempo que ela parou de falar isso.

A Val briga comigo. Diz que estou fazendo a seção do Tico e que eu deveria estar arrumando as fraldas geriátricas.

O Tico e os outros ficam de tititi como minha neta estava com as amigas. Foi depois dessa conversinha delas que me falaram que eu deveria parar de cozinhar e achar algum outro emprego. O aluguel estava bem apertado e meus pratos já não faziam mais tanto sucesso. Minha neta que sugeriu que eu tentasse a vaga como atendente na farmácia do bairro. Disse que estavam contratando qualquer um.

Vou até as fraldas geriátricas e faço o que tenho que fazer. Ainda dá tempo de puxar o Tico para um canto e dizer que não gosto que falem de mim pelas costas, mas ele diz que não se chama Tico. Digo que ele só pode estar brincando, como minha neta fazia comigo antes de dormir. Ela repetia uma sequência de chás que sabia de cabeça: mirtilo, framboesa, ginseng, boa noite, chá verde, chá verde com limão, chá verde com limão e mel, chá para o fígado, gengibre com mel, baunilha, trufa com coco, camomila, camomila com mirtilo, baunilha sem cafeína, chá preto e earl grey. Depois eu perguntava se ela tinha inventado algum desses nomes. Ela ria e dormia.

Quero ir ao banheiro. Subo. Como. Como. Como.

O pedaço de pavê de amendoim vai da geladeira para minha boca. Mastigo aquela sobra da festa junina quando a Val chega. Ela me olha feio, dizendo que eu não deveria comer a comida dos outros. Digo que o pavê é meu, como sempre. Afinal, eu sou a responsável por todos os doces das nossas festas juninas. Tá, se você insiste, eu te digo. Também sou a responsável pelos salgados, mas não falei antes pra que você não pensasse que estou me achando. Toda a família sabe que o pavê é meu por direito, mas confesso que devo ter exagerado no creme de leite. Está com um gosto forte de paçoca.

Desço as escadas e volto para o caixa. Digo os botões para abrir o meu caixa e peço para que o próximo cliente se aproxime. O Tico diz alguma coisa, mas eu o ignoro como minha mãe fazia quando eu dizia que seria a próxima Rainha dos Doces. Eu dizia mãe, eu vou ser a próxima Rainha dos Doces, que nem a vovó. Eu vou decorar todas as receitas do livro e todo mundo vai amar, você vai ver. Eu vou chegar lá, mãe. Eu vou chegar lá.

O Tico sai e volta com a Val, que me pergunta o que é que estou fazendo no caixa. Respondo que estou trabalhando, mas ela dá uma bronca em mim de novo. Diz que é para eu fazer a minha seção. Fico constrangida como a milésima vez em que me aproximei da minha mãe para falar os chás que eu conhecia de cabeça. Mirtilo, framboesa, ginseng, boa noite, chá verde, chá verde com limão, chá verde com limão e mel, chá para o... Ela me interrompeu e falou um monte de grosserias para mim. Usou a Rainha dos Doces para me bater e depois jogou fora o caderno da vovó. Nunca chorei tanto.

Ah, é. Eu quero ir no banheiro. A caminho de lá, passo por um garoto que parece perdido. Pego umas balinhas brancas de uma prateleira e dou para ele experimentar. Criança gosta de loja de doce como eu gosto da minha cozinha. Minha filha até que gostava de cozinhar comigo, mas ela faleceu dando luz à minha neta. Meu genro, pra variar, fez que nem biscoito de sequilho em contato com a boca e desmanchou. Aí precisei cuidar sozinha da menina. O problema é que ela não se interessava tanto pelas receitas. Só gostava dos chás, que sempre soube recitar de cabeça.

A moça dá um novo berro, acho que é Val o nome dela. Tira o doce da mão da criança e fala que eu sou uma irresponsável, que não posso dar aquele doce para a criança. Aí teve o escarcéu. A moça fica na dúvida se chama a polícia ou a ambulância e todo mundo parece gritar comigo. A moça me leva pro andar de cima. Achei que ela estava me levando para o banheiro, mas ela me coloca em um depósito e me faz sentar em uma cadeira. Ela implora para que eu fique sentada por lá enquanto ela liga para alguém. Já, já alguém vai subir aqui ficar com você, calma. E fecha a porta. Fico ali sentada, com várias cartelas de doces brancos ao meu redor. No centro da sala, estou em um trono. Eu conquistei o meu lugar, mãe. Eu cheguei lá. Sou a Rainha dos Doces. Me sinto orgulhosa como quando fiz o brigadeiro pela primeira vez. Me sinto feliz como quando confiaram em mim nos doces e salgados da festa junina. Me sinto maravilhosa como... como... como.



ESMERALDINA: UMA HAGIOGRAFIA

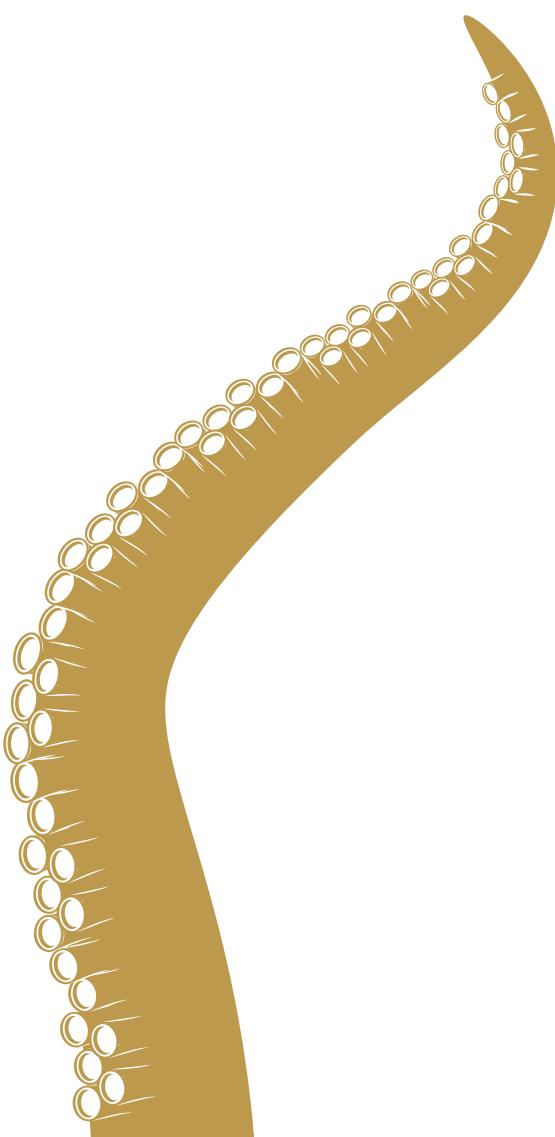
{Victor Toscano}

Tu és santa. Como te sentes? Acordas na hora de costume, cinco da manhã, bebes o chá-da-índia, comes uma fatia de pão: tua única fonte de nutrientes quando não estás em jejum. Hoje teu corpo está mais fraco, bem mais fraco. Tu decides dar um passeio no pátio do convento, depois no jardim logo à frente pois é o que o Senhor te ordena. Tu nunca saíste da Toscana e não vês necessidade para tanto. Muito menos hoje, o dia de tua morte.

Tu te lembras de quando eras uma menina, dos passeios com a irmã no campo de acácias. É possível que a *Camellia sinensis* esteja neste momento operando dentro do teu corpo. Ao deixar o convento, te surpreendes com o acardumar flocado de dentes-de-leão saltando em teu rosto, com o perfume de asas de abelha, o carnaval de detritos de pólen beijando tua columela. Tu és santa, mas não o sabes. Há quem fale dos teus milagres; mal sabem que milagres não pertencem às pessoas, são dádivas do Cristo, são como o pólen, o buqué de acácias, existem para quem lhes permite entrada.

Tu és uma mulher bonita como são quase todas as italianas campesinas. E como muitas italianas campesinas de quatorze anos de idade, tu também foste chamada aos assobios por um mancebo para trás de um cipreste às margens do rio Arno, onde te escorreram sangue pela primeira vez. Não esperavas que fosse tão bom assim. Em seguida, abandonada pelo amante ocasional, entraste na água e O viste. Ele punha os dedos na crista de peixes que subiam à superfície e faziam bolhas com as guelras. Jamais uma alma te sorriu do mesmo jeito, e se alguém te contasse de outra fórmula para alcançar a paz que não o desposório com o Cristo, dirias *no, grazie*.

Tu perdeste teus pais e precisaste morar com tua irmã na casa do tio Apolônio. Tua irmã morreu afogada e teu tio, esmigalhado por uma carroça desgovernada. Quantas perdas na tua curta vida, jamais baixaste o cenho nem te afastaste de Deus. Na noite do velório do teu tio, sonhaste com jovens garotos nus ostentando coroas de lírios e barquejando de mãos dadas até as nuvens. Era hora do teu serviço, e te recolheste à ascese junto de tantas outras meninas no convento Carmelita Maria dos Anjos. Inoculaste teu corpo em arrebatamento tantas vezes dizendo a palavra do Cristo, praticaste tão disciplinadamente os deveres ascéticos levando-os ao estado da arte, que encheste de orgulho e inveja tuas irmãs carmelitas, a cujos corpos admiravas e tentavas decifrar por trás de qual árvore teriam elas sido encantadas. Tu deste prazer às irmãs Julieta e Caterina com o rosto enfiado dentro de suas saias, descobriste assim que a maior parte das almas somente alcança a comunhão meditativa com Jesus quando subsumidas em êxtase genital. Tu te compadeces das santas italianas que parecem haver sido canonizadas quase que exclusivamente por uma recusa pública do prazer sexual.



Tu aprendeste que o prazer sexual é o único serviço altruísta que se pode oferecer ao próximo: Jesus Cristo não o disse, mas certamente o pensava.

Falaram teu nome na canonização, Maria Esmeraldina di Padua e Britto, e de tuas experiências místicas desde tão tenra idade. Chamararam-te de a santa que faz brotar um sorriso nos desvalidos e doentes. A forma pela qual o sorriso brota, salvo uns poucos boatos e folclore, se segreda entre os agraciados e o Nosso Senhor. Jesus não o disse, mas certamente pensou: Vão, minhas crianças, crescei e chupais quantos paus puderes. Assim o fizeste.

Tu desvendaste que esperma não tem sempre o mesmo sabor. Enquanto a seiva de um frei juvenil pode impregnar a garganta de retrogosto acre, a de um general velhaco convalescendo num hospital de campanha, cujo pênis miúdo e quase gangrenado em função de um golpe de espada pouco se ergue, pode descer doce como geleia de mirtílos.

Tu iniciaste uma dieta rigorosa à base de esperma e água. Aos domingos não te privaste do direito a filetes de queijo provolone. No trigésimo dia caíste que nem vassoura mal encostada entre tuas irmãs; elas te carregaram ao quarto. Quando acordaste, tu colheste caules de rosas, fizeste uma coroa e a cravaste na testa até que os espinhos perfurassem a pele. Saíste ao pátio com sangue respingando na camisola e abriste os braços, os anjos maldisseram tua beleza. A imagem produzida a seguir fez ajoelhar as carmelitas para uma dedicada oração; depois do quê, surgiam em teu quarto nas horas mais silenciosas para receber carícias e por isso sofreste repremenda do padre Giovanni, que te falou, enquanto erguia a bata para que lhe agafanhaste o pau, que a Igreja já não via com bons olhos mulheres jejuando, vinha até restringindo seus títulos de veneráveis. Coma uma maçã de vez em quando, ele disse, e não se preocupe demais com as questões da religiosidade, pois a mulher está para o homem assim como a carne está para o espírito.

Tu decidiste se voltar aos mais inocentes, aos puros de coração. Detinhas crianças coletoras de fruta pela estrada e brincavas com suas partes íntimas. A maioria dos meninos não ejaculava, outros sim. Tu atinaste em que há uma idade aproximada para que a seiva se produza, mas o prazer, à revelia de seu jorro, estava sempre presente. As meninas rasgavam a cortina da xaninha deitadas em vias terrosas nos arredores de Florença e trombeteavam de prazer ao exercício virtuoso de tua língua. Perguntaste a ti mesma desde qual idade pode a alma gozar com o Senhor o canto da vida? E tu mesma respondeste: desde que é concebida.

Tu visitaste as maternidades da Toscana, fizeste ericar pênis tão mínimos que pareciam um broto de feijão nascendo. Punhas a boca, sentias tremer o pequenino botão de pele invaginado a propalar sorrisos espetrais nas faces dos bebês. Tu fariscaste o deleite em seus olhos. Nas bebês, passaste com doçura a unha nas vaginas que te lembravam bisnaguinhas de pão, as recém-nascidas espremiam os lábios, tu lhes beijavas o corpo inteiro. Eram criaturas cuja linguagem estava mais próxima de Deus e pudeste jurar que, ainda que não fossem capazes de nomear a excitação, ardiam com maior plenitude do que qualquer corpo maduro. Perguntaste a ti mesma até qual idade pode a alma gozar com o Senhor o canto da vida? E tu mesma respondeste: até desencarnar.

Tu visitaste asilos em Siena; lá os pênis já não subiam, mas se regozijaram do mesmo modo com o calor da tua boca, o sorriso da graça coloria as caveiras vivas que eram aqueles

senhores e senhoras. Foi fazendo sumir teus dedos e língua dentro de velhos com odor escrotal insólito que percebeste a vastidão diversa de preferências com a qual se pode cantar para Cristo. Soubeste de gostos deveras particulares desenvolvidos após décadas de conhecimento do próprio corpo. Os velhos descontinaram a ti formas de prazer que não pela fricção de um sexo no outro. Lambeste pés e cotovelos, joelhos e axilas, sentaste nos narizes enrugados por horas. Levaste crianças para os velhos amamentarem, chupar os períneos e por cima das quais defecarem. Aliás, oferecer crianças para o usufruto clerical te abriu todas as portas da Igreja. Os velhos sabiam se agarrar às raspas da vida como nenhum demônio. Franqueaste teu cu tão heroica e largamente para o serviço evangélico, que ali certa tarde se esqueceu um candelabro.

Convidaste loucos e acometidos por chagas para serem lambidos e foi aí que Nossa Senhor se fez plenipotente por teu intermédio. As chagas foram se recosturando, os loucos tornaram-se eloquentes. Os afilhos matricularam-se na esperança da boa ventura e do sorriso, perseverantemente o sorriso calou os sussurros do pecado. Foste ainda mais fundo na cura dos doentes mentais. Passaste por todos os manicômios de Florença, em cuja degradação do humano se fazia aberrante; te puseste a chupar o badalo de todos os cadavéricos dementes lançados em montinhos de feno, vestindo trapos ou completamente nus. O esquizofrênico Elias, que antes de ejacular dezessete vezes na tua garganta apenas balbuciava gemidos acerca de suas alucinações pestilentas, passou a articular corretamente o italiano, além de adquirir mais duas línguas e se tornar homem de negócios. Para praticar tua Eucaristia livremente, bebeste litros e litros de esperma dos carcereiros. Valeu a pena, pois aquelas criaturas eram tratadas pior do que prisioneiros, a quem, aliás, também visitaste e amainaste o martírio. Foste a alegria da Toscana por anos e anos e anos. E hoje teu trabalho se encerra.

Teu corpo neste momento é fraco como o Senhor desejou. Marchas ao córrego. Tens trinta e sete anos e permaneces a santa mais linda que a história humana já pôs em cena. Tu te sentas sobre uma pedra. Tu meditas enquanto duas cobras vão rastejando pra cima de tuas canelas, entram em tua saia; uma se detém na virilha, outra, nos seios. As picadas são como a mordida carinhosa de um cão filhote. Dormes se não o sono dos justos, então o dos exauridos. Tu és santa, mas não o sabes e isso nunca te importou.

Tua canonização foi celebrada no dia 7 de junho, na cidade de Pádua, e sacramentada por Clemente XIII, em 1761, tendo como conclusão do processo a cura milagrosa do Louco Elias de Siena, que se tornou produtor de queijos provolone, e da paralítica Monica, a quem se testemunhou saltitar e dançar em festas. Realizada a oficialização, teu legado se comprovou prodigioso e por todos os rincões do mundo te puderam adorar. Foste homenageada nas mãos do imenso cineasta Vittorio de Sica no filme de 1954 *Il sorriso dalle viscere*. Figuras nos mais importantes livros hagiográficos da Igreja Católica. Nas cidades de Lublin, Timișoara, Samara, Yekaterinburg e Rio Tinto há estátuas de ti; em duas delas tens as mãos erguidas, em cujas palmas costumam dormir gatos de rua. De que se tem notícia, pelo menos uma procissão em tua homenagem acontece na África do Sul todo ano. Antes de serem banidos da Europa, cinco manicômios em teu nome prosperaram agasalhando multidões de lunáticos. Estás nas orações de inúmeros homens impotentes e mulheres frígidias mundo afora. E no Brasil, cidade do Recife, foi fundado um colégio em teu santo nome. ♣



DIALOGOS DIABÓLICOS

Igual à minha mãe
Vivinha da Silva
Porco corrido
Filme de guerra
O tarado do Opala amarelo
Limpeza
Cuidado: vai espumar e crescer
PAT 1984

Bianca Toloi
Chloé Pinheiro
Liu Lage
Jealva Ayila
Martim Sampaio
Murilo Reis
João Hélio de Moraes
Cristina Porto Costa

Arte

Eva Uviedo





IGUAL À MINHA MÃE

{Bianca Toloi}

Karina encosta a porta do quarto atrás dela e vai para a sala.

— Ela dormiu?—Paulo assusta com seu movimento e sussurra.

— Dormiu.—Karina responde em um tom mais alto, ríspida. Ela estala o pescoço e as costas, suas mãos massageiam a lombar. Ela se senta à mesa de jantar.

— Podemos resolver isso esta noite? Já estamos há dois meses sem tocar no assunto...—Paulo pergunta, do outro lado da mesa.

— Você sabe que eu não tive tempo, não foi porque eu não quis... Peguei mais plantões este mês. Agora vai dar pra pagar... Mas tá difícil conseguir achar alguém que fique com ela durante as noites.

— Karina... Mais uma cuidadora não vai adiantar. E a gente não queria alguém aqui o tempo todo. Esse era o combinado.

— Era o combinado no começo. Eu não sabia que em poucos meses—Karina pausa—ela ficaria assim...

— Ninguém tinha como saber. Mas agora temos que pensar na gente também. No futuro.

Karina sobe o olhar da mesa, mas não chega a encará-lo.

— Eu já disse que não. Nunca me perdoaria... Isso não se faz... Você não entende...

— Eu entendo, sim. Já disse... Só estou tentando ajudar...

O silêncio não dura nem um segundo e Paulo retoma.

— Eu conversei com a Marcia esses dias. Ela passou pela mesma coisa com a mãe dela. Disse que pesquisou muito e ouviu a opinião de vários profissionais antes de tomar a decisão... Visitou os melhores lugares... Deixou primeiro só um fim de semana, depois uma semana... Aí ela entendeu que era o melhor pra mãe dela. E pro casamento deles também.

Karina respira fundo e faz carinho no vidro da mesa.

— Não foi nem o Victor que me disse isso, foi ela.

Karina interrompe antes de continuar.—O Victor tá sabendo? Eu falei que não queria mais ouvir de vocês dois juntos.

— Karina, eu já disse que ele não teve nada a ver com o que aconteceu... Foi só uma coincidência.

— Ele não tinha nada a ver. Ela não tinha nada a ver. Você não tinha nada a ver. Seu pai não tinha...

— Meu pai?! Eu não falo com meu pai há anos!

Karina estuda as suas digitais na mesa de vidro antes de responder.

— Seu pai... A gente prometeu!

— Prometeu o quê? Do que você tá falando?—Paulo se levanta. E se senta novamente.—Você falou que tinha me perdoado! Que a gente era maior que isso...

— A gente prometeu... A gente se prometeu que você nunca se tornaria o seu pai. E que eu nunca me tornaria a minha mãe...

Paulo olha para a mesa e para os dedos de Karina, suas unhas pintadas carimbando a superfície. Ele fixa seu olhar por alguns segundos no dedo da aliança. A ponta do dedo está curvada, bem na articulação. Artrose.

— Karina... Eu... Não tinha reparado... Desde quando?

— Ah, já faz uns seis meses. Desde quando minha mãe se mudou aqui pra casa... Na mesma época que você...

Paulo leva suas mãos para perto das mãos de Karina. Ela esconde os dedos dentro dos punhos, longe dele.

— Tá tudo bem, acho que é só uma artrose leve... Não sinto mais nada em nenhum outro lugar... E continuo sendo a melhor do sudoku no hospital. Minha cabeça continua boa. Tá tudo bem. Nada mudou. Nada tá mudando...

— Você marcou com um neuro?—A voz de Paulo retoma o tom de sussurro.—A gente devia ter feito o teste cinco anos atrás... Era melhor saber...

— Paulo! Eu não tô doente! Eu não tenho nada. É só um dedo, deve ser o stress! Quando minha mãe descobriu... Quando minha vó descobriu... Foi tudo muito rápido. Eu já estaria com formigamentos agora, com outros sintomas... Com outras coisas na cabeça... Eu não tô doente. Eu não sou doente. Eu não sou igual minha mãe...

— Amor, eu te amo. Você não é igual sua mãe. Você nunca foi... E eu não sou igual meu pai, eu nunca fui... Eu cuido desta família. Esta família é tudo pra mim... Eu nunca te trocaria... Eu não te troquei, nem vou te trocar... Por nada, não importa o que aconteça...

— Não vai acontecer! Eu não quero e não preciso que você cuide de mim... Eu não tô doente.

— Eu sei! Não é disso que eu tô falando... Você não está doente, a gente se ama, e a gente cuida um do outro... É isso. E a gente vai cuidar juntos da sua mãe...

— Não sei...

— Mas não é isso que você quer? Cuidar dela? Pra ela saber que você está por perto...

– Não é por isso! É porque é isso que quem ama faz! Não abandona! Não deixa com estranhos! Não passa noites fora de casa...

– Karina...

– Eu não sei... Não sei mais o que é isso que a gente tem. Eu olho pra você e só consigo ver o seu pai agora... E eu... Se eu me tornar a minha mãe....

– Você não vai... Isso foi uma brincadeira no começo do nosso casamento. A gente é diferente. A gente se ama.

– Eu amo minha mãe! E ela me ama! Ela nunca me abandonaria...

– Eu não vou te abandonar! Eu prometo...

– Promete...

– Prometo!

– Não sei...

– Olha, a gente pode fazer assim. Sua mãe fica aqui mais dois meses, mas você tem que deixar de fazer força tentando carregá-la! A gente contrata uma cuidadora pra ficar à noite... E enquanto isso você dá uma olhada nas opções... Quem sabe um fim de semana a gente deixa ela em um desses lugares... A gente aproveita pra ficar junto... Pra poder fazer barulho...

– Eu sabia que era sobre isso!

– Não, Karina... Eu só sinto sua falta.

Karina aperta todos os dedos dentro dos dois punhos cerrados.

– Eu vou dormir. Apaga a luz quando for pro quarto? E eu deixei a porta dela entreaberta... Não fecha. ♦♦

VIVINHA DA SILVA

{Chloé Pinheiro}

Só serviçais como eu desfrutam da real beleza do restaurante mais alto de São Paulo, o Terraço Itália. Ela aparece à uma da manhã, quando os clientes foram embora, o piano está fechado e o silêncio senta nas cadeiras acolchoadas de madeira maciça para observar a cidade. Sou a última a ir embora, como sempre. Estou trocando as toalhas brancas da última mesa distraída com a vista. Pronta para cometer meu delito usual: fumar na varanda do restaurante, sozinha, no cantinho que a câmera não pega. Lá na rua, uma figura indistinta atravessa a avenida tropeçando. Lâmpadas se apagam aos poucos, já decorei os insones, as últimas TVs a desligarem nos prédios ao redor. Apago a bituca na sola do sapato e, ao virar, noto uma silhueta familiar na outra ponta do salão todo decorado em tons de mogno e lustres de cristal. Pisco duas vezes. Ela ainda está lá. Vou me aproximando do vulto rechonchudo e começo a distinguir as formas. O cabelo, outrora cor de mel, está tomado por raízes grisalhas penteadas para trás. As sobrancelhas tatuadas em forma de V ao contrário, o dedo indicador retorcido de artrose apontado para mim. Não pode ser.

– Como é, menina, não vai cumprimentar sua avó?

Preciso me sentar. Há um ano, recebemos a ligação de M., seu marido português, um homem que raspava diariamente a careca com gilete, dizendo que ela tinha morrido. Infarto fulminante em Lisboa, durante uma caminhada matinal. As artérias já estavam corroídas faz tempo, mas ela não sabia que era cardíaca. Nós não tínhamos dinheiro para ir ao velório, tampouco M. poderia mandar o corpo ao Brasil. Ficou por isso mesmo. E agora o corpo estava ali por conta própria, usando uma blusa com mangas compridas e estampa de oncinha. Vivinha da Silva. Você, você... Você não tinha morrido?

– Escuta aqui, eu tive que armar tudo isso, cê entendeu? Tinha uma galera barra-pesada atrás de mim.

– Desculpa, mas não entendi... E as fotos que recebemos?

– Tudo armado, o idiota do meu marido me ajudou. O enterro nem era meu. No fim das contas, ele que acabou morrendo pouco tempo depois, deve ser carma.

– Meu Deus... E o seguro de vida que recebemos?

– Picaretagem pura, mandamos uma certidão de óbito falsa por fax para a companhia.

– E como você voltou pro Brasil?

– Você é burrinha mesmo, né, deve ter puxado do seu pai. Eu nem saí daqui, garota, cê entendeu? Tava em Itaquá, num sítio alugado. Inventei essa história de mudar pra Portugal pra fugir dos agiotas.

– Mas como...

– Por acaso você é polícia pra fazer tanta pergunta?
Sua avó tá viva, poxa, dá um sorriso!

O silêncio sentado nos espia.

– Bem que estranhei essa história de coração, logo você...

– RÁRÁRÁ, minha garota – ela rasga a paz da madrugada com sua gargalhada, exibindo um dente de ouro e dando tapinhas na mesa. – Escuta, eu vou ser breve porque não posso ficar dando bobeira por aí.

Ela mexe na bolsa e tira de lá um papel dobrado. Desamassa com as pontas dos dedos tortos pintadas de vermelho. As unhas grandes, lisas, feito de cavalo, roçam na minha mão enquanto ela me entrega o panfleto que diz:

*O JOGO FEMININO MAIS AMADO
DA LIBERDADE VOLTA EM 26/11*

Tudo com muita segurança, discrição, e o maior prêmio da história. Exclusivo para senhoras de prestígio, que muito se divertiram aqui em outros tempos, e já sabem onde nos encontrar.

Venha testar sua sorte!

– É um bingo, chuchu.

– Você voltou dos mortos por causa de um bingo?

– Não é qualquer bingo não. É o Circuito do Dragão. Sempre com um grande prêmio anual, era o xodó dos anos 1990, década de ouro do bingo no país. Da última vez, eu perdi por um número.

– Mas os bingos são ilegais há tanto tempo.

– Você é inocente demais, meu deus. Seguimos na clandestinidade organizando uma festinha ou outra – ela diz com malícia e pisca um olho sem mover as sobrancelhas. – Mas desde que morri não podia mais ir, cê entendeu?

–

– Depois eles pararam por um tempo, a polícia tava na cola. Mas o papo agora é que esse prêmio vai ser de 50 mil reais na cartela e 5 mil na cinquina.

– E como você vai jogar?

– Aí é que tá, você que vai jogar.

– Tá louca, vó? Isso é crime.

– Ah, menina, deixa de ser sonsa. Eu vou te dar metade e depois sumo de novo. Você nem vai perceber e pode ganhar uma bolada.

Corta para a vó hospedada na minha kit no Brás, fumando Derby na janelinha da cozinha. Treinamos por duas semanas as artimanhas dessa arte milenar. Chego do trabalho, ela já vai abrindo o aplicativo do bingo virtual, depois passa com o café suas histórias do passado de sorte. *Já saí até de carro do bingo, minha filha.* Começa a dar doce pro Jamilzinho, meu cachorro. Vou aprendendo com o tempo a secar as adversárias, o linguajar do local, o que anunciar e que informações esconder.

Só escolher cartelas com números médios, que saem mais, e mesclando bem pares e ímpares. Agora sei o que dizer quando chegar na portaria, a hora certa de pedir a boa, como fingir surpresa, quanto beber – quase nada, o álcool atrapalha. Dou risada com a velha, que sempre foi tão assustadora pra mim, recuso as visitas da minha mãe.

No dia 26 de novembro, estou plantada na frente do sobrado que abriga um karaokê com salas espelhadas privadas e um grande palco coletivo na Liberdade. Pelo estreito corredor lateral concretado, chegamos a uma porta guardada por um segurança de terno e gravata. Visto minha roupa de oncinha, uma superstição familiar, e com ela anuncio:

– Vim pro jogo.

– Que jogo?

Investida pelo poder a mim concedido pelo traje, arqueio minha sobrancelha como possível.

– Corta essa, Magrão. Sou neta da Valdete.

– Tá brincando?! A rainha do Dragão. Que Deus a tenha – ele abaixa a cabeça, respeitoso, para em seguida me olhar sem vergonha. – Mas o fruto não cai longe do pé, né, minha filha? Pode entrar.

A sala quente tem diversas mesas espalhadas, um lustre de cristal e um pequeno palco no fim do cômodo. Nos cantos, máquinas de caça-níquel são ocupadas por mulheres dos 40 aos 90, com coques no cabelo, joias no pescoço, sentadas em banquetas, recolhendo as moedas cuspidas pelas máquinas na bolsinha a tiracolo. Nos falantes, Odair José canta “A noite mais linda do mundo”. Um palco fica no centro do espaço e, em cima dele, uma grande esfera de acrílico guarda 75 bolinhas numeradas brancas. Compro minhas cartelas numa mesa próxima à porta. Quatro. O segredo é jogar menos e melhor. Antes de sentar, vou ao banheiro e, enquanto me contorço para não sentar no vaso, escuto na janelinha basculante acima de mim:

– Psiu, Valdetinha!

– Quê? Quem é?

– Aqui é o Magrão, segurança.

– O que você quer?

– Olha só, pega esta cartela aqui. Fica pelo que sua avó já fez por mim.

Me passa por entre o vidro uma cartela idêntica às outras, só um pouco mais grossa. Guardo na bolsa e resolvo não usar uma das quatro que comprei. Volto para o salão. Todas as cadeiras próximas ao púlpito estão ocupadas. As velhinhas parecem se dividir em facções: miúdas japonesas centenárias acenando com a cabeça umas às outras, espalhafatosas cristás com topetes, saia-lápis e terninho, a turma das fumantes inveteradas com a voz rouca e bocas enrugadas, as carrancudas jogadoras profissionais, de viseira e bloquinho para fazer anotações. Busco os cantos e as mulheres mais silenciosas da sala. Preciso me concentrar. Assim que me acomodo numa mesa com uma senhora letárgica sentada em uma cadeira de rodas e um homem franzino, o único do lugar, começo a estudar o ambiente e minhas cartelas. A cartela do Magrão tem praticamente a mesma distribuição de números pares e ímpares das outras, números entre 20

e 50, com exceção de um improvável 74 no centro. Percebo que estou tremendo segurando o cardápio, que oferece porções de minissalgadinho, rabo de galinho, cerveja, caipirinha, vinho e batata frita. Cinco minutos depois, uma grande mulher, com cabelos laranja armados em estilo oitentista, chega ao púlpito. Veste um conjunto de saia e tailleur florido. Tem os mesmos dedos atrofiados da minha vó, mas as unhas estão pintadas de preto.

– Bem-vindas, amigas! Hoje, como todas vocês sabem, é um dia muito especial para nós. A cartela vai dar o maior prêmio da história do Dragão. Cinquenta mil reais. Sim, cinquenta mil reais. – As mulheres dão tapas alegres na mesa, riem, se cutucam, os olhos brilham. Minha testa começa a suar, espero que ninguém perceba.

– É isso mesmo, meninas. Nada de merreca para nós. Agora vou sentar pra tentar a sorte, que também sou filha de Deus, mas antes quero chamar aqui pra cantar o jogo pra gente aquele homem que todo mundo ama... Magrão!

Palmas e mais palmas. O mesmo segurança da porta surge agora sem terno, a camisa bege com os botões de cima abertos. Usa um rabo de cavalo baixo e uma corrente de ouro pendurada sobre os pelos do peito.

– Boa noite, minhas lindas! Todo mundo já tá aqui dentro, cartelas a postos. Vamos simbora. Quem ganhar ainda pode ir pra casa comigo.

Risadinhas abafadas. Magrão pisca para a plateia, roda a esfera e tira de lá a primeira bolinha.

– E começou o jogo!

Sei o que isso quer dizer, e tenho o número um nas três cartelas – só na do Magrão que não. Ele segue cantando e eu vou mal, ainda nem perto de fazer uma coluna, fileira ou cantos. Será que o Magrão era na verdade inimigo da minha vó? Qual é a graça de fazer uma sacanagem dessas? As cinquinas pouco a pouco são conquistadas, e, horas depois, só me restou o prêmio principal. Talvez eu tenha deixado passar algum número, é tanto nome diferente. Também, que ideia idiota jogar em bingo. Não devia ter dado ouvidos pra aquela velha falida. Em cinco cantadas, contudo, minha sorte começa mudar e a cartela do Magrão vai se preenchendo. Dois Patinhos na Lagoa, Dois Cachorros do Padre, A Idade de Cristo, Fim do Primeiro Tempo vão saindo e minha movimentação desperta o interesse das adversárias.

– Seca ela! A Valdetinha tá armada! – escuto as velhas cristãs gritarem para minhas colegas de mesa.

– Mexe esse saco direito, Magrão! – protesta uma integrante da mesa das profissionais, se levantando e dando dois tapas na mesa.

Fico levemente preocupada, mas a blusa de oncinha parece me inspirar a ser outra pessoa. Mais confiante. Já à vontade no meu papel, não me intimido.

– Manda a boa, Magrão!

– Ih, Deu Azar (13) – e pisca claramente na minha direção.

Realmente não tenho essa, e escuto as adversárias vibrarem com meu balançar de cabeça. Antes de Magrão cantar a próxima, vejo a bolinha virando com o 74, o último número da cartela do próprio. E grito fatídica:

– BINGO!

Meu coração acelera, as gotas de suor escorrem em fio, o estômago remexe. Depois de segundos de silêncio, os sussurros começam a se multiplicar, algumas palmas discretas aparecem, o coro de vozes vai crescendo.

– Isso é uma palhaçada! Nunca vi essa mulher aqui – protesta uma das fumantes.

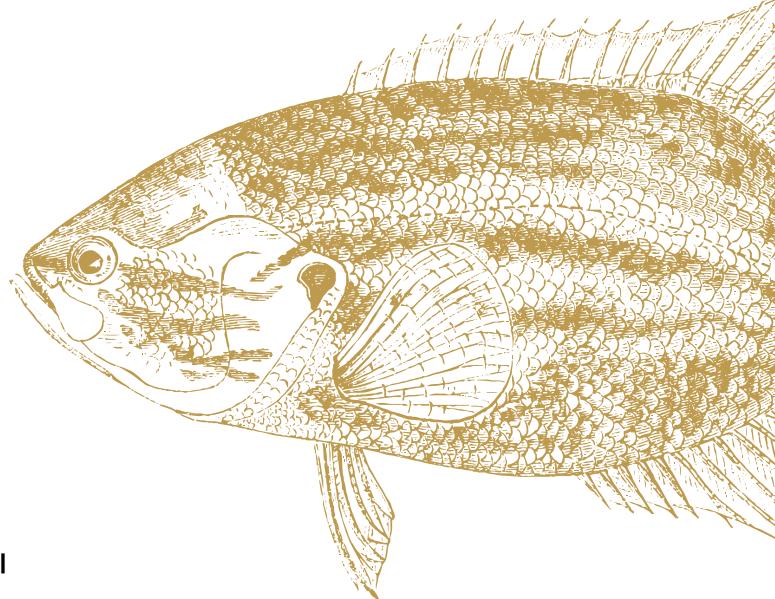
A mestre de cerimônias de cabelo laranja passa por mim, pega a cartela premiada e vai ao púlpito conferir o resultado. Olha a cartela, a coloca contra a luz (nesse momento já estou quase com dor de barriga), chama outra competidora para verificar a cartela. O tempo se arrasta. Checa as bolinhas numeradas, repete tudo e tosse para chamar a atenção popular. Sou mesmo a vencedora. Protestos, explicações, e enfim me liberam para pegar o prêmio, em outra salinha, bem menor, e ir embora. A mulher explica ao pé do ouvido que o Magrão vai me levar em casa. É mais seguro, com essa dinheirama toda. Carregamos a mala pesada pelos fundos do casarão. No caminho, Magrão, que vejo carregar uma arma enfiada no cós da calça, pergunta o que vou fazer com o dinheiro. Aperto a mala no meu colo.

– Reformar a casa da minha mãe. Tá precisando de um banheiro novo.

– Tá certo, Valdetinha. Honra a memória da tua avó.

E mais não dizemos. A volta para casa é uma festa, nunca vi minha vó assim. Sinto seu perfume doce e os seios fartos em mil abraços. Cheira as notas, conta mil vezes lambendo os dedos para passar de uma cédula a outra. Tomamos conhaque, sua bebida favorita, com uma pedra de gelo. Conto a história da cartela do Magrão, ela diz que o traste deve se sentir culpado, sem explicar o porquê. Batemos palminhas e rimos às gargalhadas ao reconstruir a cara de derrota das concorrentes. Ela odeia especialmente as velhinhas cristãs.

No dia seguinte, acordo com uma baita dor de cabeça. Vasculho a casa e nem sinal de vó nem de dinheiro. Duas notas de R\$ 50 me aguardam com um bilhetinho. “E não é que você é burra mesmo? O Magrão te mandou um beijo.” 



PORCO CORRIDO

{Liu Lage}

Seis horas da manhã, uma fazenda do século dezenove, um casarão colonial. A névoa dava um clima de filme, um suspense. Os latidos se misturavam à voz do Major, dono da terra, explicando as armas a serem usadas. “Esses dois aqui, ó, é da faca, ó. O Juninho ganhou uma pra ele estreia hoje.” E logo avisa que “a menina” não vai filmar ninguém no rosto, não pode filmar nenhum rosto. Carla continua filmando os rostos, todos falando com um sotaque difícil de entender.

Os cachorros, miseráveis e amontoados em duas carrocerias. Eram vinte e cinco no total, olhavam para a menina e uivavam. Alguns com uma coleira GPS. Segundo Juninho, o dono da matilha, “os porco aqui são menos corrido, não são porco caçado. Mas lá na nossa região, o porco é caçado, lá cê num pega um porco saindo seis hora da manhã, cê vai matá ele lá pelas quatro hora da tarde, com trinta cachorro em cima, nôi pelejano numa moto. Lá ês têm asa na canela”.

A luz baixa da manhã perfurava as árvores e iluminava a estrada de terra, por onde seguiram no jipe. Eram cinco homens armados, dois com espingarda e três com uma azagaia cada. E Carla, com a sua câmera.

Juninho, um trabalhador rural, humilde, tem o mesmo olhar dos cachorros, um tanto miserável. Assim que saem da sede, ele se justifica, “nôis, controlador ambiental, além de fazê um bem pra natureza, nôis é muito criticado ainda. Porque, na verdade, o que nôis faz é um bem pra natureza. Se ocê vê o estrago que o porco faz aí, acabano com as nascente tudo, cê num acredita”.

Chegando no começo da mata, todos pulam do jipe e o Major logo se coloca. “Aqui é o meu parquinho. Quem manda sou eu. A menina vem comigo. É o seguinte, presta atenção no latido dos cachorro, se ês tivé tocano os porco, é um latido, depois que pega, é outro. Mais uma coisa, a fêmea é que tem a carne boa. O macho, cachaço, não presta pra cumê.” Como poderia ser diferente? A fêmea foi feita pra ser comida mesmo, Carla imagina o pensamento do Major.

Os cachorros saem correndo pra dentro da mata, verde e úmida. O GPS indica o caminho e o som dos latidos. A menina não consegue acompanhar o grupo, o caminho é estreito e escorregadio. Depois de um tempo correndo por entre as árvores e os cipós, os bichos aparecem, num bando enorme. E ela ali, sozinha, com os porcos. Como se não bastasse a situação, um porco a encara, com um vapor saindo das costas, o olhar selvagem e feliz.

Na mesma hora, ela foca a imagem em sua lente. O encontro dura o instante de um tiro e o bicho cai, tremendo. Era uma fêmea. 

FILME DE GUERRA

{Jealva Ávila}

8h54

– Senhora Cristina Albuquerque?

– Sim?

– Pode entrar. Sala três, segunda porta à direita.

– Obrigada.

8h55

– Bom dia, Fernanda, tudo bem?

– Bom dia, dona Cristina, tudo na paz, e a senhora?

– Melhor agora. Gostei da pontualidade e do novo lay-out. A sala parece que ficou maior.

– É mesmo! É bom mudar um pouco, né? Ficou bonita, hein? Só que as clientes perdem muito tempo olhando no espelho, aí atrasa quem vem depois. Ainda bem que a senhora chega cedo. O que vamos fazer hoje?

– Não me chame de senhora, já nos conhecemos há tanto tempo. Você sabe que não tenho essas frescuras de patroa e, depois, vou me sentir mais velha. Já basta olhar no espelho! Hoje só vou fazer a virilha. Não aguentei esperar... acabei passando a gilete nas pernas. O pelo está muito curto, não dá para depilar.

– Então vamos. Pode pôr a roupa ali no cabide. A bolsa também.

– Hum-hum.

– A senhora vai querer como sempre? Só limpar o biquíni? Oh, desculpe... força do hábito.

– Fernanda, Fernanda, vai ficar sem gorjeta, hein? Ai, ai, não digo mais nada! Hummm... Estou numa dúvida danada. Não sei o que fazer. Não gosto muito cavado, mas os brancos estão aparecendo demais. Parece que brilha! A idade é uma merda.

– Que tal modernizar? Vamos tirar tudo? Deixar que nem as japonesas?

– Não! Careca não! Vai ficar parecendo uma rã. Pare de rir, Fernanda!... Vai dizer que também não acha? É a pura verdade, parece uma rã.

– Hahahahahah, a senhora é engraçada. Eu já estava me animando. Acho que devia tirar tudo... tá na moda.

– Que moda que nada!

– Então pode ser tipo moicano?

– Vixe. Só o filetinho? Não! Tenho péssimas lembranças. Chorei horrores no filme O Último dos Moicanos... não é do seu tempo. Tem também os punks...

O TARADO DO OPALA AMARELO

{Martim Sampaio}

– Desculpe o atraso.

– O que houve, Bi?

– Um sem-vergonha no metrô. Levantou a minha saia... o senhor entende... Fiz um escândalo e ele fugiu.

– Você usa sainha curta, mostra as coxas, empina a bunda, provoca os machos e reclama... Tenha dó, Bianka.

– Falando assim me sinto uma qualquer.

– Antigamente a mulher levar uma encoxada significava prestígio, importância, valor, beleza, desejo, tesão. Hoje... como dizem?... mimimi.

O escroto só piora. Melhor ignorar.

– Raimundo Milano, qual a pauta da próxima edição do jornal?

– Como uma boa menina, prepare um Chevetinho. Pegue um copo com gelo de coco e Corote limão, junte baunilha em pó. Lembre: batido, não mexido.

– Pronto, promovida a garçonete da espelunca.

– A sua história do metrô lembra o meu *début* pelas primeiras páginas dos jornais. Década de mil novecentos e setenta, auge do neorealismo jornalístico brasileiro. A manchete da *Gazeta*: “O Tarado do Opala Amarelo”. E eu incumbido do trabalho. Rendeu notícias durante semanas, as mulheres escreviam dezenas de cartas para a redação pedindo encontros. Queriam trepar no Opala.

– Posso imaginar o tratamento neorrealista dado para as mulheres na sua matéria.

– Bianka, tive uma ideia. Veja só

“A *Gazeta Popular* relembrava os cinquenta anos do Tarado do Opala Amarelo”

– Fará jus à tradição do jornal, chefe.

– Inicie pelos meus arquivos. Ali há pistas para localizar o fodão do Opala. E prepare mais um drink. Ao trabalho.

Durante dias examino a papelada. Já desistindo, descubro no fundo de uma das caixas um maço de jornal.

São matérias sobre um rapaz, dono de um carro amarelo, que circulava pela Zona Leste de São Paulo. A história de um abusador que assediava moças inocentes de

minissaia, calça boca de sino, frente única, botas de couro, meias arrastão. Não há nomes, fotos, endereços, sequer uma descrição que leve a ele.

Terei que investigar.

O Ronilson, um peguete meu, ganso da Quinta Leste, talvez saiba algo. Marco um encontro à noite no Adão EsmERALDA, barzinho na avenida Sapopemba.

– Bi, cê tá mó breck. Passa a caminhada.

– Uma matéria sobre um carinha bonito dos anos mil novecentos e setenta. Pegador. Tipo você, Rô. Preciso localizar essa pessoa. Saber o que houve e se está vivo, claro.

– Tamo junto na caminhada.

– Vamos tomar um vinho em casa? Só nós dois, lindo. A gente mata a saudades e eu teuento o resto.

– Bora, bebê. Ser feliz no seu mocó da Vila Ema.

Ronilson saiu e durmo até tarde. No travesseiro deixou um bilhete com o nome “Suilys”, empregada doméstica de uma cobertura na rua Oscar Freire, zona central de São Paulo. Junto, algumas instruções.

Onze horas da noite. Região do Jardins.

Não conheço essa parte da cidade. Um mundo diferente. Não tem vilas, cortiços e favelas. Pessoas bem vestidas, seguranças de ternos escuros, jovens despreocupados caminham nas calçadas. Vitrines com palavras em inglês. Ruas cheirando a perfume, carrões importados, restaurantes caros, modelos de revista, ricos de novela.

Conforme o bilhete, aguardo Suilys num ponto de ônibus na rua Estados Unidos, próximo à cobertura. Uma senhora de cabelos brancos, magra, uns setenta anos, vestida de forma simples, sacolas nas mãos, se aproxima.

– Boa noite. Suilys?

– Sim, filha. Polícia? – E mostra os documentos.

– Não. Eu me chamo Bianka e exerço o jornalismo. Investigo um caso ocorrido nos anos de mil novecentos e setenta. E indicaram a senhora. Podemos conversar aqui enquanto aguarda o ônibus?

– Sim, tanto tempo...

– Opala amarelo diz algo?

Ela faz uma pausa, baixa os olhos e coça os cabelos.

Silêncio.

– Tudo bem?

– Sim... Um dia difícil... Voltando pra casa tarde. Visita na casa de madame.

– A senhora poderia falar sobre isso?

Hesita.

– Não lembro.

– Vamos, qualquer coisa... Dona Suilys.

– Tempos doido.

– Prossiga, coragem.

– Um negro com cabelão. A gente fomos para a Cidade Ocian nas madrugadas. O carrão sempre cheio e ele mim escolhia. Baixava o banco da frente, abria as calças e fazia ali mesmo comigo. Na frente das outras e eu nem ligava.

– Negro? Isso não consta das matérias.

– Lindo. E saiu com as meninas de São Mateus, Sapopemba, Belenzinho, Brás. Pagava meia de seda no Rei das Batidas, esfiha do Grupo Sérgio. Tratou bem da gente. Topo Jiju, o apelido dele. Não conte pra ninguém. Tenho idade e trabalho em casa de gente fina.

– Sim, claro. E o que aconteceu com o Topo Jiju?

– De repente a gente não tivemos mais notícia. A Zona Leste chorou a falta dele mais que a morte do JK.

– Compreendo, um querido.

– Mas fale com a Jane, minha vizinha de barraco. Saiu com ele também. Não esquece: a gente somos só viúvas, e as coisas ficou no passado.

Converso com Jane, que conta a sua história e indica outras mulheres. E assim, aos poucos, construo o perfil: jovem negro, sedutor, cabelos black power, camisa de voal, calça listrada boca de sino com cintura alta, educado, bem de vida, carrão e sumiu sem explicação. Releio as matérias. Apenas fotos de um carro cupê amarelo, quatro mil e cem cilindradas, faixas pretas rasgando a pintura, um colosso para a época. E a narrativa de um predador sexual da Zona Leste de São Paulo.

Um beco sem saída.

Na madrugada, Ronilson aparece em casa para tomar um vinho.

– E a caminhada?

– Desistindo. Ando em círculos. Sem pistas.

– Hummm... pega a visão: Silva, antigo fotógrafo da *Gazeta*. Sabe muito e você conhece ele. Agora vamos prum remember...

Deixo o Rô dormindo e vou atrás do Silva. Um ônibus me leva para Mairiporá, ali na Mata Fria. Sigo as indicações e chego numa ocupação, na encosta de um morro. Próximo ao descarte de corpos, no cemitério clandestino. Silva mora num barraco de lona preta de onde se avistam as covas rasas. Um homem velho que sobrevive de restos.

Conversamos sobre a vida.

– Silva, o que você sabe da história do Opala amarelo? A do tarado?

O fotógrafo narra a história do jovem negro que desaparece sem deixar vestígios. Finalmente, entrega um pacote com recomendações:

– Guardei durante anos. Contém provas do que eu disse. Leia, faça uma cópia e esconda para sua segurança. Isso a manterá viva. O original, envie para o endereço anotado. Não tive dinheiro. Jamais revele a fonte.

Com um abraço, me despeço.

Volto para a *Gazeta Popular* e encontro Raimundo tomando Chevete.

– Finalmente a donzela apareceu! Não descobriu nada, né? Tomou na toba...

– Tenho algo, seu Raimundo.

– O que está no jornal, né, menina?

– Não. Há mais do que o publicado.

– Como assim? Eu publiquei tudo. Tenho compromisso com a verdade. Depois a Pátria, Deus e a Família. O que descobriu?

– Uma história simples: três pessoas ligadas à ditadura almoçavam às terças na Toca do Gato-Maracajá, dia e local em que combinavam as trapaças.

– Porra nenhuma, Bianinha – despreza.

– Um dia apareceu um jovem negro dono de um carrão, e a família proprietária de um depósito de materiais. Querido das meninas e inventaram a história do tarado. A coisa cresceu. O pessoal do almoço das terças agiu. Um deles, o vereador, fez um discurso na Câmara e outro, o delegado, tomou providências.

– Falta um dos frequentadores...

– Chegamos lá, Raimundo.

– Que merda de providência, Bianka?

– Prenderam e acusaram de subversão. O negro desrespeitava a família brasileira, os bons costumes e a moral vigente.

– Racismo nunca existiu no Brasil... eu mesmo tinha amigos negros desde aquela época. Trabalhavam aqui no jornal, antes da menina repórter aparecer.

– Tenho fotos, documentos, relatos, testemunhas e o prontuário da prisão. Uma cópia guardada com alguém. E os originais estão com o Topo Jiju, o Tarado do Opala Amarelo. Fui longe, não, editor-chefe?

– Vai publicar? Cuidado para não se foder. E toma outro trago.

– Quem sabe, seu Raimundo... Um crime cometido pela tigrada dos porões da ditadura. Sempre há interessados.

– Anos de chumbo. Bianka, você nem existia e havia a guerra adversa psicológica. Os dois lados cometeram crimes e foram anistiados, porra.

– Um lado foi anistiado pelo crime de tortura, desaparecimento forçado e crimes contra a humanidade.

– ... Bianka...

– E aqui chegamos ao terceiro integrante dos almoços na Toca do Gato-Maracajá: Raimundo Milano, o que fez barulho no jornal para o vereador denunciar e o delegado prender. E o crime anistiado do Topo Jiju foi sair com a Suilys, que desprezava o jornalista promissor.

– Eu não fiz isso. Não gostava da Suilys. Favelada, piranha, arrombada. Eu só quis comer ela. E o folgado levou um susto para saber o lugar dele.

– Apanhou no pau de arara por uma semana e rasparam os cabelos. O jornalista debutante teve sua vingança. Superou a rejeição?

– A turma tinha colhões. Às vezes se excediam.

– O vereador deu o Opala para o namorado dele. Não foi, chefe?

– Naquela época, o cara não podia ser perobo em paz. Hoje, você faz a opção de viado e tudo bem.

– A família foi expulsa de São Paulo!

– Um pervertido. Tirava a virgindade das meninas de bem. E apesar disso, o serviço social do Dops amparou eles. Eu, Raimundo Milano, sei de tudo.

– A repressão tomou o depósito de materiais e fez dinheiro.

– Homens abnegados, mas não tinham como sobreviver.

O miserável está bêbado. Bato a porta e saio. Não há mais nada para mim aqui. Caminho nas ruas da periferia.

Gostaria que um Opala amarelo me levasse para a Cidade Ocian. 

LIMPEZA

[Murilo Reis]

Uma mulherzinha pálida e de cabelos pretos abriu a porta depois que toquei a campainha. Era pelo menos dez centímetros mais baixa que eu.

“A secretária já foi embora. Você é a última paciente”, disse a dentista, soridente. Enquanto a cumprimentava, senti a pele lisa e macia da sua mão.

“Vou terminar de arrumar as coisas lá dentro e já te chamo. Fique à vontade.”

Me sentei no sofá da sala de espera iluminada pela luz branca. Algumas revistas estavam empilhadas na mesa de centro. Mais ao canto, o banheiro, próximo de um bebedouro. Na parede à minha frente, a pintura de um vaso de flores.

“Pode vir. Se quiser deixar a bolsa aí, não há perigo, pois tranquei a porta.” Agora ela tinha no rosto uma máscara azul. Dentro do consultório, vários vidrinhos estavam organizados sobre uma pia de aço. Me deitei na cadeira e ela passou uma correntinha de metal em volta do meu pescoço, onde prendeu uma toalha de papel.

“Como posso te ajudar?”

Falei sobre uma dor no maxilar, do lado direito, que me atormentava há duas semanas. Colocando as mãos no meu rosto, ela me pediu para fazer o movimento de mastigação. Sentada ao meu lado num banco de rodinhas, baixou a máscara até o queixo, mostrando a boquinha fina e bem cuidada.

“Nosso maxilar é como uma máquina. Assim como o seu joelho, ele precisa estar em boas condições para se movimentar”, falou, enquanto juntava os pulsos. Imitando mordidas, abriu e fechou as mãozinhas, os dedos finos um pouco curvados. Sua voz era gostosa.

“Mas o maxilar é feito de um osso só. Quando você dorme, seu corpo relaxa e o cérebro não corrige os desniveis da sua boca.” Sem se levantar, ela se virou para trás e, de uma das gavetas da pia, tirou um espelho redondo, que me entregou. Usando a ponta de uma ferramenta que parecia um anzol, bateu nos dentes que tinham desgaste.

“A solução é uma placa, que você usaria só para dormir. Assim, seu cérebro vai pensar que tudo está nivelado”, disse, subindo a máscara até o nariz.

“Outra coisa: você precisa diminuir o tempo entre as visitas ao dentista. Uma mulher jovem não deveria ter essa quantidade de tártaro nos dentes. Como você pode deixar que eles chegassem nesse estado?”

Pela cor da minha pele e pelas minhas olheiras, achei que ela já tivesse entendido que gente como eu não vive de acordo com um plano. Eu fazia pelo menos duas faxinas por dia, pegando ônibus lotado entre uma casa e outra, às vezes de estômago vazio. Morava em um bairro sem asfalto com minha mãe doente, bem longe daquele lugar fresco e cheiroso, com ar-condicionado. Até pensei em explicar, mas ela enfiou o sugador na minha boca.

"Hoje, vamos fazer uma limpeza. Se sentir algum desconforto, me avise, ok?"

Ela passou um jato salgado em toda a gengiva e pediu para eu cuspir em um ralinho redondo, de onde não parava de sair água. Tinha apenas sangue no meu cuspe. Depois, usou uma agulha que vibrava para raspar entre os dentes, um negócio que me arrepiou inteira. Mais sangue saiu da minha boca. Finalizou tudo com outra rodada daquela coisa salgada e cortante.

Quando retirou a correntinha e a toalha de papel, me deu um copinho de plástico com um líquido azul e pediu para eu ir até o banheiro fazer bochecho, lavar o rosto. Sentia meus dentes latejarem. Na frente do espelho que ficava sobre a pia, sorri – tudo lá dentro estava encharcado de vermelho.

Encontrei a mocinha na sala de espera, escrevendo numa ficha, de pé, o corpinho magro encostado num balcão de mármore.

"A limpeza, com os moldes para fazer a placa, fica esse valor. Podemos agendar o início do tratamento para a semana que vem. Você pode parcelar em dez vezes. Faço a metade do preço."

Então aquela puta achava que eu era uma bunda-suja que não podia pagar pelos próprios dentes e que precisava de esmola? Eu ganhava a vida desentupindo privada, mas tinha dignidade, sabia ler e escrever. Conhecia bem aquela vozinha suave. Era a mesma que minhas patroas usavam para fazer pouco de mim, uma favelada que ia morrer na miséria.

Acho que já caiu desmaiada porque, quando acertei o primeiro soco nos cornos, tombou de lado e bateu a cabeça na quina da mesa de centro, as revistas todas se espalhando pelo piso. Sentei na barriga dela, os joelhos abertos apoiados no chão. Com a mão esquerda, segurei o rostinho de porcelana. Com a direita, soquei uma, duas, três vezes a boca, depois o nariz, de novo a boca, sentindo coisas quebrando, vendo o sangue brotar da cara, dos olhos, dos ouvidos, da pele, uma vontade enorme de acabar com tudo.

Me levantei e fui ao banheiro lavar as mãos. No bebedouro, apertei o botão de esguicho e bebi água, muita água. Apanhei minha bolsa no sofá. Perto dos meus pés, o rosto da doutora era uma massa vermelha, carne moída de terceira. Dei um chute na costela daquela vaca.

A faxineira ia ter bastante trabalho no dia seguinte.



CUIDADO: VAI ESPUMAR E CRESCER

{João Hélio de Moraes}

1.

Não sei como ela descobriu que estávamos ali, nem como chegou ao depósito sem que eu ouvisse seus passos descendo a escada de madeira. Vejo sua cara retorcida quando olho para trás. Levanto a cueca e passo por ela num salto. Ela nem olha para mim, mas para a menina deitada de bruços que enfia a cara no colchão mofado, esquecida de que sua bunda está bem ao alcance do tapa. Consigo ouvir a estralada já no fundo do pátio, onde me refugio entre tábuas e pneus velhos. Dali vejo minha mãe dando cascudos na menina que foge pelo portão, uma mão sobre a cabeça, a outra segurando a saia. Não sei o que vou dizer quando a reencontrar na escola.

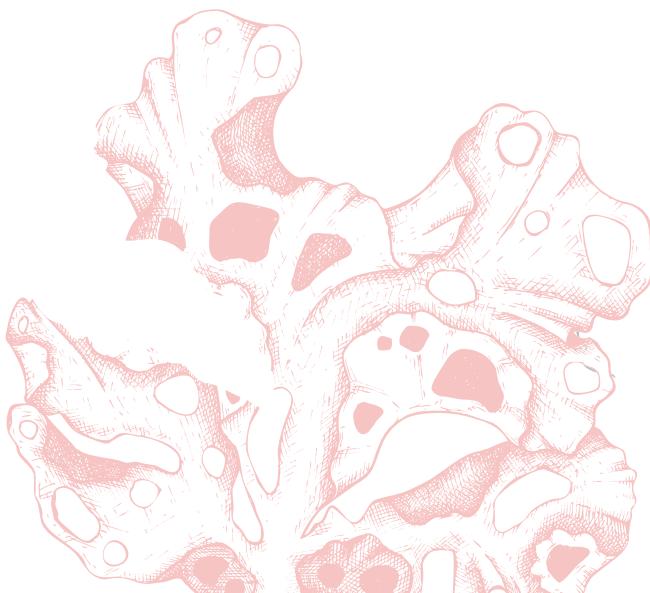
Estranho que minha mãe não vem me procurar. Vi que retornou até o térreo para jogar o lixo, mas nem olhou em volta. Quando começa a escurecer, volto ao depósito onde o zelador guardava os materiais de limpeza e encontro meu calção entre o tanque de cloro e o saco de veneno para rato. Subo as escadas a medo sem saber o clima que vou encontrar no terceiro andar do predinho sem elevador. Piso em algo que se quebra. Um caco de plástico. Pequeno, delicado, com detalhes nervurados. Pintado a mão em tom verde militar. Reconheço um pedaço da fuselagem direita do meu Spitfire Mk V da Revell.

Desço para vasculhar o lixo do prédio e encontro o resto. Metade da carlinga. O trem de pouso direito. Parte da lateral que exibia o roundell, círculo que simboliza a Royal Air Force. Na prateleira mais alta do meu quarto, o caça que salvou Londres na Segunda Guerra permaneceu dois anos encarando um Messerschmitt BF-109 prateado, montado na mesma proporção de um para setenta e dois. Agora, as duas máquinas mortíferas que travaram brigas de cachorro pelos céus da Europa jazem no fundo de uma lata de banha, na zona norte de São Paulo, abatidas pelo chinelo da minha mãe.

Viro a lata no terreno baldio do outro lado do muro, separo os pedaços, lavo e guardo. Mais tarde, quando tudo se acalmar, pegarei o tubo de cola que sobrou da montagem do USS Arizona e reconstruirei os dois modelos. Voltarão a minha estante para retomar sua batalha eterna, como testemunha da insanidade do século 20 e da intolerância materna.

2.

O trajeto até o ponto de ônibus era curto. Saindo do predinho na esquina da rua Jovita, eu virava à esquerda e seguia pela calçada da Ataliba Leonel,



atravessando a Dr. Zuquim até a junção com a Cruzeiro do Sul. Havia poucas pessoas nesse percurso àquela hora da manhã, o sol ainda fraco filtrado pelas árvores do Carandiru. Eu tinha de andar rápido para não perder meu pai de vista, mas também não podia correr, sob risco de chamar a atenção dele. Mantinha meia quadra de distância, bem colado aos portões das casas e às portas das oficinas ainda fechadas àquela hora.

As costas do paletó escuro do meu pai se moviam rápido. Ele atravessava para a calçada oposta da Cruzeiro quase sem parar; o trânsito de automóveis e bicicletas era pequeno. No encontro das duas avenidas, o horizonte se ampliava, e quem olhasse para cima veria, entre os raros postes e fios elétricos, um céu pleno. Ainda não havia semáforo, nem o metrô sobre o viaduto que hoje projeta na esquina sua sombra permanente.

Meu pai atravessava de novo a Ataliba e se juntava à multidão no ponto da condução para o centro. Ele podia tomar os Cásper Líbero 103 ou 105, nos quais nunca dava para ir sentado, ou mais provavelmente o Vila Mariana 972. Os elétricos na Voluntários não eram opção, porque já chegavam ali lotados demais. Depois, na Sé, baldeava para um ônibus qualquer até a avenida Celso Garcia, onde finalmente desembarcava para chegar a seu destino, a filial das Lojas Garbo onde era gerente.

De longe, escondido atrás de uma banca de jornal, eu distinguia meu pai pelo embrulho que levava debaixo do braço. Parecia um presente, tão caprichado era o pacote. De hábito, a marmita camuflada continha um sanduíche de pão de forma, suco e algum doce, além dos famosos croquetes de tomate preparados por dona Ida.

500 g de amendoim
2 xícaras de açúcar
1 vidrinho de Karo
1 colher de bicarbonato

Numa panela grande, misturar o amendoim, o açúcar e o Karo. Mexer sempre até formar caramelo e o amendoim estalar. Desligar o fogo, juntar o bicarbonato e mexer bem. Cuidado: vai espumar e crescer. Colocar no mármore ou numa forma untada com manteiga. Esperar esfriar e quebrar com o martelo.

3.

Dona Ida, a minha mãe, era uma cozinheira famosa no bairro. Numa época em que todas as mulheres tinham de saber cozinhar, isso representava um atestado de qualidade. Seus quitutes eram apreciados pelo sabor, claro, mas também pela criatividade com que eram produzidos. Ela sabia aproveitar o que tivesse sobrando na despensa para que qualquer salgado ou doce tivesse um toque especial. Fazia muito com pouco, e atribuía essa capacidade aos tempos duros da infância, quando ela e as três irmãs passavam a pão com banana.

Dona Ida desconfiava do meu pai. Ele dizia que o trabalho no comércio exigia expedientes compridos de segunda a sexta, com serões no sábado para fechar o caixa. Minha mãe respondia que ele devia trabalhar menos, mas, no fundo, desconfiava que meu pai tinha outra família. A seu mando, eu o seguia todas as manhãs antes de ir para a escola. Aos sábados, quando não havia aula, tinha de acordar ainda no escuro para sair sem que ele percebesse a tocaia.

Foi num sábado que meu pai, ao chegar à Cruzeiro do Sul, dobrou à direita, em vez de à esquerda, e seguiu pela mesma calçada até parar no meio do quarteirão. Com a mudança no trajeto, quase fui flagrado. Tive de saltar para trás de um carrinho de pamonha, mas deu para ver quando ele fez sinal para um lotação. Entrou com seu embrulho no carro, que seguiu pela avenida em direção à parte alta do bairro.

Não contei nada para minha mãe e mantive as missões de vigilância como de hábito. Meu pai virava à direita com cada vez mais frequência. Todos os sábados, certamente, e agora também às vezes durante a semana. O desvio ocorreu até num domingo, dia de ver jogo do Palmeiras no Pacaembu.

Descobri que minha mãe sabia de tudo no dia em que procurei minha bicicleta e não a encontrei no depósito.

– Eu dei a bicicleta para o seu Planicka marceneiro.
– Ela me encarou firme quando perguntei se sabia de alguma coisa.

– Mas por quê? Quem me deu de presente foi meu avô!

– Isso é para você aprender a não me fazer de boba. Eu estava bem atrás de você ontem, quando seu pai tomou o caminho errado.

Disse isso sem gritar, com voz calma. Não era comum ela falar daquele jeito. Ainda mais agora que tinha comprovado que seu filho era mentiroso e o marido, adúltero.

4.

O pátio da Penitenciária Feminina fica quase em frente ao nosso predinho. Da janela da sala, eu sempre via a copa das árvores atrás do muro de concreto, além das torres de vigia, e ficava imaginando uma floresta densa, com cipós em que macaquinhas passeassem de lá para cá.

Todo sábado forma-se no portão dos visitantes uma longa fila. No curto caminho até lá, de mãos dadas com a tia Eda, vejo uma pequena multidão na lateral da banca diante do portão. A manchete do Diário da Noite, sustentado por dois pregadores de roupa, justifica o burburinho:

“PÉ DE MOLEQUE ENVENENADO MATA BÍGAMO NA VILA MAZZEI”.

Depois da revista, os guardas permitem nossa entrada e eu consigo pela primeira vez ver as árvores por inteiro, são enormes castanheiras com o caule pintado branco até a metade. Formam linhas paralelas para proteger os carros estacionados no pátio de cimento. À frente de cada vaga, uma plaquinha traz o nome do funcionário autorizado a parar ali.

Viro-me em direção ao muro e olho para o alto, mas só consigo enxergar o telhado do nosso predinho. Minha mãe tinha se afastado menos de duzentos metros para ocupar sua nova morada. ♡

PAT

1984

{Cristina Porto Costa}

A porta bateu no boa-noite do passageiro. Jurandir abriu mais as janelas, para desempestar. Era uma questão de tempo, ele sabia, mas seguia os rituais, como se fossem bênção e proteção que completavam as máscaras e o álcool em gel, aquele grude salvador.

“Que trabalhinho lascado, essa rotina que nunca é a mesma. Abastecer antes de dormir, no fim da madrugada, essas corridas curtas sem saber pra onde, e ainda ter de esperar confirmação. Ou longas, pro raio que os parta. A volta, um transtorno, como agora. Nem escolher posso. Quer dizer, posso. Mas do jeito que as coisas vão... Centavos, quando tudo custa os olhos da cara. Ainda bem que não preciso de remédio. Nem ela, não mais. Só lembro na hora do café, aquele sorriso de quem já foi, como fumaça. Ela fazia um café com gosto, como todo café devia ser.”

Os semáforos em amarelo na W3 piscavam de cabo a rabo. “Parece Natal. Um Natal vazio de gente. Pudera, são quatro horas. Preciso abastecer, chegar naquele posto, o da promocional.”

Jurandir atravessou o Plano e tomou o rumo do Colorado. “Lá sempre tem gente, caminhoneiros, povo que não dorme. E a frentista que dá um sorriso na chegada e outro na saída, mas que agora não dá pra ver.”

Aquela subida, manchete de mil acidentes, havia mudado com tanta obra, desvio, passagem secreta, pardal, aviso luminoso. A tranqueira no trânsito começava cedo e às seis piorava. Ele deu seta e mudou de pista, entrando para o posto perto dos motéis, de onde saíam carros e gente com jeito de quem ganhou presente sem ser Natal. Havia fila para a bomba de etanol.

“Que droga. Parece comboio.” Ele esperou, a máscara no pescoço. As placas dos carros começaram a passear por seus olhos, lentamente, como monocórdio: OVT1215, OVN6562, PAO3372, PAT1984.

— Boa noite — disse a frentista do sorriso encoberto. Jurandir desgrudou o olhar da placa que arrancava à sua frente. Metade de sua atenção foi junto. “Precisava? PAT1984? Odeio coincidência, odeio. Sempre quer dizer alguma coisa.”

— Quanto vai ser hoje?

— Ah? — perguntou ele, caindo no momento.

— Quanto vai ser?

Jurandir olhou o marcador de combustível.

— Completa. Pode completar. Só no automático.

Ele abriu o tanque do Ka branco quase novo e que nem dele era. Mas fazia de conta. Jurandir cuidava bem.

O sogro financiara para ajudar. Era isto ou nada de trabalho. Enquanto esperava, olhava para as placas dos carros que passavam nas outras bombas, aquelas que ele quase adivinhava. “Que não tenha outra. JIZ, NFI, PAA...” Respirou fundo, de alívio.

— Crédito ou débito? Confere na bomba, por favor.

— Crédito, crédito. — E entregou o cartão. Seria crédito, de qualquer maneira. Ele era bom de número, mas não de gasto, sabia.

Oitenta e quatro reais, ali, cravados. Jurandir arregalou os olhos e abriu a boca. A frentista parou por um momento e procurou em volta a causa do espanto. Sem encontrar, entregou a maquineta para a senha. Ele digitou, enquanto franzia o cenho e apertava os lábios. “Cerrar tudo. Vou ter de cerrar tudo, trancar. Ninguém vai entrar”, pensou. Só aí tapou boca e nariz com sua máscara incrível de íons de prata, último modelo aprovado cientificamente pela universidade de algum lugar, presente da sogra. Se houve, o sorriso da frentista, ao devolver o cartão, passou batido. Ele zerou a quilometragem e saiu para a estrada.

“Coincidência. É só não encontrar mais nenhum PAT, nenhum 19, nenhum 84. Só coincidência. PAT não é a morte passando. Não adianta ter vontade de controlar. Lembra?” Ouve, em algum lugar da cabeça, o que já conversara muitas vezes. “O que o pastor lá disse? Quem controla é Deus. É Deus.”

Jurandir ouviu o aplicativo em nova chamada. Uma última, antes de cair na cama, ainda sem lençol. “Vou dormir no sofá”, antecipou. Conferiu nome, dados, acertou o caminho, o mapa brilhando no suporte do celular, um polvo de tentáculos roxos, ventosas abanando. “Podia ser um pé de galinha”, ele pensou, enquanto olhava o monstrinho oscilar na dança do motor. “Vou ter de voltar pra zona dos motéis, mas depois sigo no Lago Oeste, só atravessar um condomínio. Mais um tanto e desabo.”

Jurandir conferiu a hora, 4:41, exatos. “Desta vez passa. Só o 19, mas escondido. Então não vale.” E fez o retorno, vendo que o negrume do céu começava a vazar. No estacionamento do Motel Caliente, a luz esbranquiçada de alguma queimada deixava entrever uma embolada de pernas, um casal agarradinho. Sinalizaram ao conferir a placa do carro.

— Boa noite. Antenor?

— Isso — disse o homem de cabelos crespos e grisalhos, perfumado ao enjoar, naquela distinção visível de querer ser outra coisa. O casal entrou no carro, entre risadas, desmascarados.

— Lago Oeste, Condomínio Planalto, certo?

— Isso — respondeu Antenor, abraçando a moça que esganiçava no cacarejo, como se a piada do século tivesse sido dita.

— Mas antes, você para no Condomínio Verde, que é caminho.

Jurandir nem ofereceu balinha. Consultou o GPS, só para ter certeza.

— Ar condicionado? A gente tem evitado, mas se fizer questão... Algum tipo de música na preferência?

Só a risada.

“Espero que não tenha bebido todas”, pensou Jurandir. “Se puser os bofes pra fora aqui, vai ser dureza.”

O carro seguiu na velocidade da pista, o polvo chacoalhando como a risada da moça. Corrida curta, mais uma. Quinze minutos e a portaria do Condomínio Verde, plantado na rodovia, apareceu. Das risadas aos beijos canibalescos, rapidinho. “Nem parece que saíram de um motel”, comentou por dentro.

— Pode esperar aqui que a gente segue — disse Antenor, ajudando a moça de botinhas pretas pontudas a sair do carro. Ela tropeçou. E riu, como resposta para os buracos do caminho.

— Chega, Patrícia. O porteiro vai achar que você tá doidona.

Então, quem riu foi Antenor. E Jurandir gelou.

“O que isto quer dizer? O que isto?” Ele esperou, querendo levantar voo.

O trajeto até o Condomínio Planalto foi de música sertaneja. E suor frio.

— Boa noite.

A porta do carro bateu depois do cumprimento. Jurandir não respondeu nem pediu avaliação, aquela procissão de estrelinhas.

Enquanto dirigia rumo ao pequeno apartamento, no início de Sobradinho, ele sentiu a verdade dos pensamentos, o volume das coincidências, os recados dados. Acelerou à medida que decifrava cada um. As placas passavam com seus códigos, as palavras formadas à revelia do que fingiam ser, letras e números corriqueiros.

Quando deu por si, girava a chave na fechadura da porta de entrada. Deitaria na cama, mas antes colocaria o lençol. Patrícia ficaria feliz. Estava pronto para a última noite de sua vida. 



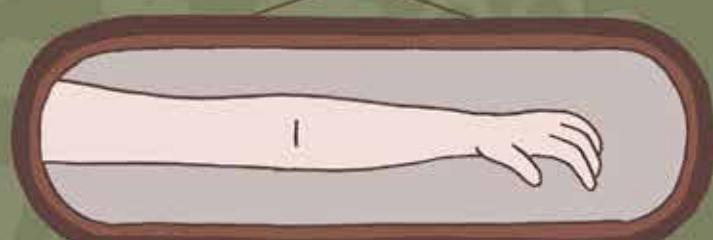
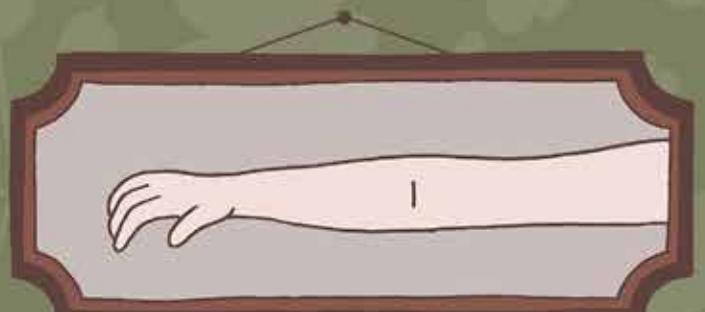
PRESENTE DO PRETÉRITO

**Diário de alguns dias aqui
Sono de argentino
Chuvas
Bolinhos de chuva
Mãe em sépia
Um velho detonador
Gosto de anis
O tempo da espera
As coisas do meu pai
Gravada com o nome dela
Sobre pais, filhos e cães**

James Scavone
Roberto M. Socorro
Américo Paim
Debs Monteiro
Jennifer Queen
Fabio Zuker
Luiza Sigulem
Tatiana Heide
Ale Kalko
Mari Casalecchi
Alex Xavier

Arte

Mari Casalecchi



DIÁRIO DE ALGUNS DIAS AQUI

{James Scavone}

QUINTA-FEIRA

Resolvo cair na armadilha do diário. Vou até a estante e desço três livros: *Diário de um Ninguém*, *Diários de Bicicleta* e *Quarto de Despejo*, *Diário de uma Favelada*. Boto os três ao lado do computador. É uma mania que me conforta e serve de incentivo. Raramente abro, às vezes espio uma página aleatória e só. Também planejo ouvir o podcast *Vinte Mil Légulas* na próxima vez que correr na esteira. O *Diário do Beagle* é o tema da primeira temporada. Dizem que Darwin sofria de enjoos no mar e mesmo assim...

SEXTA-FEIRA

Outro dia perguntei para um amigo que é corredor aficionado qual seria um tempo decente para 5k. Vinte e seis minutos. Pensei em deixar a esteira rolando para mandar a foto do mostrador com os vinte e seis cravados. Sinto que nunca vou conseguir. Hoje, vinte e nove é a minha meta. No ouvido, o podcast sobre o diário do Charles Darwin. E não é que o enjoo do mar aparece logo no começo? Darwin levou a sua biblioteca para dentro do Beagle. Pegou chuva na Bahia. Impressionou-se com a potência das chuvas brasileiras e disse que a chuva inglesa não chegaria nem ao chão nos trópicos. Evaporariam antes ou logo depois de encostar na relva. Quando corro não estou no Beagle, mas gosto de pensar que estou em uma nave interplanetária e tento manter o corpo sábio. As janelas com vista para Higienópolis não são reais, são telas que projetam o bairro para me iludir. Para que pense que não estou viajando a milhares de quilômetros por hora. Percebo que não vou conseguir chegar aos vinte e nove minutos e aumento a inclinação da esteira. 3%. Fuck gravity. Estou pingando de suor quando meu filho menor grita: papai, você está derretendo.

SÁBADO

É sábado, mas poderia ser segunda, quinta. Os dias estão iguais. Mas é dia de feijoada, horas. Fiquei de fazer a primeira feijoada decente da quarentena. Feijoada e isolamento social são conflitantes. É do Millôr ou do Stanislaw Ponte Preta a frase de que a feijoada só é completa com uma ambulância na porta? Vai ter que ser feijoada sem caipirinha, sem torresmo, sem samba, sem gente. Mas comprei couve, bacon. O arroz é jasmim. Essa é a mistura do Brasil com a Tailândia. Que isso?, o maior pergunta. É feijoada, o prato típico do Brasil. E qual é o prato típico da Itália? (O Johnny encanou com a Itália.) Como ele gosta de ajudar na cozinha, dou uma tarefa que considero quase segura: usar

o furinho no saco da farofa para transferir o conteúdo para uma cumbuca. Justo quando a nave intergalática tromba com alguns meteoros e o Johnny derruba cerca de 70% da farofa no chão. Deixo os robôs-auxiliares limparem o chão e sigo na busca da couve perfeita.

DOMINGO

Ensinamos os meninos a brincar de mímica. A Amanda com o Johnny, eu e o Patrick, estávamos formadas as equipes do primeiro torneio de mímica do apartamento 6M. Em geral, quiseram fazer os bichos todos. Elefantes, girafas, tatus-bola e dinossauros pré-meteóricos. O Patrick é fascinado por meteoros, que, como ele diz, devem ter derrubado os pterodátilos antes, porque já estavam no céu, né, pai? Até que falei: faça uma porta, Johnny. Adultos seguram uma maçaneta imaginária e a empurram como air guitar. Johnny primeiro ficou um tantinho confuso. Uma pessoa não pode ser uma coisa! Aí segurou o seu mamilo esquerdo com os dedos e torceu. Andou com passinhos de porta em um movimento circular. Era ele a porta.

SEGUNDA

Dárvio. Estou de novo na esteira e percebo que é das poucas ocasiões no ano que não estou descalço. Ouço o terceiro episódio e já sei que não vou conseguir chegar nos vinte e seis e nem mesmo nos vinte e nove. A narradora chama o Charles Darwin de Dárvio. Acho estranho, mas já estranhei mais. A minha irmã com 12 anos disse Dárvio e dei risada. Ela estudava em uma escola brasileira e eu em uma escola inglesa. No Brasil, Darwin é Dárvio. Engraçado que o capitão do Beagle é chamado de Fitzroy e não de Fítsrói. Só Darwin é traduzido. Se você é notório, ganha uma versão nacional. London é Londres e Birmingham sempre será Birmingham. Neste capítulo, Dárvio/Darwin encontra a ossada de uma preguiça-gigante no Brasil. E eu na esteira. Nunca vou chegar nos malditos vinte e seis.

TERÇA

A preguiça-gigante me fez lembrar de um livrinho que venho tentando escrever. Resgatei no HD a história narrada por uma preguiça. "Sempre quis contar a história dos animais que viviam em São Paulo antes dos portugueses chegarem, mas sempre morri de preguiça." É assim que abre. Tenho as quatro primeiras páginas ilustradas. Raposas, capivaras, bugios, tucanos. Na mesma pasta, tenho outro livro sobre o amigo invisível dos meus filhos: um dinossauro chamado Bagunçauro. É ele que espalha as peças de lego, os quebra-cabeças, os hotwheels e as comidinhas de plástico pela casa. A culpa nunca é das crianças. Foi o Bagunçauro que passou por aqui, mamãe.

QUARTA

Vinte e nove minutos. Estou mais suado que a famosa foto do Pelé. Aquela com o suor em formato de coração. O meu suor parece alguém pendurado no meu pescoço. Uma preguiça talvez. Tiro a foto e mando pro meu amigo. Era vinte e seis, ele diz. Continuo a andar na esteira para terminar de ouvir o podcast da vez. Agora, da BBC sobre Saladin e a segunda Cruzada. Um pop up aparece no celular. O presidente diz que não vai comprar vacina da China. Fico feliz que a nave está cada vez mais longe do planeta Terra. Nas telas-janelas, Higienópolis parece igual, mas, na verdade, deve estar em chamas. ♣

SONO DE ARGENTINO

{Roberto M. Socorro}

Duas rotinas se juntaram: a de fim de semana com a de final de mês. E com feriadão. Sexta, o dinheiro do salário entrou e deixei meu dízimo na Visgueira, onde jogava meu dominó e comia siri. Qualificava-se por banca de doces e revistas, mas tinha uma geladeira cheia de cerveja e, toda sexta, siri cozido no panelão em cima do fogareiro de uma boca. A agenda do sábado tava fechada. Primeiro compromisso, bater meu baba cedinho na praia do Sesc. A maré tava baixa, a areia lisinha, perfeita para mostrar meus dons de pereba, melhor que grama. Se fosse fim de semana comum, eu ficava pela praia mesmo depois de o jogo terminar e o povo começar a tomar a areia, lá pelas onze da manhã. Mas era primeiro sábado de mês e, como rezava a tradição, eu, Betuca e Marquinhos íamos bater nosso religioso rodízio na Churrascaria Roda Viva, com direito a foto e tudo. Marquinhos era descabelado, todo desengonçado, tinha cara de doido e me fazia rir o dia todo. Betuca tinha cabelo curinho e pinta de sério, sempre todo arrumado. Quem via pensava que era um bom rapaz. Outro maluco. Pra andar comigo, bom da cabeça não podia ser. Não precisava nem marcar, dinheiro na conta e a gente se encontrava lá.

Cheguei em casa todo melecedo de areia e corri para o banho. Só ouvi minha mãe berrar:

- O José Luiz ligou pra você! Deixou o número!
- Tá! Depois eu ligo!
- Liga logo!

Me arrumei e desci pra pegar o carro. O bicho tava em estado de petição de miséria. Areia espalhada por tudo quanto é canto, banco de sal e lixo amontoado. Precisava lavar, mas não dava tempo. Dei a costumeira tapeada. Um Fiat Prêmio que eu comprei da tia de Aline, minha ex-noiva. Bege, feio pra caralho. Mas tava novinho, nos trinques, carro de mulher, única dona. Foi o último evento como nubente. Depois de me encher o saco para trocar de carro, Aline me deu as contas. Voltei para a bagaceira de carro novo. De aparente cidadão pacato, virei barqueiro.

Meio-dia em ponto, a gente tava na churrascaria. Os garçons já nos conheciam, o rapaz da bebida é que era novo. O maître se antecipou no pedido; uma roska de lima-da-pérsia para Betuca, uma caipirinha de limão pra Marquinhos e uma Antártica pra mim. Tarde adentro, a falar merda, encher o cu de carne e deitar a cana. Betuca é que tava meio devagar na caipiroska, enrolando horrores. O salão encheu, esvaziou, encheu de novo, esvaziou mais uma vez, e nós lá. Seis da tarde, ao fim da terceira rodada de rodízio – que começa com a linguicinha e termina com banana assada e canela e um licorzinho –, o garçom chegou pra mim e falou:

– Meu amigo, me desculpe pelo comentário, mas eu nunca vi alguém comer essa quantidade de carne e tomar tanta cerveja!

Tava na minha nona garrafa. E de 600 ml, porque naquela época não tinha nada de long-neck. Cerveja de verdade. Marquinhos não aguentou:

– Hahahahaha, o rapaz não lhe conhece ainda, Bob, tá assustando ele. Meu amigo, esse homem aqui abria lata de cerveja quente de manhã no carnaval!

Já estávamos a ponto de explodir no que, do nada, vieram quatro meninas em nossa direção (também, não tinha outra) e distribuíram amostras grátis de... antiácidos!

– Menina, foi Nossa Senhor do Bonfim que trouxe vocês aqui!

Não sei se foi o álcool, mas as garotas pareciam gatas. Todas de uniforme: minissaia azul, camiseta branca com a marca, tênis branco com meia. Uma loirinha e três morenas. Todas baixinhas, engraçadas. Ah, não ia ficar só na distribuição das amostras grátis não. Puxamos mais cadeiras, perguntamos se elas queriam comer, se queriam beber e começou o qui-qui-qui cá-cá-cá. Bêbado fica bonito e rico. Já tava escuro no que elas falaram que ainda havia várias pastilhas pra entregar. Tinha um bando de garçom sem fazer nada lá pra quê? Pusemos todos pra pegar os envelopinhos.

– Bora, galera, bora pegar os Sonrisal das meninas!

– Não é Sonrisal não, é Alka-Seltzer, Sonrisal é o concorrente!

– Então, vâmo pegando esses Sonrisal de Alka-Seltzer aqui!

Eu nem sabia as horas quando conseguimos combinar de encontrá-las no Casquinha de Siri, uma famosa tiroteca de Salvador naquele tempo. Queríamos ir logo, mas elas falarão que precisavam trocar o uniforme. Tudo bem, era bom que dava pra tomar um banho antes.

Repeti a dose da manhã: entrei em casa, fui pro banho, me aprontei e rumei pra porta de novo.

– Não vai nem esquentar em casa? Comeu? – A voz de minha mãe retada.

- Até demais.
- Já ligou para José Luiz?
- Ainda não.
- Liga! Vai deixar ele esperando?
- Tchau.

– Não sei o que tá dando em você, menino.

Ouvi o resmungar continuando atrás. Dona Aida tinha esquecido como era minha vida no crime.

Cheguei no bom e velho Casca, encontrei os outros dois delinquentes e esperamos as distribuidoras de solução estomacal. A atração no aquecimento, banda nova, uma tal de Magníficos, da Paraíba. O forró ia comer no centro.

Era as ninjas chegarem que eu ia me acabar no rala-bucho. Mas fizeram jus ao adjetivo e sumiram. Bolo nos três patetas. Fazer o quê? Ficamos por lá mesmo, formando um par aqui outro acolá, e fugindo das profissionais que sempre apareciam para pegar algum desgarrado sem sorte ou sem talento. Três da matina e Marquinhos largou a ideia:

– Bora pra Morro?

– Que morro, Marquinhos? Nem se for Morro do Gato, porque Aline mora lá. Tá maluco?

– Morro de São Paulo, porra! Rumbora!

– Eu sei, mas o ferry vai tá uma fila da zorra. Esqueceu que é feriado?

– Rapaz, quem tinha de ir já foi. Vai tá melzinho na chupeta...

– E nionde a gente vai ficar?

– Vai ter pousada lá. Relaxe, Bob.

– Eita desgraça. E aí, Betuca, vote aí.

– Se vocês forem, eu tô colado.

– Fudeu. Mas vamos em seu carro, Betuca, porque você é o melhorzinho aqui.

– É niúma.

Passei em casa pra pegar uns panos de bunda. Entrei pisando fino, peguei short, camiseta, sungótica, escova e pasta de dentes e joguei tudo na sacola de Paes Mendonça. Saí mais quieto que caranguejo na toca, mas meu pai me viu.

– Vai onde?

– Vou pra Morro com Marquinhos e Betuca.

– Vai dirigir?

– Não. Betuca não bebeu e a gente vai no carro dele.

– Ligou para Zé Luiz?

– Não.

– Resolve isso logo.

– Deixa que eu vou falar com calma com ele.

– E se te procurar de novo?

– Diga que na terça tô de volta.

– Tá bom. Juízo.

– Tenho muito.

Porra nenhuma. Se havia uma coisa que partiu junto com a aliança de noivado foi o tal do juízo.

Não deu dez minutos e eles chegaram. Marquinhos mostrou duas garrafas de Ballantine's.

– Esconda isso, mizéra! Minha mãe tá na janela!

– Bob tá muito estressado hahaha.

– Onde você arrumou isso?

– Painho voltou pra Itabuna e esqueceu aqui.

– Ói essa porra... E na hora que ele voltar?

– Niqui ele voltar, já esqueceu. Lá ele tem um monte.

Não é que não tivesse fila no ferry, mas até que tava tranquilo. O sol raiando, no primeiro que chegou conseguimos entrar. Ficamos dentro do carro mesmo com o Chicletão no toca-fitas. Marquinhos tinha trazido copo e gelo dentro do isopor. Lembrei que no ferry-boat costumava ter água de coco.

– Vou pegar lá em cima pra misturar aqui com o gelo.

Subi pro bar e não tinha nada. Mas tinha um menino vendendo picolé e peguei dois de coco. Cheguei e meti um no copo de Marquinhos.

– Que porra é essa?

– Picolé de coco.

– Tá bêbado, sacana? Uísque com picolé?

– Não, tô só, abestalhado. Beba a zorra com picolé mesmo para não desperdiçar.

Depois de duas horas de relógio, atracamos na Ilha. Era rumar pra Valença e de lá pegar o tó-tó-tó até Morro. Betuca de pé embaixo, a estrada cheia de curvas, o isopor e o gelo pra lá e pra cá.

– Ó, seus porra, não vão tomar a garrafa inteira! Tô me fudendo aqui no volante. Lá em Valença vou derramar!

Batemos no cais quase meio-dia e deu tempo de pegar o barco que já tava pra sair. Brinde com três copos. Sol da porra. O barco parou, a gente se picou e o marinheiro se esgoelou pra nos avisar:

– Não é aí não! Não é aí não!

Descemos na parada de Gamboa. Corre todo mundo de volta pro barco... Alguém gritou do barco:

– Deixa os bêbo aí!

Na parada certa, ele olhou pra nós rindo:

– Agora pode saltar!

Saímos do atracadouro para dar de cara com aquele portal de pedra bacana querendo nos convencer que valia a pena subir aquele ladeirão apontando pro céu.

– Creiemdeuspai!

Como é que três bêbados sobem uma pirambeira daquela? Lá fomos, um passo de cada vez, um puxava o outro, sentava um pouquinho, andava mais um tanto, devagar, parava, respirava, andava de novo e primeira etapa vencida. Ficamos um tempinho olhando feito bestas a vista linda de um lado e do outro. Naquela época, Morro de São Paulo ainda se mantinha como uma vila pequena e as pousadas eram lá embaixo, a partir da entrada da Primeira Praia. A gente achava a Segunda Praia longe e que a Terceira ficava a dois dias de viagem. Não existiam Quarta e Quinta Praias e, pra chegar em Boipeba, precisava passar por um portal quântico. Mas íamos ter que descer e parecia uma tarefa mais difícil que

a anterior. Betuca foi na dianteira, eu no meio e Marquinhos no fim da fila. Tava tranquilo até um menino gritar:

– O moço caiu! O moço caiu!

Olhei pra trás e vi Marquinhos descendo a ribanceira do lado da ladeira, de skibunda, sem deixar cair o isopor e o copo. Larguei as sacolas e fui acudir. Escorreguei e desci de bunda também. Betuca e um rapaz vieram nos ajudar. Não caiu uma gota do copo, nem uma pedra de gelo do isopor. O rapaz, dono da pousada onde nos hospedamos – a primeira na descida – mais tarde, depois de várias doses, confessou que, no que a gente apontou lá em cima, ele pediu: “Deus ajude que esses bêbô não venham pra minha pousada”.

Foi deixar as tralhas e correr pra praia! Um tempo na Primeira Praia e depois andada para a Segunda. Pousadas e barracas, nada dos hotéis boutique com piscina na frente e a música bate-estaca nos infernos de agora. Tava cheio e a cachaça, até então, não me tinha turvado a vista.

– Ó quem tá ali! As badogueiras do Sonrisal!

Essas meninas não sabiam se riam ou se escondiam. Eu tava às gargalhadas. Vieram com a desculpinha de que tinham arrumado uma carona no sábado e tê-tê-tê, caixa de fósforo. Pouco importava. Ficamos ali de galinhagem, no maior zero-a-zero, até que se escafederam de novo. Mas o que não faltava era mulher naquele feriado; batia assim no meio da canela. Foi o resto do dia todo de cachaça e toco. O dia já tinha ido, a noite começou, os três de sal, e me dei conta que tava num forró, com Marquinhos se escorando em mim. Olhei pro lado e vi Betuca enroscado com uma coroa.

– Marquinhos, deve ser a avó dele! Vâmo tirar Betuca dali!

Voltei a olhada e nada mais nem dele nem da avó.

Seguimos nosso rumo sem rumo e paramos numa portinha com a placa “Escorregue no Reggae”. Música alta, um armário entupido de garrafa de cravinho e a mão fantasmagórica do palhaço a me puxar. No balcão, depois de bater a primeira dose, pedi para o cidadão que nos atendia:

– Por favor, meu caro, coloque aí pra tocar Bob Marley...

– Meu amigo, tem três dias que aqui só toca Bob Marley...

Daí em diante, não vi mais Marquinhos, não vi mais caminho pra pousada, não vi mais consciência, não vi mais nada. Acordei com a claridade e o barulho do mar. Tava deitado na areia, empanado parecendo um bolinho de estudante.

– Caralho! Dormi na areia! Puta que pariu, virei argentino!

Sentei, vi uma garrafa de Brahma pela metade ao meu lado. Logo Brahma. Devia ser minha. Dei uma golada, olhei pro mar. Até lááá no fim. Fixei o olhar. Deixei passar o tempo.

– Tomei outra golada. Pronto, tava decidido.

– Isso ainda vai me matar. Vou aceitar a proposta de Zé Luiz. Vou trabalhar em São Paulo. 

CHUVAS

{Américo Paim}

“Trinta e seis!”, gritamos eu e Neco, com doze e onze anos. Era o que faltava, em quilômetros, para Castro Alves. O pai e a mãe riam. Passávamos por Sapeaçu, as ruas enfeitadas, cheias de gente, dia de feira no São João. Eu me deliciava com o universo mágico das cidades do interior.

Meia hora de buracos depois, chegamos! O pai, na terra natal, ia devagar com o carro nas ruas de pedras. Passada a estátua do poeta, na Praça da Liberdade, estávamos na Rua do Banheiro – no passado, havia ali um banheiro público. As casas de Dona Morena, de Seu Ernesto, do velho Genésio e afinal a nossa, à direita, em frente ao Clube da Lyra. O melhor era o quintal: um caramanchão com a parreira e um longo caminho até o portão do fundo, ladeado por árvores. Para os adultos, descanso. Para nós, pés descalços, rua, pedal, futebol.

“Chiquinho e Neco chegaram!” – a notícia trazia os amigos. Ari e Escurinho, das ruas de trás, eram magrinhos, pernas estropiadas, bons de bola. Me ensinaram a subir em árvore e pegar gafanhotos, sapos, passarinhos. Ari de Ariosvaldo e Escurinho por ser muito preto. Ele dizia não ligar, mas eu me incomodava muito. Tuca e Cleide eram irmãos, assim como Lilinho e Lulu, todos da Rua do Banheiro. Lulu e Cleide um pouco mais velhas.

Perto de casa, a Estação com os trens, o alvorço de pessoas, os cheiros, tudo bonito, enorme. Mesmo proibidos de catar pedras brilhantes nos trilhos, a gente pegava para jogar “capitão”.

O Clube da Lyra, sem muros, tinha sede simples, salão grande, quadra de cimento e campo de gramado tosco, onde jogávamos com bola de plástico. No meio da tarde, o “baba” dos meninos maiores: Pereba, Zé Binha, Val e nosso ídolo máximo, Inocêncio, chamado Censo. Alto e esguio, desfilava classe com seu corpo negro e forte na quadra. “Devia ser profissional”, dizia o povo. Se o pai nos dava moedas para uns queimados na venda de Seu Babo, íamos à marcenaria, acenar para o craque, que devolvia. A cidade sabia que ele amava Rita, filha única de Seu Genésio. Um dia ouvi os adultos em casa: “ali ainda vai dar problema”. Falavam, preocupados, da questão da cor da pele. Ela era muito branca. Aquilo me entristecia.

Nesse cenário, naquele junho, me aconteceu algo que eu já queria. Lulu tinha perguntado muito por mim, me contaram logo que chegamos. Quando a vi na praça à noite, foi um susto. Linda. Demorei a me aproximar, mas conversamos um pouco nas noites seguintes.

Na véspera da nossa volta à capital, ela, talvez cansada de esperar uma atitude, apareceu lá em casa, à tarde. Fomos ao clube. Sentamos na grama, perto da quadra. Eu, nervoso. Ela maravilhosa, em um vestido amarelo, cabelos soltos, caindo desalinhados sobre seus ombros, como uma vez deixei escapar que gostava. Sorrisos e silêncios falavam. O vento esfriava ou eu apenas tremia? Resolvemos caminhar e achamos um passarinho preto caído, sem conseguir voar. Ao tentarmos ajudá-lo, mãos e olhos se procuravam.

Antes de isso virar uma chance, começou a chover forte. A sede fechada, corremos para o fundo do prédio, sob a sobra de telhas. Muito molhados, ajoelhamos para abrigar o pobre bichinho. Nos tocamos de novo e os olhos se acharam. A água nos escorria no rosto e cabelos. Meu olhar mudou para sua boca. Nos aproximamos e não sei quando fechei os olhos, mas pareceu uma eternidade até nossos lábios se tocarem.

Senti sua língua, retribuí, mas juro que aprendi ali. Foi um reflexo, como foi com as mãos a mexer seus cabelos. Demoramos assim. Nos descolamos, abri os olhos devagar e os dela ainda esperaram um pouco, mas abertos, muito negros, eram pura ternura. Estava mudo, hipnotizado. Sorriu largo, pegou o passarinho do chão e saiu a correr no meio da chuva, olhando para trás. Corri e parei. Debaixo de muita água, vi aquele ponto amarelo a diminuir, até sumir. Entrei em casa ensopado, um riso teimoso na cara.

À noite, seu irmão contou que a mãe não a deixara sair porque tomou chuva. Fiquei triste. No dia seguinte, a amiga Cleide apareceu com um objeto e um recado. Era uma pequena caixa de metal, tampa redonda: “só pode abrir durante a viagem”. Assim foi.

Não o sabia então, mas não voltaria a Castro Alves tão cedo. A cidade sempre na lembrança. A vida seguiu distante daquela paisagem. Muitos anos depois, o pai pediu aos dois filhos que fossem lá tratar da venda da casa. Para mim seria bom voltar lá.

A cidade estava diferente, menor, mais feia e abandonada. A praça e a estátua do poeta ainda lá. A Rua do Banheiro virou duas: Hilário Couto e Osvaldo Campos, onde ficava nossa casa. Foi uma gargalhada ao entrarmos e descobrirmos como o quintal era pequeno! No velho caramanchão, lembramos de conversas de família nas noites de frio gostoso, do cheiro de doce da vó, que vinha forte da cozinha.

Feito o que o pai nos pediu, demos uma volta pela cidade. Não encontrando ninguém, fomos à antiga venda comprar água, antes de pegar a estrada. Entramos e veio o grito do balcão:

– Chiquinho! Neco! Quanto tempo! Dê cá esse abraço!

Ari estava irreconhecível, gordo, maltratado. O mesmo olhar melancólico, agora convertido em algo de dor. Chorou no abraço. Sentou-se conosco e desandou a falar. Nos disse nunca ter saído da cidade. Sem estudo, trabalhou por aí, juntou um pouquinho e comprou a venda do velho Babo. Sua mulher foi embora com os meninos. Contou que Escurinho se acabou nas drogas ainda muito novo e a polícia matou. Apontando um pequeno e escabreido menino, falou: “é Vandinho, filho dele. Não tem ninguém. Ajudo como posso. Vive aqui mesmo comigo, nos fundos da venda. Tá com dez anos, o pivete”. Neco tentou mudar o rumo da prosa:

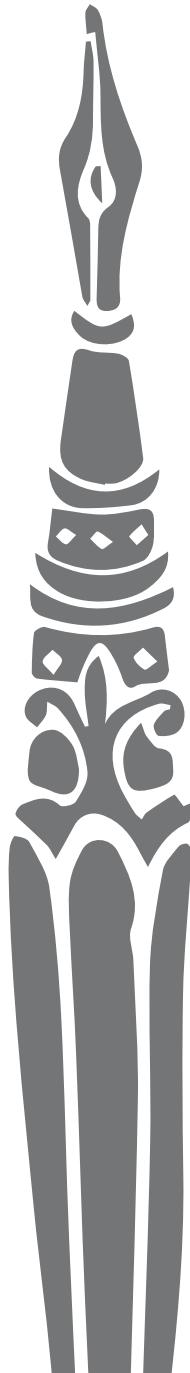
– E nosso craque Censo, cadê?

Com o rosto triste contou como a vida foi cruel com ele, tudo por causa do seu amor. Quando viu que o romance de sua filha com “o negrinho pobre” estava durando, o velho a tirou da cidade. Censo fez de tudo, foi ofendido e humilhado várias vezes. Um dia de muita chuva, em desespero, foi atrás dela, no carro velho de seu amigo Pereba. Perto de Sapeaçu, um pneu estourado em uma curva fechada confinou seus

sonhos a uma cadeira de rodas. Rita vive de tristeza. Nunca mais se viram. Pedi que parasse. Não queria ouvir mais nada. Olhava Vandinho. A mesma cara do Escurinho, mas a vida pior. Pensava em como ajudar aquele pequeno pássaro preto. Deixamos Ari com uma grana e a promessa de nos falarmos de novo.

Pedi a Neco para ir ao posto e me pegar na volta, no agora murado Clube da Lyra. Havia um assunto. Ele sorriu, compreensivo. O clube, agora sem quadra e campinho, tinha quiosques, piscina e parque infantil. A sede ainda lá. Dias antes da viagem, marquei um encontro ali.

O tempo mudou. Veio um vento frio de chuva. Não muito depois que me acomodei sob um dos quiosques, ela chegou. Em um vestido azul, o mesmo sorriso emoldurado por uma nova beleza dos trinta e poucos. O abraço foi longo, intenso e silencioso. Nos sentamos, tirei do meu bolso um pequeno embrulho de presente e coloquei sobre a mesa de cimento. Ela me olhou e o abriu. Dentro de uma velha e desgastada caixinha metálica, uma pena de passarinho preto. A chuva começou a cair, mas dessa vez ninguém sairia correndo. 



BOLINHOS DE CHUVA

{Debs Monteiro}

Noventa e quatro anos de maturidade não eram suficientes para lidar com aquela manhã de sábado. A vó teve tempo de despejar o pó no coador suspenso na pia, o café interrompido pela estridência do telefone. Contava sete toques para ela atender. Era o tempo que demorava entre qualquer parte do apartamento e o aparelho instalado na mesinha de canto da sala.

– Alô – o grito no Ô sempre escapando da mistura de ressentimento e solidão.

– Alô! Vó? Sou eu. Magnólia.

– Deus te abençoe, minha neta. Então, tudo bem?

– Vó.

O chamado suspenso no ar. Magnólia tinha passado a madrugada ensaiando as palavras que dariam a notícia. Mas sabia que poupar a velha das dores da vida não seria a melhor escolha. E justo para ela sobrou essa missão.

– Sabe o Lui, vó... Meu irmão... Ele. Sabe, vó, ele não passou essa semana bem.

– E é? Mas essa chuva que não passa. E as roupas que não secam no varal. Eu mesma estou com uma tosse... Pede pra sua mãe trazer aquele xarope que faz tudo melhorar.

A umidade impregnada de melancolia vem à tona em todas as conversas com a vó. Interrompe qualquer desgraça anunciadã. Magnólia sabe disso e sente o corriqueiro embargar a voz. Embarca no clima da velha.

– Aqui já está esquentando. Ontem até fez um solzinho. Pode deixar que eu compro o xarope, vó. Mas eu preciso falar com a senhora. O Lui precisou ser internado... Ele teve uma febre, e depois aquela dor na cabeça. Você lembra, vó? Lembra como ele reclamou da dor de cabeça no domingo? Que ouvia uns barulhos que vinham do telhado, perguntou se a gente não estava ouvindo. O tio brincou que eram fantasmas do vó. Lembra disso?

– E foi mesmo! Ele falou que tinha algo no telhado. Imagina...

– Então, vó. Ele não estava bem, e a gente não percebeu. Vó, o Lui... O Lui morreu.

A vó passava os dias com medo de que os filhos lhe escondessem as coisas. Porque conhecia os cuidados com seus humores. E achava absolutamente dispensável, estava bem, cozinhava, costurava, lavava e passava, e jogava cartas com as amigas todas as noites de quarta-feira. Ainda ganhava delas! Conhecia os truques. A vó não queria ser a última a saber. Deixou a voz da neta contando a história e parou no passado,

quando Lui foi morar com ela. Ninguém esquece as primeiras vezes, e o neto desvendou os encantos de ser avô. Na chácara ela mandou providenciar um galinheiro, queria ensinar como era no tempo que morava na fazenda. Levava Lui pela mão toda tarde para buscarem os ovos e chamarem as galinhas pelo nome. Então levavam o banquinho para a cozinha e cozinhavam as receitas do livro de páginas emboloradas. Lui besuntava os dedos nos ovos ainda quentinhos e imitava a vó amansado os ingredientes para fazerem bolinhos de chuva. Era quando a vó sentia que Lui ficava mais feliz. A receita favorita! Ovos, manteiga, açúcar, uma pitada de sal, o leite e a farinha de trigo. A medida certa de fermento. Lui misturava tudo com tempo, porque sabia que enquanto a vó fritava os quitutes ele só poderia esperar.

– Eu não tenho canela, Magnólia. Mas hoje vai ter bolinho de chuva.

Magnólia se despediu avisando que estavam a caminho.

– Desculpa, vó. Desculpa te contar por telefone. Minha mãe achou melhor eu avisar antes deles chegarem aí. A senhora pode arrumar sua mala, melhor ficar com a gente uns dias para descansar. A viagem até aqui é muito longa.

– Magnólia, hoje vai ter bolinho de chuva.

A neta fez que sim mandando um beijo e desligou temendo os dias seguintes. Na cama a mala meio fechada aguardava as últimas peças para aquela despedida. A vó deixou os armários abertos para buscar a canela. Faltava canela, e Lui não gostava dos bolinhos de chuva sem boa canela.

O supermercado ficava mais perto pelo parque. Era o atalho perfeito. Na volta a vó precisou parar para descansar, as pernas doíam, a bengala envergonhava o passeio. Tirou o lenço e enxugou as rugas, o guarda-chuva embolado no banco, as nuvens descobrindo um pedaço de céu. Hoje fariam bodas de ouro. O velho não ia gostar do mau agouro. Por isso mesmo deve ter morrido na guerra, em tempo de deixar os filhos para a velha criar. Olhou ao redor. O mundo pintado de cinza. No banco tinham dado o último beijo antes da partida, e agora a vó se lembrava disso de um jeito atrevido. Tinha mesmo amado o velho, e ficou tão feliz de vê-lo nos gestos do neto. Lui se pareceu com o vó desde criança. O jeito de entortar a boca mastigando as histórias na volta da escola. A maneira como embolava os amigos nos braços afirmando a amizade. O amor pelo cheiro da terra. Lui ia embora levando um pedaço do vó, a única lembrança viva que fazia valer a pena. A vó quis ficar ali, no mesmo banco do parque dos anos felizes. Mas estava na hora de fritar os bolinhos de chuva. ♡



MÃE EM SÉPIA

{Jennifer Queen}

Lembro de pouco: do suco esterilizado no copo de vidro lavado, do pedaço de pão no plástico, da luz de fora fraca contra a de dentro. Cheiro de desinfetante. Tinha cinco, quase seis anos. Ninguém explicou onde estávamos, nem por quê. Minha mãe em sépia se reclinava na cama. Meu pai tentava animar a gente. Lembro da distância. Estranho uma menina de cinco anos, a primogênita, não sentar na cama da mãe. Anos depois descobri. No dia do aniversário do meu irmão mais novo, minha mãe tinha tentado o suicídio pela primeira vez. Não me lembro da festa. Devia ser uma dessas festas com palhaços tristes, vestidos bordados a mão, bolo de açúcar com creme.

Sábado de sol no clube de golfe, a quarenta minutos da cidade. Meu pai não jogava golfe, mas minha mãe, squash, e nós três nos revezávamos entre a piscina – não era muito melhor do que a de casa – e o totó. Gostava mesmo de sentar a uma daquelas mesas à beira da água e pedir sorvete com três bolas e aquelas coberturas artificiais. Naquele dia, devo ter tomado sorvete demais, ajeitando os óculos de grau que não tirava nem para boiar na piscina.

Vomitei e fui parar num quarto com várias macas de lençol branco e liso. Tiraram meu sangue, serviram suco de laranja, água de coco e, depois, de prêmio, sorvete. Minha mãe diz que tudo aconteceu no pronto-socorro do clube. Difícil acreditar que um clube tivesse uma sala tão grande, com tantas macas, e todas estivessem ocupadas num sábado à tarde.

Banheiro grande, lado de fora da suíte dos meus pais, servindo aos dois outros quartos. Tomava banho atrás do box de vidro, quando minha mãe pediu para me aproximar. Sentiu meu peito reto com as mãos, e correu para falar com o pai. Marcaram uma consulta com um médico dias depois. E então com outro. Falava-se em caroço, em médico especialista nos Estados Unidos. Nunca soube o fim do caroço. Menos de um ano depois, o médico de óculos, todo vestido de branco, disse se tratar de um caroço de crescimento: os seios começavam a despontar. Nem bem começaram, implorai à minha mãe para me levar a uma médica, uma médica com aparelho para olhar caroços. Tinha certeza: era câncer de mama. Lembro de deitar sobre a maca fria, maior, mais fofa que a do clube-hospital. As médicas riam, claro. Eu, eu travava a barriga e o osso do pescoço, fechando os lábios com a gote, como faço até hoje. Minha mãe devia compartilhar um pouco do medo, ou não teria me levado à médica. Nada de câncer aos doze anos, era só um sopro no coração. Minha avó, materna, ela sim, teve câncer de mama, mas acabou morrendo de Alzheimer.

Na juventude, os hospitais eram aqueles lugares higienizados que visitava para depois comprar chocolate

na lanchonete. Foi assim no aneurisma do meu tio. Visitas semanais, principalmente para apoiar as outras pessoas da família. As conscientes. A mãe foi internada outras vezes, num hospital menos limpo que o da infância, depois num retiro de loucos e, finalmente, numa única noite no Hospital das Clínicas, depois de desmaiar na igreja. Fui junto: brigando com as enfermeiras e médicos, enquanto nos intervalos lia o fim de Canção de Ninar, de Leila Slimani.

Os laboratórios se tornaram frequentes. A partir dos trinta anos, passei a fazer check-up anual, às vezes duas vezes por ano. Era resistente à dor, mas não suportava ver seringa, ficava zonza com os tubos (às vezes oito) que deviam ser preenchidos com meu sangue. A cada refresh na página de resultados, tinha certeza sobre o diagnóstico: hipotireoidismo, diabetes, aids. Câncer. Tudo era possível. Pesquisava no Google a criptografia médica: traços de proteína ou corpos cetônicos na urina, hemoglobina baixa, HDL, LDL. Tentava cruzar um laudo com o outro.

Quando decidi que teria filhos, declarei, para surpresa da médica, que nunca tinha sido tão saudável. Era verdade: uma ou outra vitamina a ser suplementada, mas de resto tudo bem. Menos de um mês depois já estava grávida. Não sabia que a gestação seria um questionar sem fim da própria saúde. As agulhas começaram a doer mais – pedia desculpas pelos soluços nos bancos que lembram carteiras – e o resultado, que desde o caroço no seio impactava apenas uma pessoa, tinha ampliado seu campo de atuação. A cada agulhada ou ultrassom, fechava os lábios com a gote até ouvir a respiração do outro. Já não dormia mais como antes: tinha lido em algum lugar que deitando de barriga para baixo, ou para cima, podia bloquear uma das artérias para o bebê.

A maca do ultrassom morfológico também era fria. Tinha visto o resultado do NIPT, e sabia que o feto estava livre das cromossomias mais importantes, passando de uma probabilidade de um para oitenta e nove para um para dez mil, estatisticamente distante até para os mais hipocondríacos. Estava sozinha, pois na ansiedade tinha marcado no primeiro horário disponível, sem saber se o pai da criança poderia ou não me acompanhar. Fui logo dizendo à médica que tinha lido sobre tudo o que poderia dar errado, mas não falei que passara as duas últimas semanas chorando no scroll de vídeos de crianças com Síndrome de Down. A médica era boa. Vou te mostrar e explicar cada uma das coisas. O colo do útero estava no tamanho certo, a circulação no nível certo, de um lado e de outro. Translucência nucal normal. Todos os ossos no lugar, órgãos também: alguns fetos cresciam com o estômago fora do corpo. Tinha descoberto recentemente que havia outros que sobreviviam até os cinco meses sem cérebro. O cérebro estava ali, pelo menos o que ia se tornar o cérebro. Graças a Deus. Assim como os dez dedos das mãos, e o guache entre azul e vermelho do sangue de mãe.

O laudo ia demorar mais um pouco. Era preciso cruzar com o perfil bioquímico. Mas, pela primeira vez em três meses, me permitiu comemorar. Saí contando para todo mundo. Depois, começaria a me preocupar com os outros diagnósticos. Os invisíveis. A genética de depressão, esquizofrenia, bipolaridade.

Mas ainda não existe exame para isso.

Ainda bem. ♡

UM VELHO DETONADOR

{Fabio Zuker}

Seus olhos. Sim, são sem dúvida seus olhos claros, de um azul quase apagado, que deixaram em mim uma sensação difícil de esquecer.

Na maior parte das vezes esses olhos estavam voltados para baixo. Havia timidez risonha, acompanhada de uma leve burla, que se fazia mais evidente quando ele nos contava de sua juventude na gélida Bielorrússia. Suas costas eram arqueadas, curvadas sobre si mesmas.

Estávamos almoçando em um restaurante judaico romeno do Bom Retiro. Meu pai nasceu na Romênia sob a ditadura comunista de Nicolae Ceaușescu, um dos mais aterrorizantes regimes de perseguição instalados pela União Soviética no Leste Europeu. Todos duvidavam de todos e todos acusavam a todos. Quando visitei meus primos na Romênia, eles me contaram como foi crescer em meio a constantes revistas policiais em suas casas. Chegaram, certa vez, a retirar o assalto em busca de supostos chocolates – sinal indubitável de que eles seriam consumidores com acesso a bens proibidos e, portanto, inimigos.

Meu pai com frequência conta da ironia que marcou sua vida: fugidos de uma ditadura “de esquerda” – e aqui gostaria que existisse um recurso gráfico que multiplicasse aspas, tamanha a dificuldade em encaixar Ceaușescu na ideia que eu tenho do que seja um governo de esquerda e sua busca pela igualdade. Mas, sim, fugiram de uma ditadura comunista e chegaram ao Brasil em 1963, para no ano seguinte verem instaurada uma ditadura, de direita e sem aspas, como aliás deveria ser chamada a de Ceaușescu.

Essa pequena comunidade judaico-romena se reunia aos domingos para fazer churrasco de mititei (uma espécie de kafta) e rins de boi no Largo do Arouche, no centro de São Paulo. Na rua mesmo. Banquinhos, cadeiras, churrasqueira e cerveja. Provavelmente um pouco de tuica (se le tsuica), um forte destilado romeno-húngaro à base de ameixas, e que também pode ser encontrado em países balcânicos.

A Romênia de meu pai sempre esteve presente em seus afetos. Ainda que a experiência recente da família na Romênia seja marcada pela perseguição comunista que seus pais, meus avós, sofreram. Ainda que meu avô (minha avó não, pois não era de família judaica, mas sim convertida) tenha sobrevivido por meios nebulosos ao extermínio nazista – ele se escondeu, resume, sem mais, meu pai. Ainda que com toda essa infundável alternância entre regimes autoritários de espectros ideológicos distintos. Ainda assim, cabia levar o casal de amigos para se deliciar com mititei e rins de boi no amplo salão com cheiro de urina que vinha dos rins assados, neste restaurante romeno do Bom Retiro.

O senhor contava, meio brincando, meio tímido, com seus olhos azuis pendendo para baixo, que, quando

jovem, costumava explodir trens nazistas que abasteciam as tropas do exército alemão.

Eu, como criança que era, não tinha ideia de como esse senhor simplesmente aparecera em nossa mesa. É impossível esquecê-lo, embora dele eu não saiba nada além disso, que ele era o pai da mulher deste casal de amigos que meus pais levaram ao restaurante. Duas mensagens de whatsapp seriam suficientes para que eu pudesse descobrir seu nome, saber se ele ainda está vivo, conhecer detalhes da sua história, pormenores que ele possa ter transmitido para sua filha. Mas tudo isso seria descobrir algo sobre alguém que, na verdade, não é quem eu conheci.

Aquele senhor me permitiu horas de imaginação: jovem, escondido atrás de moitas, neve e florestas de coníferas, com uma boina, seus olhos azuis então vívidos e ansiosos, observando o momento certeiro da passagem do trem para então detoná-lo, provavelmente faminto e com frio, sem lugar apropriado para dormir e com medo de ser pego. Um tipo de medo, uma qualidade de sentimento que talvez eu nunca venha a sentir na pele.

Em meus devaneios juvenis, tentava pensar no prazer que ele devia sentir ao explodir um trem nazista.

Ali, perdido nessas imagens, ele é quase um herói. Algo como um bastardo inglório da vida real, ou, menos fantasiosamente, um personagem que poderia ter inspirado Leonard Cohen em sua “The Partisan”, reinterpretada pela voz da revolta da contracultura norte-americana Joan Baez:

*Oh, the wind, the wind is blowing
Through the graves the wind is blowing
Freedom soon will come
Then we'll come from the shadows*

Ele era tudo isso, claro. Mas ele também não passava de fruto da minha imaginação. Às vezes penso que meus pais nem lembrariam dele, ou mesmo deste almoço ou restaurante. Esse senhor é também fruto do impacto que teve em um jovem judeu de São Paulo, na época um pouco desajustado em sua escola, que crescia em meio a livros de literatura e de história da Segunda Guerra, acompanhado de filmes e relatos familiares de fuga e de escape. Ali, na mesa, no final das contas, é provável que a atenção estivesse mais nos pratos romenos que meu pai, sorridente e empolgado, queria fazer seus amigos provarem, como uma criança que compartilha com um amigo um esconderijo recém-descoberto; a atenção voltada aos pratos, mais provável, e menos na história que esse velho detonador de trens nazistas tinha a nos contar. 

GOSTO DE ANIS

{Luiza Sigulem}

Os jornais amanheceram com a imagem de Alan Kurdi, o menino sírio que após tentar atravessar o Mediterrâneo com a família para chegar na Itália, acabou morto numa praia da Turquia. A foto virou símbolo da crise migratória e fez com que o mundo passasse a discutir o assunto. Naquela noite, nos conhecemos em um bar no centro de São Paulo.

Fiquei atraída assim que o vi. A barba densa e preta e os olhos cor de oliva envoltos por cílios longos. Bebia sozinho, ar absorto, o corpo virado para a única janela que dava na rua. Demorei para tomar coragem e ir falar com ele: “pode estar esperando alguém ou talvez queira permanecer em silêncio”, pensei. Só não desisti porque alguma coisa — não soube definir o quê — emanava de sua presença me deixando capturada.

“Olá”, eu disse um pouco tímida, e ele me respondeu com o mesmo sucinto “olá”, se calando em seguida. Porém, não deixou de me olhar — atitude que, no nível alcoólico em que me encontrava, foi suficiente para que eu insistisse:

“Vou pedir uma cachaça, quer beber alguma coisa?”

“Sim, uma cerveja e uma cachaça.”

E assim, revezando destilados e fermentados, ele me falou o seu nome: “Tariq”, e contou que era palestino.

Depois de algumas rodadas, o jeito monossilábico foi substituído por uma história: os pais tinham vindo para o Brasil refugiados em 1967 — na Guerra dos Seis Dias — expulsos da aldeia palestina em que a família vivia há gerações, e que hoje se encontrava sob jugo israelense. Ao terminar, concluiu resoluto: “Os palestinos ainda guardam as chaves das casas nas quais moravam, pode demorar gerações, mas vamos retornar”.

Aproveitei o tema do retorno à casa e disse sem refletir:

“Que coisa, eu sou judia, por que a gente não derruba logo esse muro e faz um tratado de paz lá no meu apartamento?”

Ele me olhou irritado:

“Nada contra judeus, judaísmo é só uma religião. A questão é a ocupação que já dura há quase um século...”

“Sim, entendo”, tentei me redimir, e me esforcei para completar com algo significativo, “a questão Palestina”, “a brutalidade do estado israelense”... Mas não consegui.

Só me veio à cabeça a fatídica volta do aeroporto dois anos atrás: eu chorava compulsivamente no carro após

ter me despedido do Noah. Tínhamos tido um romance intenso durante o tempo que durou sua estadia a trabalho em São Paulo. Encostada no recuo da Marginal, eu dizia com a voz embargada para uma amiga ao telefone: “Se ele quiser, eu me mudo amanhã para Israel, nunca é tarde para aprender hebraico, posso até começar a frequentar a sinagoga”.

Nunca me perguntei se a casa do Noah, que eu tinha conhecido por fotos e que parecia tão charmosa — o pátio interno rodeado por arcos cor de terra —, teria pertencido a uma família palestina, que, expulsa, hoje viveria numa construção precária em algum campo de refugiados.

Porém, contrariando minhas expectativas, após aquele comentário infeliz, ele topou ir para a minha casa. Nos beijamos despudorados na calçada e entramos no carro dele — que parecia saído de um combate. Ele deu partida e me perguntou:

“Onde você mora?”

“Vila Madalena”

“Hmm... imaginei.”

“Imaginou?”

“Pois é.”

Eu passei o endereço e me afundei no banco do passageiro, recostando a cabeça e fechando os olhos por alguns instantes. Estávamos atravessando a rua Augusta quando, após uma freada brusca, olhei para fora e percebi que os postes de iluminação e os faróis dos carros eram rastros de luz e os prédios e árvores estavam girando. Eu tinha bebido demais e ele estava muito acima do limite de velocidade permitido. Perguntei, tentando não parecer indelicada, se ele não estaria indo um pouco rápido.

Ele respondeu que não, de forma alguma, e além do mais, eu não precisaria me preocupar, ele havia trabalhado como motorista profissional por muitos anos, na época em que permanecera ilegal em Tel Aviv — por ser palestino, seu acesso era vetado em Israel. Lá, tinha conseguido um carro com a placa israelense e levava e trazia palestinos da Cisjordânia até os territórios ocupados — pessoas que queriam trabalhar, encontrar a família e amigos e não tinham autorização para atravessar o muro. Nesse “trabalho”, Tariq tinha participado de algumas perseguições de carro, mas nunca tinha sido pego.

“Sim. Um pouco de adrenalina”, refleti, enquanto apertava os olhos tentando fazer com que ele deixasse de ser uma imagem duplicada. Não conseguia entender por que estava me sentindo tão mal. “A saideira”, pressupus, e, como se a informação fosse me ajudar a ficar sóbria, perguntei:

“Escuta, essa bebida que tomamos por último, como chama?”

“Arak.”

Arak! Tinha sido ele. A bebida doce, e aparentemente inofensiva, era a responsável pelo gosto de anis na boca e pela vertigem. E de repente, lembrei: eu já tinha tomado arak antes. Quando era criança, meu pai colocava o líquido azulado em um copo, acrescentava um torrão de açúcar e me oferecia, “só um golinho”, e eu passava o resto da noite com o gosto terrível, porém me sentindo adulta.

Tentando expressar a minha descoberta e tomada por um sentimento de afeição, disse:

“Acho que no fundo judeus e árabes têm muitas coisas semelhantes, não é só conflito. Temos até palavras parecidos. Veja o nosso caso, estamos nos dando tão bem... você dirige como um lunático, mas tem um toque firme, um beijo tão bom...”

“Você ainda não entendeu, Luiza. Essa ideia de que judeus e árabes brigam desde sempre só serve para justificar a ocupação. Minha avó contava que antigamente durante o Eid, o maior feriado religioso muçulmano, os árabes deixavam os filhos com os vizinhos judeus para irem fazer as rezas. Os judeus faziam a mesma coisa no Hosh Hashaná, não existia conflito antes da ocupação. Judeus e árabes não se odeiam há séculos, como te ensinaram aqui no Brasil.”

Enquanto ele falava, eu tentava uma mistura de respiração de ioga com a de uma mulher prestes a parir — não queria vomitar na frente daquele estranho cheirando a almíscar, que ainda (quem sabe) poderia me proporcionar alguns prazeres naquela noite.

Enquanto eu expirava lentamente, me veio a imagem da minha avó — já falecida há muitos anos — dizendo que estava indo no banco e me chamando: “Vem comigo, Luiza, vamos pagar a contribuição mensal e mandar ajuda para o nosso lar”. Depois passávamos na doceria. “Nosso lar.” Será que eu tinha alguma coisa a ver com Israel? Calei sobre a contribuição, mas falei com a voz repentinamente embargada:

“Quando minha avó saiu da Polônia, em 1946, conseguiu emigrar para o Brasil. Só que muitos não tinham para onde ir, a maioria dos sobreviventes não contava com outra opção... Israel os acolheu...”

“Por isso defendo que a solução é um Estado único, laico e de direitos iguais para judeus e palestinos”, disse, firme.

Mas àquela altura eu já não estava mais disposta a escutar, só queria chegar em casa. Fiz uma última tentativa, para ver se conseguia ganhar a discussão de uma vez por todas:

“Mas você disse que a questão não eram os judeus”.

“São e não são ao mesmo tempo.”

E após essa última frase não dissemos mais nada.

Eu estava exausta. Chegamos em casa, fomos direto para o meu quarto. Deitamos na cama e não me lembro bem quando — talvez antes que as coisas se tornassem perigosas — dormimos.

Quando acordei, ele já tinha ido — não sei para onde. Tomei alguns copos de água do filtro, coloquei um vestido e saí para comprar o café da manhã. ☺

O TEMPO DA ESPERA

{Tatiana Heide}

“Você conhece o João?”, me perguntou a enfermeira quando soube que eu era brasileira. Tive vontade de erguer os ombros, pressionar meus lábios e virar os olhos num tom arrogante de dizer a sua pergunta é tão estúpida que eu não devo sequer lhe responder, mas eu sorri e disse que João era um nome muito comum no Brasil.

Ela então me contou que João foi um paciente muito querido da clínica e que ela não sabia se ele tinha retornado ou ainda vivia aqui. “Schwarze Mann”, ela usou para dizer que João era um homem negro. Eu continuei com um ar vago afirmando que não sabia quem era pois queria que aquela mulher saísse rápido do quarto coletivo em que meu marido estava deitado, mas eu era amiga de João e sabia exatamente de quem ela falava.

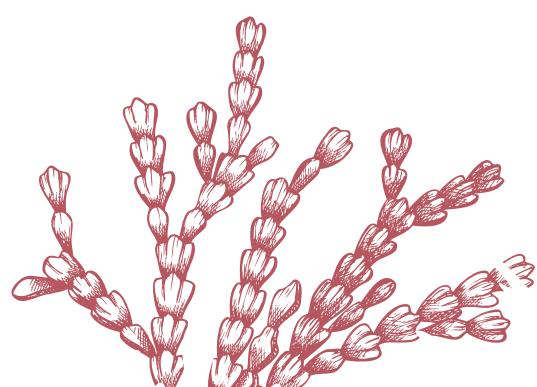
João tinha um câncer no reto.

“Essa merda no meu cu”, ele dizia. “Todo dia eu ligo a merda de um vibrador no cu por 15 minutos (...) Uma grega, gata pa caralho, me levou para uma ilha de noite. Eu só olhei para ela, pensei naquele supositório enfiado no meu rabo e disse para mim mesmo que eu nem podia fazer meu amor com ela (...) Meu pai também tá morrendo de câncer no cu, mas não quer tratar porque disse que mexer no cu é coisa de veado. É disso que eu preciso escrever, sabe, Manu?”

Essa última frase fez parte do nosso primeiro encontro. Contei que escrevia e ele desabafou seu desejo de refletir sobre o machismo nas favelas do Recife. Que é de onde vem João e sobre o que ele quer falar.

De longe a escolha me pareceu bem clara: o cu ou a vida. Após a retirada de 70% da musculatura do reto, era necessária uma fisioterapia para que o músculo voltasse a realizar os movimentos de contenção das fezes. Até a recuperação ele usava fraldas, e quando nos encontrávamos era comum que ele ficasse sem comer por muito tempo para não ter de ir ao banheiro inesperadamente ou não ter a chance de trocar as fraldas sujas e fedidas.

Quando fui à sua casa pela primeira vez, entendi tudo melhor. João era de uma assepsia ímpar. Não havia fio de cabelo no chão. Os instrumentos de percussão dispostos no seu quarto compunham uma descompromissada, porém única, mandala de afrobrasileidade e degradês de madeiras e peles de tambor. O diâmetro dos círculos, a altura dos instrumentos, a tonalidade do couro, alfaias, agbês, congas, caixas, bumbos, djembês, maracas, pratos, chocinhos, surdo, pandeiro, kazoo, caixa, bongô, tamborim, atabaque, cuíca, alfaia, rebolo, tantá, gongo, triângulo, berimbau, castanholas, reco-reco, cajón, carrilhão, chocinho, sino, matraca e mais tantos outros se dispunham em grupos por todo o espaço. Eu deslizava meu olhar sobre eles e me sentia batizada só por estar em suas presenças.



Mas sentia também o medo. O medo do desnorteamento quando perdemos alguém que nos informa a vida. Que nos constitui no cotidiano. Cujo encontro molda a nossa própria existência esculpindo essa terceira vibração que é a experiência do encontro. Aquilo de único que existe entre dois seres vivos.

Quando Danilo, outro amigo, morreu, carreguei o desnorteamento enquanto caminhei solitária pela Augusta num entardecer desolador. Eu chorava naquelas calçadas estreitas, passando pelos lugares que costumava frequentar com alegria, alguns em que estivemos juntos. Naquela tarde eu carregava a morte em mim e a caminhada me empurrava numa nova direção. Foi como carregar no meu corpo o contrário de uma paixão, mas que como tal ocupa espaço.

Queria que aquela enfermeira saísse logo dali, pois lembrar de João naquelas circunstâncias me paralisava. Pedro estava nu sob um amental hospitalar prestes a entrar numa sala de cirurgia, eu queria segurar na sua mão sem medo e desejar-lhe apenas uma boa e simples operação. Foi o que eu fiz. Pela primeira vez juntos num hospital, segurei sua mão branca cheia de pintas e dei-lhe um beijo de despedida. Caminhei por corredores frios de cores pastel e creme até encontrar a cafeteria. Sentei com meu caderno antigo de capa de couro vermelha, pedi um café e comecei a escrever enquanto esperava.

O menino de moletom azul morde o canudo à minha frente. A janela imensa de vidro ao meu lado separa o interior do café da parte externa do hospital, onde há árvores amarelas. O outono faz da periferia de Berlim uma temporária cidade cenográfica. Olho para fora e sinto o evento neuropsíquico no qual meus olhos pousam num ponto fixo no chão, enquanto meu pensamento se desloca para qualquer outra coisa e meu olhar se desfoca. Já me perguntei várias vezes sobre esse evento e deve haver um nome para isso. Me lembrei da reportagem que vi na TV sobre um pai que prepara a filha para tornar-se uma jogadora de xadrez genial. Desde cedo na infância ele introduzia o jogo de xadrez na vida dela em momentos variados, enquanto ela passava uma tarde na piscina, no café da manhã, brincando de boneca, recolhendo folhas no jardim. O programa acompanhava os estudos neurológicos sobre seu cérebro até o momento em que uma imensa máquina de tomografia conseguia identificar, por meio de cores, que ela reconhecia as jogadas de xadrez no mesmo local em que reconhece os rostos das pessoas próximas.

Um casal de velhos se aproxima da minha pequena e isolada mesa redonda. Eu os observo enquanto eles discutem algo entre si e gesticulam. A senhora se senta à minha frente e pousa a bolsa do marido ao seu lado depois de insistir que ele a entregasse. Ele sai. Ela comece a comer um sanduíche enquanto olha pela janela. Nós sorrimos uma para a outra, mas nenhum contato visual é feito.

Seus cabelos são longos e presos num coque que, em vez de tradicionalmente girar ao redor de um centro, se avoluma para trás. Ela tem um broche dourado com pérolas no peito. Ao ver o broche, penso na guerra. Uma criança. Ainda tenho o costume de imaginar essa situação com os idosos daqui, mas tenho certeza de que tudo isso vai acabar com o tempo. Porque eles vão acabar. Enquanto a observo com lances rápidos de olhos, percebo as distâncias que nos separam e quanto pertencemos a culturas diversas.

Pensamentos sobre estrangeirismo me tomam. Sobre a noção de identidade e anonimato.

Me lembrar da história da mãe de Daniel me faz lembrar da história da mãe de Freddy, cada uma à sua época não sei o nome de nenhuma, só que ambas foram pianistas em Berlim. A mãe de Freddy, nos anos 20 e 30, trabalhava numa grande galeria comercial no bairro perto de onde eu moro. Seu trabalho é de um anacronismo curioso, pois sua função era passar o dia no departamento de música sentada ao piano. Quando um cliente estivesse interessado em comprar uma partitura, dirigia-se à mãe de Freddy, que então tocava a composição e assim o cliente conhecia a peça. Ela era uma espécie de tocador analógico de canções, no qual em vez de inserir um CD num aparelho, ela disparava os dedos sobre as teclas de um piano.

Já a mãe de Daniel tem uma história mais recente. Ela mudou-se de Seul para Berlim nos anos 70 para trabalhar como enfermeira. Talvez ela trabalhasse numa clínica como a que me encontro, talvez seja exatamente a clínica em que estou, Klinikum Emil von Behring. Nos intervalos dos plantões, ela se dirigia ao piano, provavelmente do café, e tocava por algumas horas. Foi numa dessas vezes que um dos pacientes da clínica disse-lhe que ela deveria tentar estudar no conservatório de música onde ele dava aula. Ela seguiu as orientações do sujeito e acabou ingressando no conservatório da cidade. Com o tempo, migrou para canto e enfim se tornou uma cantora de ópera. Nas palavras de Daniel, "a primeira cantora de ópera coreana da Alemanha".

O marido idoso retorna, tira a boina, traz um café em cada mão e se senta. Eu espero pela sua troca de olhar. Somos apenas nós naquela mesa no pequeno canto de cafeteria de hospital. Mas a troca não acontece, não há sequer a necessidade de sorrir. É apenas o reconhecimento de que somos os elementos vivos daquele espaço.

Mesmo assim sinto meu corpo se preparar para uma possível conversa. Sobre perguntarmo-nos a quem estamos esperando, o que há de bom para comer naquele lugar. Conversarmos superficialmente sobre nossas vidas pessoais enquanto eu peço desculpas pelo meu parco alemão e continuo no esforço de entendê-los. Nada disso acontece e eu não preciso da língua falada para me dar conta das diferenças entre nós. Eles não me olham mais. Nenhuma palavra é dirigida a mim. Nossos espaços individuais são quase visíveis. Não estamos num país onde as afetividades vazam naturalmente ao redor, onde compartilhamos pequenos segredos e pequenas desgraças do nosso cotidiano com estranhos, nos intrometendo na vida alheia. Aqui não. Eles nem sequer me olham. Leva tempo para que meu ânimo se assente e eu passe a ignorá-los também. Minha resposta automática é enorme e muito além da minha vontade. De onde eu vim fala-se com as pessoas ao redor sempre, e isso é leve e insuportável.

Faço o exercício de imaginar o que os traz aqui. Se não são eles os idosos que estão na sala de cirurgia, quem será então? Exames de rotina?

Penso em Pedro, que nesse momento deita semimorto numa maca e tem sua pele furada e expandida por um jato de ar enquanto eles retiram sua vesícula fazendo pequenos cortes nas partes que a ligam ao corpo e depositando o órgão defeituoso e ensanguentado numa bandeja fria de metal. Menos invasivo que a retirada de 70% do reto, de fato, mas somente eu estou aqui. E sou sua mulher. Seine Frau. Apenas eu sou responsável por ele em todo este lugar. Quantas internações e outras cirurgias farão com que a nossa história de vida juntos nos aproxime e molde assim o casal que nos tornaremos um dia?

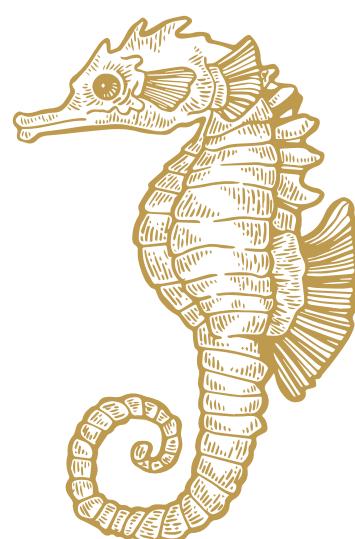
Estarão os nossos laços mais fortes após os 14 dias de recuperação porque ele dependeu dos meus cuidados? É assim que as relações vão se costurando, se constituindo em história quando, dia após dia de um cotidiano maçante, vivemos momentos em que a vida do outro está nas nossas mãos? E é esse o momento em que tudo pode renascer e faz sentido estar a dois? Ou quando percebemos enfim que não queremos ter aquela vida nas mãos e nos livramos da responsabilidade do outro?

Então o casal de senhores a minha frente fala alguma coisa entre si. Rápido e baixo. Eles conversam e se entendem. Eu os olho e imagino quantas cirurgias passaremos até que estejamos como aqueles dois. Percebo que me sinto mais à vontade em escrever sobre eles na frente deles sabendo que não entenderiam o que escrevo. Se eu escrevesse em alemão, mesmo que suas vistas não alcançassem minhas palavras, eu me sentiria num ato de provocação. Mas agora não. Eu os escrevo em português e isso me livra de qualquer culpa.

Ambos se levantam, me olham diretamente e dizem “Guten Tag” com voz forte e precisa. Eu levo um pequeno susto, sorrio, respondo com as mesmas palavras e me encontro sozinha novamente, sentada numa mesa de café, num canto do hospital, enquanto o pai dos meus filhos, a pessoa de quem eu dependo em inúmeros sentidos, está deitado, sedado e com a barriga aberta. Não temos nenhuma família a menos de 9.000 quilômetros de distância. Se ele morrer, eu não carrego só a perda, mas todo um novo destino na história se rescreverá sobre eu e meus filhos. Eu carrego essa solidão no café deste hospital. A espera. Porque se não for agora, um dia ele vai morrer, e no deslizamento de uma linha cronológica eu vou viver o desbarato dessa dor, e a memória de que um dia estive sentada no café de uma clínica com 30 e poucos anos, esperando ele se submeter a uma simples retirada da vesícula, e ainda não tinha recebido a confirmação da enfermeira de que estava tudo bem.

Olho para o celular e há uma mensagem de João, leio: “o câncer voltou, recomeço a químio na quinta-feira”. Merda.

Vou ao escritório, nenhuma notícia de Pedro. Será que está tudo bem? Nunca vai estar tudo bem. As mortes se sucedem. 



AS COISAS DO MEU PAI

{Ale Kalko}

Não fosse o algodão nas narinas era como se eu tivesse 17 anos de novo olhando o pai cochilando sereno no sofá, mas com ele coberto de flores. E velas. E gente chorando na sala. A agência funerária fez um bom trabalho. Mas se fosse um tratamento da foto da capa de uma revista, haters acusariam de terem carregado a mão no photoshop. O pai ali naquele caixão não tinha 72 anos. Conseguiram tirar uns 20 anos mais os 6 do tratamento do câncer. Eu sem o pai me desorientei. E todo universo que contabilizava três pessoas e que dependia desse eixo gravitacional também teve sua órbita abalada.

Voltamos do hospital pra casa carregando um saco plástico grande transparente com seus pertences e a notícia irreversível: colapsou, intubou, falhou, veio a óbito. Não, não sofreu, foi rápido, não pode ver, já levaram, melhor não ver, melhor não saber. Imaginar é pior. A mãe tinha 7 anos de novo, precisava que a guiassem pela mão, que a botassem no chuveiro. A irmã foi ver as certidões. Fiz a mãe voltar pra cama. Enfiei meu pé em uma das meias do meu pai e deitei no lado dele do colchão. Eu era menor do que o afundado marcado na espuma. O travesseiro ainda tinha o cheiro do shampoo anticaspa mesmo com sua cabeça ausente havia 10 dias.

Eu vesti as meias e depois soube que a mãe vestiu as cuecas que esperavam por ele nas gavetas. Ela queria se sentir confortável. Queria ter ele pertinho. A irmã vestiu as assinaturas. O cartório. Tudo o que o pai fez quando o próprio sogro se foi e depois a própria mãe e depois o próprio pai e depois o próprio irmão e depois a própria sogra e depois o próprio cunhado e a própria cunhada e a própria sobrinha criança filha da própria irmã. O IML da sobrinha criança diminuiu um pouco o coração vivo do pai. Eu fui em todos esses enterros, mas no dele foi o único em que eu me senti minúscula.

No enterro da madrinha da mãe eu tinha 9 anos e parei pra pensar no depois da morte. Imaginei que a gente ia pro céu e que o céu estava em cima da gente e que em cima do céu tinha as estrelas e que em cima das estrelas era, era o nada. Uma imensidão de nada. O nada é uma imensidão de preume que sustenta um planeta que não está apoiado em nada que a gente pode ver ou pegar. E a nós, só nos resta acreditar nesse nada que sustenta o nada. Um preume sem fim que não deixa a gente respirar.

O mesmo preume me engolia e me evaporava em queda livre e eu me segurava em nuvens, nuvens de algodão, algodão que tapava o nariz do meu pai pra evitar que as coisas de dentro dele vazasse. Lembrar desses algodões funciona mais pra mim como confirmação de óbito do que a papelada do cartório. Duas bolotinhas comprimidas tapando buraquinhas de um corpo que não mais respira. O pai tinha encolhido embaixo daquelas flores, dentro daquele terno. Ele só era menor na cama da UTI quando escorregava entre os dedos da gente feito o castelo de gotas de areia que fazíamos na praia.



Eu tinha 42 anos e estava partida ao meio, eu não pensava, apenas me movimentava no fluxo. Regredi pra quando eu era feita de metades passeando em dois gametas, cada um em um corpo diferente. A rotina era uma fita adesiva barata e velha encontrada numa caixa de tranqueiras que você guarda porque um dia pode precisar. Sua função era me manter no modo zigoto, mas a cola estava vencida e às vezes as partes seguiam fluxos opostos.

Eu apertei tanto a minha mandíbula tentando evitar que meu cérebro se desacoplasse do meu crânio que trinquei um dente até expor um nervo. Percebi que era mais fácil para as outras pessoas entenderem a minha dor quando eu falava do dente do que quando eu falava da morte do pai. A morte do meu pai latejava na minha boca. Eu era o nervo exposto de um molar. E na cadeira do dentista um algodãozinho comprimido tapava o buraco do meu dente pra ele estancar.

Depois que enterra, alguém tem que mexer naquele saco plástico grande transparente que voltou da UTI. Jogar fora a meia cartela dos remédios que não curaram. A escova de dentes ainda úmida. Os cabelos no pente de bolso. O enxaguante bucal no finzinho. O aparelho de barbear quase sem fio. Os dedos do meu pai ainda continuam nas lentes dos óculos. Nunca limpei. Pra perto. Pra longe.

Depois que enterra, alguém tem que passar o café. A sinfonia da cozinha amanhece a de sempre: abrir a torneira, completar a água na chaleira, acender o fogão. Mas os tempos dos meus gestos não são os mesmos do meu pai. Dobro o filtro e seguro o bule do jeito que ele me ensinou. Passar café é também uma forma de oração. 

GRAVADA COM O NOME DELA

[Mari Casalecchi]

O cabelo branco e as sobrancelhas volumosas, curiosamente, ainda resistiam. Muito esforço e alguns quilômetros eram gastos para suas sessões de quimioterapia na capital. No entanto, escolheu passar seus últimos dias em Araraquara, que, embora não fosse sua cidade natal, era o lugar pelo qual nutria mais afeto.

Estava fraco, olhos fundos, ossos bem aparentes. Penso que sentiu a proximidade gélida da morte. Tratou detalhes de sua internação com o doutor Walter – amigo de luta política e então diretor da Santa Casa de Araraquara –, que, entendendo a fragilidade da situação, aboliu a necessidade de horário ou o número de visitantes. Partiu, com minha mãe e minhas irmãs, na segunda anterior ao Carnaval, logo pela manhã. Eu iria no dia seguinte, com meu irmão, a fim de acertar minha ausência no trabalho pelos próximos dias.

Sempre achei curioso o fato de as ruas da cidade serem conhecidas por números. Naquele dia, nosso destino era a rua Cinco (considerada a mais bonita por seu corredor verde, repleto de oitis centenários). A Santa Casa ficava em um prédio grandioso, mais largo do que alto, com uma arquitetura difícil de identificar. Já no corredor, ouvi vozes vindo do quarto – meu pai e seus amigos nunca souberam falar baixo.

“Zé, é o Guimarães Rosa do submundo!”, ouvi ao abrir a porta. Era o Koshiba, seu velho amigo, também historiador, contando empolgado sobre sua nova descoberta: o recém-lançado *Pornopopéia*, de Reinaldo Moraes, que, àquela altura, já disputava com o catéter intravenoso as mãos cansadas do meu pai.

O quarto nunca ficava vazio, era como uma festa. Existia uma leveza no ar, embora todos estivessem a par da situação. Amigos se reencontrando, relembrando momentos. Eles, assim como eu, sabiam que meu pai desprezava formalidades. “Zé Reto, conta aquela do Dito de Pinhar!”, pedia o Fernando, se referindo à história que havia acontecido na cidade em que meu pai nasceu, Espírito Santo do Pinhal. Zé Reto era seu apelido de toda a vida por ter a região glútea pouco proeminente. Com alguma dificuldade, ele ria e fazia graça: “A Mariana começou a desenhar, ficou sabendo? Lá em casa é como um circo, todo mundo artista! E eu me equilibrando na corda bamba”.

Dois dias depois, já mais debilitado, pediu que ligássemos para o Lúcio. Lúcio era seu amigo de infância, com quem havia feito um acordo anos antes: caso um dos dois estivesse em uma situação sem volta, o outro se encarregaria de falar com um determinado médico, disposto a fazer eutanásia. Em uma visita, o amigo desconversou, nos disse que havia perdido contato com o tal médico. Suponho que se sentia mal por tomar uma decisão tão definitiva.

Doutor Neto, responsável por acompanhar sua situação no hospital, era filho de um casal de amigos muito próximos de meus pais. Sua mulher, Sheila, era a enfermeira. Sabendo que lhe restava pouco tempo, doutor Neto e sua mãe, Elza, nos fizeram um convite inesperado: separariam um quarto em sua casa com toda a estrutura para comportar meu pai e, então, poderíamos ficar à vontade, receber amigos e nos despedirmos com mais conforto.

Instalado no quarto daquela casa que conhecíamos muito bem e assistido por uma equipe médica formada por pessoas queridas, contou com o apoio e afeto de gente de todo tipo: acadêmicos, boêmios, companheiros comunistas. Enquanto eu, meus irmãos e minha mãe ocupávamos todo o espaço da cama de casal em que estava deitado, os amigos se revezavam no sofá disponível para as visitas: Rudnei, nosso pedreiro, com quem tomava uma cerveja todo fim de expediente; Zavão, o advogado que cultivava paixão por trens; Colucci, o médico com habilidades culinárias; Jamir e Ana, o casal de professores devotado às amizades; Lazinho, o companheiro de cárcere na ditadura; Silvia, a antropóloga suíça responsável pelos melhores selos da minha coleção de infância.

Já não se comunicava com facilidade, confuso, se esquecia de episódios recentes.

- Sola, liga pro Lúcio.
- O Lúcio esteve aqui, Zé, não lembra?
- Vamos resolver isso logo.
- Zé, em dois dias fazemos 45 anos de casados.
- É mesmo?
- No sábado, amor.
- Então eu espero.

Fomos informados de que seu rim havia parado. Era questão de tempo. Em um de seus raros momentos de lucidez, nos pediu para que tocássemos as músicas que gostava em seu velório (uma longa lista de cantores brasileiros que incluía Adoniran Barbosa, Cartola, Jacob do Bandolim, Clementina de Jesus). Pediu, em especial, “Fita amarela” para a minha mãe. Me responsabilizei pela playlist.

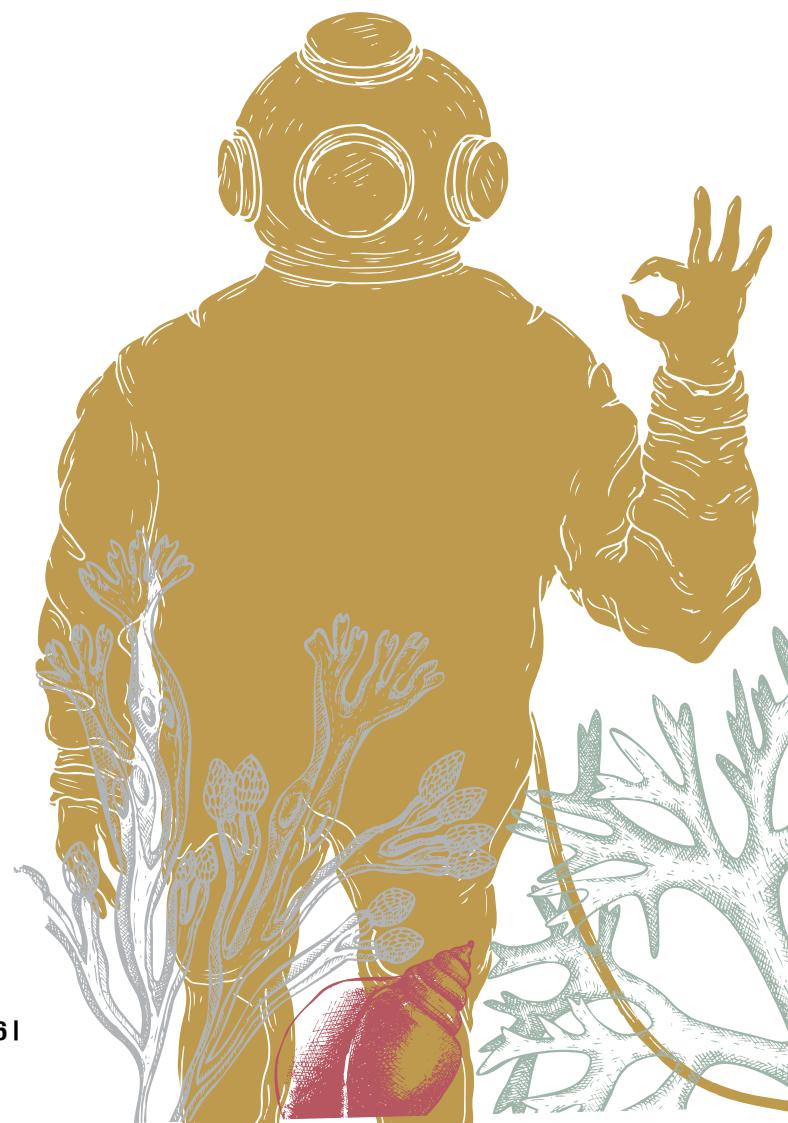
No sábado, data do aniversário de casamento, minha mãe passou boa parte do dia ao seu lado, falando baixinho em seu ouvido. Ele sorria, parecendo compreender tudo o que ela dizia. Eu admirava o amor e a cumplicidade dos dois. Por muitos anos, sempre que voltavam de algum evento social, meu pai me perguntava:

- D’amore, adivinha quem era a mulher mais linda da festa?
- A mamãe, pai. Eu respondia, cansada de saber qual era a resposta.

No domingo, acordei cedo e fui me deitar ao seu lado. Com dificuldade, me pediu para seguir com alegria. Contei todas as suas respirações como se fossem as últimas (àquela altura, ainda não sabia que as últimas vêm acompanhadas de um barulho angustiante, parecido ao da máquina de café quando suga toda a água). O dia passou demorado. Ouvíamos barulho de foliões na rua quando sua respiração cessou. Era domingo de Carnaval.

Seu velório foi atípico: Koshiba providenciou o auditório da Unesp (instituição em que meu pai foi professor e diretor por grande parte de sua vida) para que seu corpo fosse velado. Funcionários da universidade decoraram o espaço com seus quadros preferidos. Minha playlist fez sucesso e embalou os causos narrados pelos presentes. Foi como um daqueles longos e frequentes almoços, cheios de amigos, em nossa antiga casa. Não havia espaço para se instaurar tristeza.

No enterro, uma surpresa. Chico Santoro, arquiteto boêmio e músico amador, convocou os integrantes de sua Banda do Fuá para uma homenagem ao velho amigo. Me emocionei já nas primeiras notas, enquanto perdia o caixão de vista: *Quando eu morrer, não quero choro nem vela, quero uma fita amarela, gravada com o nome dela.* 



SOBRE PAIS, FILHOS E CÃES

{Alex Xavier}

Não sei quantos anos eu tinha quando tentei manipular meus pais para me darem um cachorro, pedindo a eles, de supetão, um irmãozinho. Segundo minha mãe, que recontou essa história tantas vezes até sua lembrança se tornar também minha, diante do voto à solicitação, eu ainda propus um macaco no lugar do irmão. Comparada a uma proposta tão absurda, a ideia de ter um cão soaria, no mínimo, razoável. José, meu pai, não caiu nessa. Disse que bicho só dava trabalho e prejuízo e tinha certeza de que a tarefa de cuidar do animal sobraria para ele. Levou umas três décadas, mas sobrou para mim.

Em 2011, eu saía de São Paulo todo final de semana para ir a Itatiba, onde meu pai passou os últimos anos de vida. Seu imóvel era classificado como chácara, o que pode ser confundido com sítio, mas não passa de uma casa com uma área maior de quintal. Ficava dentro de um condomínio decadente já na área rural, à beira de uma estrada rodeada por terrenos abandonados e esburacados. A construtora nunca chegou a levantar muros ou instalar portão com guarita. No máximo, ergueu uns arcos na entrada, delimitando o futuro bairro. Para chegar lá, eu tomava um coletivo na rodoviária e, antes de descer, sempre ouvia a mesma conversa dos outros passageiros.

Aqui fica a casa do doido dos cães.

Eu vi na TV, menina. Que coisa, pobre do moço.

O moço era eu. Apesar de não ser reconhecido nas ruas, tinha status de celebridade na região de Campinas: o filho do doido dos cães de Itatiba. Cães. No plural mesmo. O sujeito que negou um cachorro para o filho pequeno envelheceu cercado por dezenas deles. A quantidade variou bastante em cerca de uma década bancando o São Francisco. Começou com dois, que entraram na sua vida quando a maioria dos seres humanos do seu círculo, incluindo duas ex-mulheres e um filho de cada casamento, já o evitavam, cansados dos rompantes de fúria e da alma inquieta, desconfortável com a vida como se usasse sempre um jeans apertado.

No final de 2000, policiais cercaram de madrugada uma casa no interior paulista, atrás de um menor conhecido como Batoré. Acusado de 15 assassinatos e cerca de 50 sequestros-relâmpago, o rapaz de 17 anos se atocaiou lá após fugir da antiga Febem. Antes de se entregar, descarregou duas pistolas contra as viaturas. Meu pai, vizinho involuntário do foragido, assistiu ao tiroteio de camarote, bebendo uma cerveja na varanda. No esconderijo, foram largados Shênia, uma fêmea de labrador, e um filhote de fila brasileiro, sem nome. Com pena, José pulava o muro para alimentá-los. Até que o exercício foi demais para um senhor na faixa dos 60 anos e ele abrigou os animais.

Meu pai, que nunca se deu muito bem com gente, descobriu que cachorro é uma companhia muito melhor. Logo, adotou filhotes doados por conhecidos seus. Em seguida, passou a resgatar vira-latas das ruas. As pessoas ouviram falar dele e deixavam mascotes amarradas no seu portão. Um fox paulistinha foi arremessado sobre o muro. Sobreviveu e juntou-se aos demais hóspedes. O lugar chegou a receber 68 cães. O pequeno fila ganhou o nome do meu irmão mais velho, Maxi. Um pastor canadense foi batizado de Aléxis, em minha homenagem. Outro, de Dadu, apelido do meu primo. Do seu modo, meu pai reuniu os familiares de quem havia se afastado.

Liguei porque não passo desta noite.

Em maio de 2008, fui acordado por um telefonema do meu pai às três horas da manhã. Diabético safenado com problemas pulmonares – além da insistência em contrariar recomendações médicas –, ele não conseguia falar direito por causa da respiração fraca. Eu nem sabia que estava hospitalizado, mas não faria diferença. Pouco antes de me ligar, José viu, da janela do seu quarto na Santa Casa, um cachorrinho remexendo no lixo do estacionamento. Saiu escondido, de camisolão mesmo, com a bunda ao vento, pegou o animal e, sem receber alta, convenceu um taxista a levá-lo para casa.

Ofegante, a maior preocupação dele ainda era com o destino dos cães após sua partida. Ele temia que virassem sabão nas mãos do Centro de Controle de Zoonoses. Para acalmá-lo à distância, prometi encontrar novos donos e fiquei duas horas anotando o nome, as histórias e até os traços de personalidade de cada membro da matilha, um dossiê completo.

Moisés caiu na piscina quando pequeno e fez um escarcéu.

O salsicha Watson leva a sério a missão de proteger o beagle Sherlock.

Duque sempre atende ao ser chamado, ainda que vá para o lado errado, pois é cego, coitado.

A despeito do nome, Xereta tem gênio cordato e nunca se mete em briga.

Don Juan, grande sedutor e boêmio, costuma escapar pra flertar com as cadelas da vizinhança e volta todo imundo.

Com vocação circense, Vostok salta altos obstáculos, pratica contorcionismo e equilibra-se sobre as mais altas balaustradas.

No fim, meu pai se tranquilizou e conseguiu dormir – e chegou vivo ao dia seguinte. O cachorro do hospital, Pirulito, o seguia por todo canto e tinha o privilégio de dormir em cima da cama. Lancei uma campanha de doação e até apareceram interessados. Mas não consegui diminuir muito o número de moradores do Solar Canino – sim, a chácara ganhou um nome. Meu pai exigia dos candidatos que prenchessem um formulário enorme, além de fazer minuciosas entrevistas.

Você fuma?

Fumo. Mas o cão vai ficar solto no jardim e...

De modo algum. Faz mal pra sua saúde, vai fazer mal pra saúde dele.

Mesmo quando vingava uma doação não se podia cantar vitória. Algumas vezes, o velho ia bisbilhotar a propriedade do novo dono e, se achava que o animal não estava bem, roubava e trazia de volta. E eu só prevendo que, um dia, herdaria aquela cachorrada toda. Esse dia chegou pouco antes do natal de 2010. Com a morte de José e meu irmão Maxi morando na Europa, toda a responsabilidade com o Solar caiu sobre meus ombros. Na época, eram 41 cães.

Àquela altura, o quintal da chácara havia ganhado várias subdivisões bem estruturadas, permitindo separar os cães em grupos. Outros pseudocanis eram os próprios cômodos da casa: sala, banheiros, quartos, cozinha, tudo tomado. Um senhor, contratado como cuidador, e uma faxineira se ocupavam da alimentação e dos banhos e da manutenção do espaço. Além dos salários desses funcionários, herdei por tabela todas as despesas com ração e veterinário. E também descobri que o imóvel não era do meu pai. Então, também passei a pagar aluguel e demais impostos para os cães terem onde viver enquanto buscava novos lares.

Armei uma campanha nas redes sociais com fotos que tirei de todos. Acionei amigos jornalistas e produtores, na tentativa de virar pauta. Busquei o apoio de ONGs especializadas. Desconhecidos de várias partes do país me ajudaram quando arrecadei dinheiro para comprar ração. Uma marca de comida de cachorro enviou um fotógrafo profissional, que montou um book dos bichos e impulsionou a divulgação. Ao menos uma vez por semana, eu ia lá, sozinho, com amigos ou acompanhado de possíveis pais de pet. Todas as vezes, era recebido com festa pelos dez cães que tinham livre acesso ao pátio. Depois, entrava em cada canil e deixava que pulassem em mim e me lambessem. Fiz isso também na frente das câmeras, apelando para o emocional do público, quando recebi as equipes do Domingo Espetacular, da Record, e do Manhã Maior, da RedeTV.

De todos os cachorros, Maxi me parecia o mais melancólico. Quando eu aparecia, o xará do meu irmão mais velho era o único que me olhava com desconfiança. Ficava debaixo da mesa do escritório, como se ainda fizesse companhia ao meu pai. E não me deixava chegar perto. A não ser se tinha algum estranho junto, quando preferia não me largar. Um dia, surgiram dois grandalhões atrás de cachorro de porte atlético. Desde o início, a maneira como atiçavam os animais me dizia que deveria expulsá-los. Suspeito que fossem envolvidos com rinha ou coisa parecida. Pedi que saíssem e eles ficaram agressivos, me ofendendo com o dedo em riste. Maxi, o tempo todo ao meu lado, pronto para atacá-los caso eu soltasse a minha mão da cinta da coleira. Cogitei largá-la, mas os brutamontes foram embora, batendo o portão.

Pouco a pouco, o velho Maxi viu sua casa se esvaziar enquanto as doações deslanchavam. Meu homônimo Aléxis foi o primeiro a sair. Depois, convencemos um pai, que queria só uma cachorra para o casal de filhos, a levar as irmãs Cruela e Daphne, inseparáveis. O ceguinho Duque ficou com uma família de protetores de animais. O peludo Chewbacca só saiu quando ganhou banho e tosa e se descobriu um poodle. A caçula Loirinha foi brincar com os muitos netos de uma senhora. O grandalhão Banzé, que quase perdeu as bolas para a mosca da berne, recuperou-se e ganhou uma fazenda para correr à vontade.

No dia em que a morte do meu pai completaria um ano, entreguei as chaves à imobiliária. Maxi foi o primeiro a chegar e o último a ir embora. Ele ficou com uma veterinária que me ajudou nos últimos meses da campanha. Mas esse meu irmão torto escapou uma semana depois e percorreu quilômetros, em meio a uma tempestade, tentando voltar para a casa na qual passou toda uma vida. Perto da estrada para o bairro-condomínio, caiu em uma vala e não resistiu aos ferimentos. Eu deveria saber que, mais do que os filhos, quem acabou herdando a inquietude do finado José foi aquele filo. ♣



ESQUISITICES ESQUIVAS

Uma chance de encontrar uma saída

Piu

Conversas mudas

O portador das más notícias

Sem ouvir ruído algum

Arara, urubu e tramal

Soberana Rainha das Piscinas

Camurça

Quarentena é comunismo

Susy Freitas

Alice Zocchio

Helô Mello

Filipe Masini

Bruno Vicentini

Brontops Baruq

Michi Provensi

Ian Uviedo

Evandro Cruz Silva

Arte

Zé Maia



UMA CHANCE DE ENCONTRAR UMA SAÍDA

{Susy Freitas}

Muitas décadas atrás, David Graeber cunhou termos opostos que, se combinados em determinadas características, descrevem o meu trabalho hoje. São eles: *merda de emprego e emprego de merda*. O primeiro engloba toda sorte de trabalhos ruins e pouco reconhecidos; e o segundo, aqueles que não têm utilidade nenhuma e existem num mar de burocratização e nonsense. Uma diferença entre eles é que a merda de emprego é mal remunerada, enquanto o emprego de merda enriquece muita gente (o que não é o meu caso). Posso dizer então que tenho uma merda de emprego de merda, uma profissão inútil, que paga mal e cuja existência talvez torne o mundo um lugar um pouco pior. Mas minha sorte está prestes a mudar.

Quando entrei na Jetzt, acreditava que muito trabalho e pouco dinheiro era normal, um status condizente com a posição de uma iniciante recém-aprovada no Programa de Instrução Teórica e Prática do curso para Comissários de Voo Extrafísico. Me sentia sortuda por ter conseguido a vaga logo depois de ter sido aprovada nas avaliações finais da Agência Nacional de Projeção Astral e recebido o certificado médico obrigatório na mesma semana. Quatro anos depois, vi que fui apenas otária. A verdade é que em breve qualquer robô conseguirá fazer o que faço.

“Algum problema, comissária?”, pergunta um memorionauta que parece ter quase cem anos. “Quando vamos partir?”

“Neste exato instante, senhor”, respondo bem alto com um sorriso para que ele escute e veja. Então, ajusto um último conector na base de minha nuca, limpo a garganta e dou início à ladinha de praxe para um grupo de mais ou menos 12 pessoas. “Senhoras e senhores, boa noite. Eu sou a Senhorita Castañeda e, em nome de toda a equipe, dou as boas-vindas a bordo do Jetzt 1704. O Comandante Timóteo e eu temos o prazer de recebê-los para o voo 2112, com destino a Lembranças de Infância. Solicitamos a sua atenção para os procedimentos de segurança que serão exibidos neste momento. O encosto de seu leito deverá permanecer na posição horizontal durante todo o voo. Os passageiros que desejarem utilizar a saída de emergência deverão solicitar auxílio mentalmente através de chamada desta comissária. Em caso de uma inesperada catalepsia projetiva de longa duração, nossos comissários estão aptos a atendê-los, de acordo com as normas da ANPA. Tenham todos uma excelente viagem!”

E assim as luzes esmaecem e as máquinas iniciam os procedimentos, tudo igual a todas as vezes, de novo

e de novo e de novo. Cada memorionauta recebe sua dosagem de sedativos, injetados num processo automatizado nas baías, enquanto Timóteo, na cabine, finaliza os últimos ajustes de personalização da experiência nos computadores de bordo. De certa maneira, os passageiros parecem bebês em incubadoras agora, entregues aos nossos simuladores e prontos para reviver suas memórias.

Ao contrário dos jovens, que rendem bilhões às empresas de simuladores de realidade alternativa, os passageiros da Jetzt são uma espécie em extinção: eles buscam lembrar, lembrar indefinidamente. Voltam à infância, a um abraço no colo da mãe, à cumplicidade dos primeiros amigos da escola ou aos esconderijos nas brincadeiras com os irmãos. Retornam a esses momentos e pedem que passem muito devagar, que nossos sistemas expandam a sensação de tempo, que os purifiquem, e ficam nessa memória da memória por sessenta minutos ao custo de quantias cada vez mais mórdicas. Meu trabalho é atentar para o conforto e segurança da viagem, entrando com eles em seus passados e oferecendo toda a assistência em momentos delicados, seja no aspecto físico ou psicológico. Sou como uma extra num grande plano, impossível de ser identificada ou sentida, a menos que solicitem uma mudança em minha marcação de cena.

“É uma geração de crentes”, resumiu Timóteo logo quando começamos juntos na empresa, ainda lembro, do outro lado da sala, com o olhar. “Acreditam que estão em contato com alguma forma de realidade objetiva, que voltam no tempo.”

“Neverna enxergam as lacunas da memória”, concordei na época. “Veja só a viagem do 009. Ele não percebe que a mãe não tem pés. O rosto dela não é tridimensional porque essa imagem dela é de uma fotografia.”

“A traição das imagens.”

“Embala-se no colo de uma aberração”, continuei. “O quarto só existe até os limites da composição. No fim das contas, sabe-se lá se é uma lembrança de algo real ou a confusão de uma mente senil.”

Hoje enxergo os grupos de idosos e sinto que ainda conservam uma doçura antiquada. Por isso lembram. Querem voltar às próprias ruínas, acreditam que estão com os pés na realidade aqui. São como crianças, e não cínicos como os jovens, a quem a memória é não apenas dispensável como desprezível. Em máquinas de simulação cada vez mais brutalizadas, afundam-se em suas cápsulas, assistidos por inteligências artificiais que lhes permitem uma gama infinidável de simulações. Tornam-se astros da música, pedófilos, o que quer que lhes dê na telha, e registram seus feitos na Grande Rede, em busca de influência e dinheiro, dia após dia, noite após noite, como zumbis. Se são gordos, lá dentro ficam magros. Se são magros, querem ser plantas ou, por vezes, nem querem ser sencientes. Odeiam o que quer que captem pelos próprios sentidos sem estarem ligados a uma máquina. Já os velhos sequer solicitam que as viagens sejam gravadas, mesmo com o serviço sendo oferecido gratuitamente. É como se sonhassem, só que liga e desliga.

“Eles não notam, nunca notam”, completa Timóteo agora, orgulhoso de nosso voo atual, mais uma vez enviando sua voz pelo arremedo de telepatia que as máquinas nos proporcionam.

“É bonito, não?”

“É móbido”, responde. “Parecem todos mortos. São tão velhos.”

Timóteo se vangloria por pilotar as simulações da Jetzt de forma a construir preenchimentos personalizados para as falhas da memória selecionada com uma aparência bastante orgânica. Devido à natureza sensível de consumo das viagens, ele ainda não pode ser substituído por uma inteligência artificial com sucesso, ao passo que a minha função, essa sim já é exercida por robôs nos países de ponta. Aqui, os velhinhos gostam de saber que alguém de carne e osso está ao seu lado, fazendo todas as verificações adicionais necessárias para um voo tranquilo.

“Pronto”, decreta Timóteo. “Eles chegaram na altitude correta. Vamos começar?”

“Sim.”

E iniciamos nossa rota paralela. Enquanto Timóteo garante a solidez da viagem de nossos memoronautas, vasculho outros cômodos, não na Jetzt, mas através dela, fundo na mente de nossos passageiros. Coleto senhas institucionais, dados bancários e materiais de chantagem diversos de alguns deles, sempre um seletivo grupo dentro do grupo, algo difícil de rastrear, eu diria impossível, uma vez que não é uma máquina que invade esses cantos-chave, mas dedos muito delicados numa agradável massagem.

O 006, por exemplo. Aposentadoria polpuda, empreendimentos na área naval em nome da esposa, uma casa secreta nas Keys onde passa uma temporada com a amante e o filho Danny de sete anos sob o pretexto de cuidar dos negócios com um parceiro na Flórida. Vejo tudo como flashes e, ao mesmo tempo, como o cinema, mas no fundo é apenas uma sensação: isso acontece, isso aconteceu. Encontrar as informações certas é como bater carteiras, no fim das contas. Por vezes, atento a detalhes que são como clipes ou papéis de bombons nos bolsos dessas lembranças, apenas pelo romantismo da situação, mas, ao fim do dia, Timóteo recebe o relatório de nossa pequena ação terrorista. E, até o fim do dia, a conta bancária do 006 estará limpa.

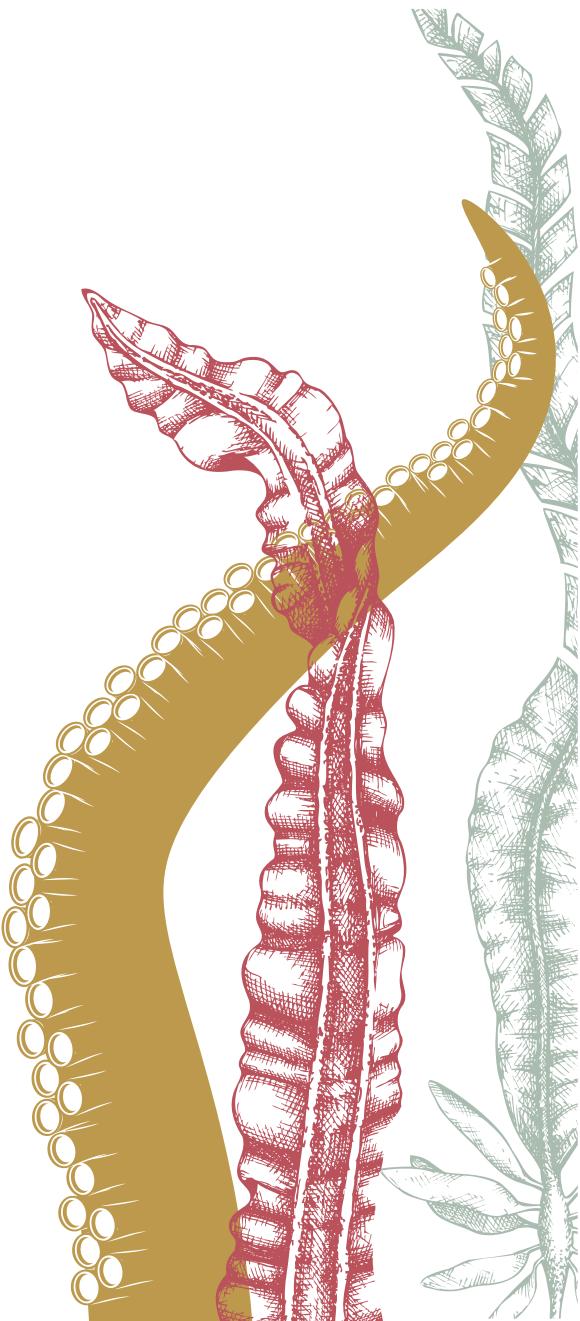
Continuemos. A 003, nossa próxima vítima, não oferta tantas possibilidades, mas eu só descubro quando mergulho. Ela me faz lembrar que um dia de trabalho é sempre um dia de trabalho. Seus tesouros consistem no carrinho verde do filho, falecido há 8 anos, fazendo vruuum! no pátio da escola antes de voltar para casa, ou no seguro de vida que mantém escondido do marido até hoje, confidenciado apenas para a filha mais nova. Seus pequenos dramas e traumas inconclusivos encapsulados num raio. Eu poderia criar uma tempestade, azucrinar esse voo. Cinco ou quatro comandos mal executados e um dano cerebral permanente. O fim da 003. Mas passo para o próximo passageiro e depois outro e outro, até o décimo segundo. Sinto o sono de alguém que não sou eu.

Dias depois, encaro o horizonte sob o luar. Encaro algo que parecem ondas, mas não; o banzeiro espuma branco na extensão da areia da praia cada vez menor. Lá longe, a cheia já consumiu a paisagem, e árvores e pernas de palafitas foram engolidas por sua sede descomunal. Sentados à mesa de jantar de um jungle hotel, eu e Timóteo ardemos do sol de mais cedo. Uma chance de viver, uma chance de encontrar uma saída.

“É o que Graeber gostaria”, diz Timóteo.

“À libertação!”, e brindamos nosso gim-tônica em taças estilizadas que suam e escorregam nos dedos. O garçom traz nosso tamaqui ao molho de cupuacu e ervas, e o aroma cria sua própria rota através do Rio Negro. O crime compensa.

Três e quinze da manhã, quinta-feira. Desligo os equipamentos e retiro o capacete da cabeça. Os delírios cotidianos da Sra. Castañeda continuam na próxima simulação. Abro o micro-ondas com cuidado, para que mamãe não acorde e me ralhe. Lá dentro há um rastro de molhos e casquinhas de pizza que gera uma versão do quadro de Pollock que vi na aula de Artes semana passada. Opto por engolir folhas do salame fatiado da geladeira. Da janela da cozinha ainda fechada, vejo entre as cortinas uma nuvem maciça de fuligem e poluição sobre a cidade em arritmia que some e reaparece conforme o vento irritante do refrigerador. Meus dedos estão salgados. Tenho nojo. Daqui a algumas horas, tenho aula. 



{Alice Zocchio}

Escrevi. É melhor que leia. Prefiro assim e você vai entender. Levou um tempo para meus pais descobrirem e, enquanto ninguém sabia, segui a vida como todas as crianças em fase de crescimento. Um tempo curto, é certo. A normalidade durou até começar a articular frases, expressar vontades e algum raciocínio. Nos balbucios, ninguém percebeu. Fui precoce em outras coisas, se comparado aos primos e filhos da vizinhança. Meus dentes apareceram com quatro meses e comecei a andar ainda com nove. Depois, acho que acompanhei a média dos tempos de desenvolvimento infantil como qualquer criança.

Aprendi a falar com os estímulos de sempre. Os pais, tios, avós, vizinhos e intrusos repetindo as palavras “papai”, “mamãe”, separando e alongando as sílabas. PAAA-PAIII, MAAA-MÃEEE. Minha mãe, até hoje, repete a história de que falei “papai” antes de “mamãe”. Gosto da lembrança. Quando ela conta, eu respondo assobiando. É isso. Eu respondo assobiando. Minha grande dificuldade é que eu falo assobiando. Minha fala é um sopro sibilante agudo.

Não sei dizer com que palavra ou frase meus pais perceberam, mas antes mesmo do período escolar observaram o problema. O pediatra indicou uma fonoaudióloga e, desde então, faço sessões. Eu falo e assobio quase ao mesmo tempo. Na verdade, mais assobio que falo. Virei um menino passarinho mal entendido. O sopro musical antecedia a palavra e ela ficava assim meio inteligível e perdida. Ganhei diversos apelidos ornitológicos e sempre de aves canoras. Canarinho, Curió, Rouxinol, Sabiá ou Pintassilgo, que foi o pior porque o tio Adolfo fazia um trocadilho com o nosso sobrenome. Pinta Silva ou Pinto Silva, quando meu pai retrucava e me defendia dizendo que eram os machos que cantavam de verdade. Antes eu fosse uma calopsita ou papagaio, a quem se ensina falar. Guardaria frases essenciais na memória e a vida ficaria mais fácil, mesmo limitada a poucas palavras e à expressão de um raciocínio elementar.

Piu é o apelido que me acompanha e, comparado aos nomes de passarinhos, é mais afetuoso. Uma escolha dos meus avós que vingou. Minha diferença para os pássaros é que eu canto o ano todo sem as temporadas especiais de acasalamento. O que para os pássaros é atrativo, no meu caso é repelente. Na infância, a estranheza ainda conseguiu fascinar alguns amigos curiosos na escola e uns semelhantes na sala de espera da fonoaudióloga, mas na adolescência, quando os iguais se juntam, eu era o estranho favorito e o escolhido para a brincadeira, gozação, chacota, troça, riso. Passei por todas essas palavras até culminar na bullying, que caiu mais no gosto das famílias, educadores e psicólogos. Eu sofria bullying. Tudo isso sem nunca acasalar e nem mesmo beijar até os dezenove anos, quando conheci, numa feira de mangás na Liberdade, a menina de cabelo azul como um periquito australiano. Ela me abordou para mostrar as revistas de sua loja e disse que se chamava Sílvia, com um leve sibilar pelo qual me apaixonei. Quando eu repeti “Sílvia? Muito prazer”, acho que ela também gostou. Estamos juntos até hoje. Ela me ama e diz que ninguém pronuncia o seu nome como eu.

À vida adulta incorporei alguns facilitadores. Aprendi libras, fiz curso de mímica, expressão corporal, análise e continuo na fonoaudióloga. Enfrentei entrevistas de emprego, dinâmicas de grupo onde consegui expressar quatro ou cinco palavras sem assobiar. Na quinta, me perdia. Eu começava sibilando como uma cobra até virar passarinho. Percebia o mal-estar, mas entre adultos a dissimulação está incorporada e ninguém ria. Ninguém ria, mas o emprego nunca era meu.

Fiz faculdade, apresentei seminários com os recursos possíveis e me formeи. Conseguí empregos silenciosos de revisão de textos e montagem de fotos. Fiz também trabalhos como figurante em filmes e vídeos. Um deles com participação especial numa cena, com som ao vivo, em que, no topo de uma montanha, eu precisava chamar um personagem que morava num outro morro adiante e perto do mar. Os produtores conheciam que o poder de um assobio é muito maior do que um grito. Um assobio alcança cinco quilômetros e um grito, só quinhentos metros. Gravamos a cena de primeira. Tudo funcionou, mas logo depois do assobio, pássaros, muitos pássaros foram surgindo até escurecer o céu. Grasnavam como os corvos e desciam em rasantes atacando a equipe de filmagem. Conseguí me esconder num trailer, mas o diretor, apaixonado por referências, quis filmar a cena. Não faço ideia onde pássaros caberiam no filme. Nem sabia o roteiro. Aceitei o trabalho pelo dinheiro, descobri um poder que não tinha e acrescentei mais uma dificuldade à vida.

Foram os produtores do filme, surpresos com o acontecido e comovidos com o meu problema, que me falaram de La Gomera, a ilha na Província de Santa Cruz de Tenerife, no Arquipélago das Canárias. Já havia lido alguma coisa, mas não tinha planos, como tenho agora, de buscar um lugar onde eu seja menos estranho. A ilha de vida pacata tem produção agrícola, montanhas envoltas em neblina e praias ensolaradas na região baixa. O que é melhor, no entanto, é que se comunicam com o Silvo Gomero, uma linguagem de assobios inventada pelos aborígenes guanches.

Em La Gomera, todos vão me entender e, por isso – espero que tenham lido até o fim –, sem querer atrapalhar sua viagem, peço uma modesta colaboração, o quanto você puder, pra me ajudar com os documentos e as passagens, meus e também de Sílvia. Serei o único na ilha a assobiar sem o auxílio dos dedos. Não preciso disso. Farei melhor que os habitantes. Falarei com frases longas. Em La Gomera, serei poeta. ♡



CONVERSAS MUDAS

{Helô Mello}

Logo depois que minha avó morreu, fui ajudar minha mãe a esvaziar a casa. Não era grande. Escura e térrea. Só conheci minha avó idosa e doente. Me olhava com seus olhos castanhos curiosos que pareciam querer me dizer alguma coisa. Não costumávamos conversar. Sua doença estava bem avançada. Ainda assim, desconfiava que ela compreendia o que estava se passando.

Aos domingos precisava tomar banho cedo, vestir uma roupa limpa, camisa e sapatos. Fazia companhia para minha avó enquanto minha mãe ia à missa. Eram tardes silenciosas, mas me sentia acolhido. A luz baixava na janela e iluminava o tapete puído. A poltrona virava cabana, outras vezes um navio pirata. Os carrinhos, que trazia no bolso, passeavam por uma longa estrada e os objetos que encontrava por perto compunham a paisagem imaginária: um cinzeiro servia de praça, canecas empilhadas eram os prédios e os livros preferidos formavam um túnel. Não tinha assunto. Receava não compreender o que sua voz fraca tentaria me dizer. Espiava curioso e pouco sabia de sua vida. Nascida na Itália, veio para o Brasil menina. Viúva moça, se virou para criar os dois filhos. Meu tio sumiu no mundo quando vovô morreu. Minha mãe é quem cuidava dela como podia.

O tempo passava moroso e o canto dos passarinhos coloria o silêncio. O vaso alto sem flores, a tolha de rendinha branca esticada. O cheiro de avó na cadeira de balanço se fundia na estante de tantos livros. Quando minha mãe chegava, me despedia com um gesto só para ela.

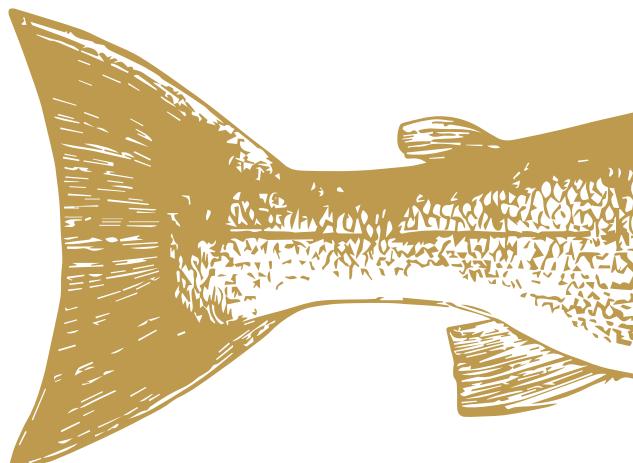
Um dia ela se foi. Era domingo, nem precisei vestir a camisa. A casa vazia. Ajudei a fechar as caixas de papelão. Sem balanço na cadeira, a luz atravessava a sala e subia pela estante, agora sem livros. Nesse dia não brinquei. Sentiria falta das tardes em preto e branco.

Terminado o segundo casamento, preenchia os domingos solitários passeando entre as barracas de quinquilharias da feira do Bexiga. Era o momento de me perder entre tantas histórias também abandonadas. Espiava os objetos, trocava ideias com os donos das barracas que espichavam conversas mornas. Cada uma tinha sua especialidade: brinquedos *vintage*, LPs, livros usados e louças desemparelhadas. Demorava nas de fotografia. Postais, fotos soltas, álbuns de família e muito pó. É como flanar em outras vidas, imaginar quem são aquelas pessoas, onde viveram, sua família e seus hábitos. Algumas têm legendas com o ano ou a cidade onde foram tiradas. As poses que se repetem, as roupas indicam a época ou a moda.

Uma vez achei um álbum onde uma pessoa teve sua imagem rasgada em diversas páginas. O que teria acontecido? Nas páginas, via a mágoa e o rastro de alguém. Descobria negativos de vidro e suas lindas caixas de papel detonadas,

slides mofados e muitas câmeras fotográficas já sem utilidade. Era amante da fotografia. Acho estranho pensar que as pessoas abandonam as imagens da família ou vendem. Será por falta de espaço? Ou as gerações mais novas não veem sentido em guardar tantas lembranças de parentes que nem chegaram a conhecer?

Era um domingo molhado, estava quase indo embora quando vi um álbum largo no fundo de uma caixa de papelão empoeirada. Não era luxuoso ou muito grande. Não sei por que me desviei do caminho ignorando a chuva fina que insistia agora mais. Me aproximei. Sem as costumeiras conversas, entrei focado no objeto que me atraiu. A capa era esgarçada, quase sem cor. O toque foi cuidadoso. As páginas estavam amareladas. Entre elas, um fino papel de seda ressecado algum dia protegeu as fotos. Abri devagar. Cauteloso. Era mais um caderno de família? Olhos castanhos brilharam para mim. E voltaram a sussurrar. Dizem que o olfato nos remete a lembranças improváveis. A luz chuvosa iluminou minhas memórias. Vagávamos na casa que não existe mais, e escutava as histórias que minha avó me contava nas nossas conversas mudas. ♣



O PORTADOR DAS MÁS NOTÍCIAS

{Filipe Masini}

Se você me perguntasse se eu imaginava o que estaria fazendo hoje e eu falasse que sim, estaria mentindo. Todos os planos e estratégias que traçamos ao longo da vida servem apenas para nos dar uma falsa sensação de controle. Entretanto, a vida teima em nos levar por caminhos inesperados. Talvez eu esteja falando isso para que você possa entender um pouco de que forma cheguei aqui.

Nunca fui uma daquelas crianças que desde cedo já sabem o que querem ser quando crescer. Quando a professora perguntava para a classe, meus colegas prontamente respondiam: bombeiro, médica, ator, arquiteta e por aí vai. Ao chegar na minha vez, eu cortava a corrente com uma resposta seca: "Não sei". A minha indecisão não me preocupava, afinal outros assuntos me eram mais urgentes, como qual seria o lanche do dia. Mal sabia que logo receberia o meu chamado.

Eu tinha 9 anos e andava para cima e para baixo com o Jorginho, meu melhor amigo. Como éramos vizinhos, após a aula, passávamos a tarde sempre juntos inventando mil coisas para fazer. Sua mãe, dona Lourdes, era uma mulher muito brava. A casa dela era um campo minado para crianças. Por ser muito religiosa, a decoração, entulhada, se compunha de anjinhos de porcelana, imagens de santos e o objeto mais macabro: um vaso contendo as cinzas da avó de Jorginho, dona Genô. Sendo assim, a sala de estar era território proibido para nós dois.

Um dia, desobedecendo à principal regra, estávamos correndo de um lado para o outro dentro da casa e em um momento de desatenção, ao passar pela sala, Jorginho tropeçou e esbarrou em uma luminária fina e comprida, que por sua vez tombou e derrubou o tal vaso. Depois de tanto tempo quieta, dona Genô fez um barulhão e se espalhou pelo chão. Desesperado e sem saber o que fazer, Jorginho me implorou para eu contar para a mãe dele. Ele achava que se eu falasse, ela ficaria sem jeito de dar uma bronca tão grande em mim e acabaria aliviando para o lado dele.

Lá fui eu chamar dona Lourdes no quintal para contar o ocorrido. Você precisava ver como eu tremia de nervoso com medo da reação dela. Porém, quando comecei a falar, palavras começaram a brotar da minha boca e surgiu uma sensação de controle da situação. Eu me senti tão à vontade e tão confiante que quando me dei conta, dona Lourdes estava concordando comigo que ali não era o melhor lugar para se colocar o vaso e que cedo ou tarde aconteceria isso mesmo. Por fim, ainda estava aliviada por ninguém ter se machucado.

Jorginho não conseguia acreditar no que havia acontecido. Perguntava como tinha feito aquilo. Eu não conseguia explicar, mas para mim fora natural. Era como se eu soubesse exatamente o que dizer e da melhor forma para que a pessoa recebesse aquela notícia ruim.

A partir desse episódio, eu virei uma espécie de portador das más notícias de Jorginho. Sempre que ele fazia alguma besteira ou queria falar algo desagradável a alguém, eu era chamado. Como quando ele quis romper com a primeira namorada e não teve coragem. No final, a coitada estava triste, mas agradecendo pela oportunidade que Jorginho dera a ela de estar com ele por vinte dias.

Com o passar do tempo, fui percebendo o potencial de se tornar uma espécie de serviço que eu poderia oferecer às pessoas. Afinal, quem gosta de dar uma má notícia? Você há de concordar comigo. Não só eu livrava a pessoa de uma situação desagradável, como o resultado final obtido era muito melhor para todas as partes envolvidas.

A prática vai levando à perfeição. Fui apurando a minha técnica e entendendo como aplicá-la em diferentes situações e contextos. Eu não tinha um ramo específico de atuação, atendia a qualquer chamado. Rompimentos amorosos; demissão; falecimento; doenças. Minha cartela de clientes variava do hospital ao puteiro; da igreja ao escritório de advocacia. A minha fama se espalhou rápido em minha cidade. Quando andava pela rua, as pessoas se escondiam de mim com medo de que elas fossem as vítimas da vez. No início era engraçado, depois começou a atrapalhar os negócios. Precisei me mudar para uma cidade maior para manter o meu anonimato e, claro, em busca de um mercado mais lucrativo.

Os casos variavam muito, uns mais graves, outros mais fúteis, mas a técnica empregada por mim era sempre a mesma. Primeiro, você precisa estabelecer um vínculo com a pessoa que irá receber a notícia para ganhar a confiança dela, seja compartilhando alguma história da sua vida ou contando alguma intimidade. Em seguida, para colocá-la em perspectiva, você pode contar uma história triste de outra pessoa. O ser humano gosta de se comparar ao outro, então, quando vê alguém em uma situação pior que a dele, de certa forma isso o consola.

Por exemplo: há uns cinco anos teve um episódio que me exigiu muito. Uma mulher ficou esperando no altar pelo seu futuro marido, só que o cara não aparecia. Não só ele desistiu, como também tinha fugido com a irmã gêmea dela. Para completar, a irmã estava grávida dele... de gêmeos! Quais são as chances?! Quando ele me ligou, em cima da hora, para resolver o problema (inclusive, cobrei uma taxa de urgência), fui correndo para a igreja e encontrei a noiva aos prantos e os convidados especulando sobre o paradeiro do noivo e da irmã. Depois de conversar com ela por uns quinze minutos, ela se acalmou e resolveu aproveitar a festa, afinal, já estava tudo pago.

Quando você já ganhou a confiança da pessoa e a fez se sentir melhor com a desgraça alheia, chega a hora de dar a notícia. Você tem que olhar bem nos olhos da pessoa, assim, desta forma, como estou fazendo. Coloca a mão em seu ombro e fala a notícia bem pausadamente... o seu marido vai te deixar pela secretaria dele e pediu para você arrumar as suas coisas e sair da casa. ♡

SEM OUVIR RUIBO ALGUM

{Bruno Vicentini}

O dia mal começou, um dia como qualquer outro, mas eu já me sinto cansado. Ontem o Brasil perdeu a Copa, eliminado pela França nas quartas, gol de Henry, categórico. Ouço alguém dizer no café da rodoviária que vão fechá-la, desativá-la, Vão derrubar a rodoviária, Qual rodoviária?, Ué, como assim qual, esta, vão derrubar esse teto aí, em cima da tua cabeça. Mas... será possível. Seu Miro tá desolado, nem veio trabalhar hoje, imagina, são mais de dez anos aqui, não aceita ter que fechar a lanchonete. Quem diz isso é o funcionário. Três escutam no balcão, quatro comigo. Eu, mais distante, só ouço, não tomo parte na conversa, apenas um café com leite. É verdade, acabei de ler no diário, diz um. Mas como assim derrubar, pra quê, o que vão construir no lugar?, diz outro. O jornal não disse? Não, isso não disse. Vão esperar pelo menos a gente terminar o café?

Risos nervosos. Saio em direção ao meu ateliê, que também fica aqui, numa das salas comerciais, exatamente entre o letreiro que diz Tabacaria Veneza e o que diz Osvaldo Barbeiro, perto do terminal de embarque número onze, o último, então eu também devia rir de nervoso, ou estar tão preocupado quanto o coitado do Miro, devia talvez arrancar os cabelos que já não tenho, desesperar-me, mas na verdade sigo tranquilo e ao chegar percebo que a minha placa precisa de outra reforma, talvez de uma nova pintura. Lembro de quando instalei a primeira, sozinho, animado. Parece que foi ontem. Lembro de cada vez que substituí a placa por uma nova e cada uma dessas vezes também parece ontem. Corro a porta de metal e acendo a luz, pensando em como meu trabalho se tornou insuportável. Nenhum alfaiate gosta de fazer ajustes. Ajuste sempre é urgente, a pessoa prefere comprar um terno pré-fabricado, que a deixa parecendo um espantalho, e então trazer pra eu resolver, Veja bem, a festa é agora, neste fim de semana... o senhor não pode me deixar na mão! Ora, não me diga, uma festa no fim de semana, quem poderia imaginar. Eu não me lembro da última vez que costurei um traje completo, do zero. E eu me lembro de tudo.

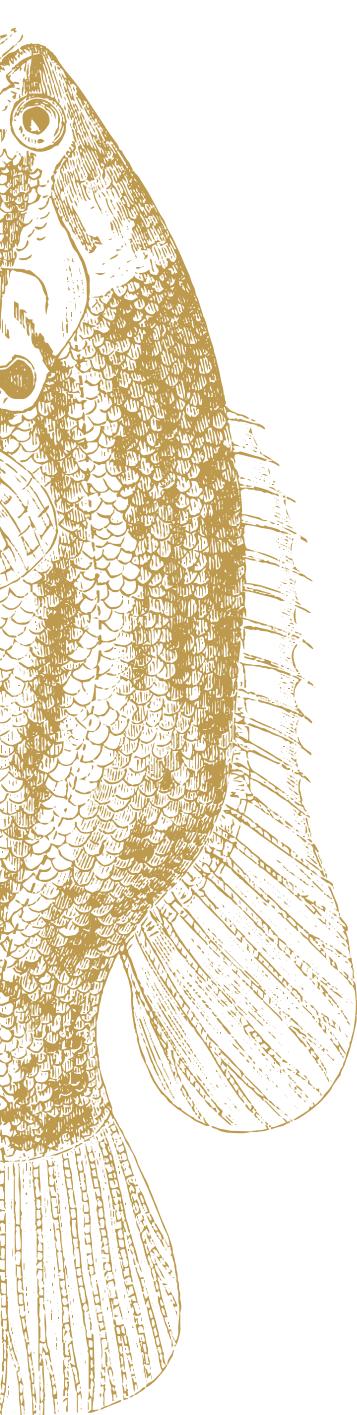
Continuo cansado. As eleições municipais acabaram de ocorrer, as primeiras diretas desde os anos sessenta. Estou pendurando a nova placa, que diz Leal Alfaiataria e Ajustes Finos, quando dois homens param embaixo da escada. Um deles é o candidato que venceu o certame, mas que ainda não tomou posse. Opa, cheguei cedo demais? Um sorriso insuportável, a cara de quem entende que o mundo é seu por direito. Não é o meu candidato. O outro deve ser seu leão de chácara. Tão franzino que só pode estar armado. O prefeito finge ser o que não é, um homem do povo, vindo até aqui pra fazer roupa. Faz parte da nova estratégia política da tão falada abertura. Os passageiros da rodoviária espiam de longe, curiosos. Eu desço, entramos, o leão fica na porta. As pessoas vão chegando mais perto, como se fosse urgente descobrir a cor do novo terno do prefeito. Transformam a vitrine do meu ateliê num

gigantesco aquário, dois peixes dentro, pensando bem, o prefeito tem mesmo uma cara de peixe. Ele folheia rápido o mostruário que eu lhe entrego, escolhe um pano azul-petróleo. Uma cor pavorosa, mas que ele sabe que está na moda. Combinamos a entrega e ele sai, direto para os braços de seus eleitores, sem perguntar preço, sem deixar um cheque, nada.

Gosto de trabalhar só, acompanhado apenas pelo rádio, um Zenith velhinho, mas que eu comprei novo, com o dinheiro das primeiras calças, logo que voltei a ser alfaiate e percebi que não gostava do silêncio. O aparelho envelhece comigo, companheiro. Eu preciso de poucas coisas além de minha máquina de costura, tesoura, giz, linha de carretel. Perto do meio-dia resolvo conhecer a lanchonete nova da rodoviária, que é a mesma, a antiga, estão chamando de nova só porque trocou de dono. No caminho, passo por três garotos que andam de skate, um deles segura uma filmadora na mão esquerda, segue de perto os outros dois, que se jogam, um de cada vez, em direção ao corrimão da escadaria, tentam deslizar por sobre o longo cano. Correm, têm pressa, querem registrar uma manobra perfeita antes que o estardalhaço que fazem chame a atenção do segurança do terminal, que invariavelmente chega para tocá-los dali. Eles ainda tentam negociar uma última tentativa, mas acabam aceitando e somem. Amanhã voltarão e o expediente todo vai se repetir.

Na lanchonete, reconheço logo o novo dono, atrás do balcão, cara de dono. Ele se apresenta, Prazer, Zulmíro. Você trabalha aqui na galeria? Sim, alfaiate, lá no fundo, quase a última sala. Ele me alcança um cardápio. O dono anterior não tinha cardápio, não precisava. Seu Miro, que ainda é Zulmíro, começa a reclamar dos garotos, Porra, que barulheira do caralho, esses filhos da puta tão aqui todo dia, eles não cansam, não? Ninguém toma uma providência, não tem homem nessa cidade? O dia que um delinquente desses se arrebentar em cima de uma velha eu quero ver. Seu Zulmíro, se você quer ver isso o problema é seu, eles não são delinquentes, são bons garotos. Delinquentes são aqueles riquinhos de Brasília que tocaram fogo num índio, só pra ver queimar o coitado, o senhor viu a notícia? Os skatistas amam essa rodoviária, eles amam esse chão, você nem sabe o que é isso. Eles já estavam aqui quando você chegou e vão estar aqui quando você for embora. Zulmíro não entende nada e sai, me deixa falando sozinho. O rádio da lanchonete toca a música da novela das oito, que diz que tudo à minha volta é triste e aí o amor pode acontecer de novo pra você palpitar.

O nosso ônibus chega pelo terminal três, onde param os ônibus que vêm do norte pioneiro. Tudo parece novo e brilhante. Ela segura forte na minha mão pra descer os últimos degraus, com a outra mão protege os olhos do reflexo do sol, espera eu ir buscar as malas. Trazemos no rosto o riso besta dos recém-casados. Surge uma aglomeração, ela se encolhe, com medo. O povo cerca uma dupla de calças largas e camisas com franjas coloridas, pedem autógrafos, aparece até uma máquina fotográfica. Eu digo a ela, sabichão, que aqueles dois são Tião Carreiro e Pardinho, Eles se apresentam numa rádio da cidade, sabia que foi aqui que o Tião inventou o pagode, você conhece? É um novo toque de viola, diferente de tudo. Você gosta de viola? Em vez de responder, ela sorri, passa a mão nos meus cabelos. Nós vamos ser felizes aqui, bem. Você vai ver. Na carta meu tio disse que tem emprego pra você. Nem precisava ter trazido essa máquina e a tesoura, já sei, podemos vender, você não vai mais precisar de nada disso.



Alguém tem a bizarra ideia de uma cerimônia de demolição. A solenidade atrasa e começa num fim de tarde, já quase na hora de parar as máquinas. Pouca gente vem ver, por isso é fácil me aproximar do prefeito. Toma. Ele de alguma forma entende que aquele terno azul, empoeirado, fora de moda, não pode ser um presente. Mas isso é tudo que ele entende. Um dos garotos skatistas, o da filmadora, também está lá, é agora um homem com uma criança nos ombros. Ele me reconhece e sorri, mas eu não consigo sorrir de volta, estou exausto. Passei três anos, desde que fecharam a rodoviária, sonhando com o som de uma bola de demolição colidindo com a frente do prédio, mas isso não se faz mais. Agora basta uma retroescavadeira. Vou embora sem ouvir ruído algum. 

ARARA, URUBU E TRAMAL

{Brontops Baruq}

Artemísia da limpeza entrou na sala de cirurgia calada. A sala era pintada com cor de limonada azeda, um verde opaco feito um vidro espesso visto de cima. Era limpa de enfeites, não havia janelas, parecia uma garagem cujo centro era a mesa. Uma das enfermeiras insistia em conversar, tentava entusiasmá-la. Devia ser evangélica: Jesus não a abandonaria. Artemísia concordou silenciosa e evitou pensar demais no que a levou para lá. As outras duas enfermeiras na sala eram mais desbocadas e risonhas, a energia delas mais contagiatante, simpatizava com elas, embora também lhes invejasse a leveza.

Fizeram mais das mesmas perguntas, Artemísia respondeu sem reclamar, idade, filhos, toma remédios, alergia, jejum. Conferiram cabelo, esmalte, não podia haver maquiagem nenhuma, limpa de química e esmalte, anéis, brincos e batom. Tá com fome, né, filha? Fome, nervoso e frio. A enfermeira evangélica pediu para ela aguentar, depois vou te dar um cobertor bem feio e quentinho.

Foi um primo quem trouxe Artemísia e a irmã até o hospital. O carro atravessou a cidade pela madrugada, as ruas desertas, os semáforos trocavam de cor para carro algum, mendigos se aqueciam em fogueiras improvisadas sob o viaduto. A irmã assinou como acompanhante, ficaria o dia inteiro esperando em um banco de plástico, o pescoço doendo de tanto olhar celular. O primo foi trabalhar no centro, voltaria só no final do dia. Eles não irão mais aparecer nessa história.

Artemísia não se incomodou de acordar cedo. Chegava antes de todo mundo no Ministério Federal das Inconcessões, era da turma da manhã na limpeza. Ela e as outras meninas todas, umas mais senhoras, outras mais moças, nem tinham começado o trabalho e já com cara de cansadas, pelo horário do dia, pelo aperto do coletivo. Enquanto colocavam o uniforme, muitas ligavam para casa, dar bom dia aos filhos ou para as mães ou aos namorados. Artemísia não ligava para ninguém: já fazia um tempo que preferia ficar solteira – na pista – cansada de homem botando chifre ou dando ordem.

O doutor veio e conversaram um pouco. Era um sujeito jovial, de óculos e barba negra. Fez piadas, palhaçadas, tentou quebrar o clima. Tocou nos nódulos nos seios, explicou que faria o máximo para tirar o mínimo. Artemísia escutou e aceitou: estava na mão dos outros, do mundo, de Deus, do sistema de saúde. Por exemplo, a enfermeira debochada a fez assinar um papel explicando que não haveria plástica: Aqui é assim, se tem o cirurgião, não tem a prótese; se tem o silicone, não tem o cirurgião, mas sossegue, você vai para a fila e vai ficar tudo bem, melhor isso do que não ter nada.

Um japonês sério e gordinho mediou a pressão, ela deitada sob aquele círculo de luzes. A paciente cerrou os olhos para fugir daquela mandala, ficaram as cores coladas no globo ocular, dançavam no escuro, feito peixes, fadas, feridas. O oriental era o anestesista da equipe e puxou assunto da tatuagem, achou bem diferente, queria saber o que era. Ela explicou, um ramo de artemísia, muita gente achava que era galho de alecrim, coisa para servir de quebrante na pele. Barba negra riu, era mais fácil ter feito uma lua. Lua? É, Ártemis, deusa da lua, dos caçadores. E o que tem a lua a ver com caçador? O doutor parou, um tanto surpreso pela ideia da faxineira, sabe que eu nunca tinha pensado nisso? Vai ver que é mais fácil caçar sob o luar.

O anestesista perguntou se já estava sentindo pegar, a paciente respondeu que não. Em seguida, pediu para contar até dez em voz alta, ela o atendeu. O oriental fez uma careta, contrariado. Mas não se abalou. Pediu para continuar contando e Artemísia seguiu nos números, como se fossem carneiros e ela tentando dormir. Mas nada acontecia, até que alguém disse:

– Pronto, apagou. Finalmente.

A paciente quis demonstrar que estava ali presente, mas percebeu que as pessoas na sala de cirurgia não reagiam aos seus chamados. Na verdade, durante boa parte das horas em que estaria ali, deitada na mesa, Artemísia continuaria ouvindo e sentindo parte do que acontecia, mas a lembrança de tudo acabaria naquele momento em que contou até dez.

Sem saber que ainda podia escutar, a equipe na sala passou a falar mais livremente. O anestesista comentou, quando o assunto é vaidade, esse povo não economiza. Essa tatuagem deve ter sido cara, não é mole o cara fazer uma planta dessas. O mastologista concordou e gracejou, era melhor ter feito logo um pé de maconha e a bandeira da Jamaica, ia fazer muito mais sucesso e sentido; as enfermeiras riram, inclusive a evangélica.

Barba negra seguiu falando, que dó de mexer, olha esse corpo fantástico, essa mulher não precisa de tatuagem para fazer sucesso, basta ela. Artemísia encheu-se por dentro de sua anestesia, consciente do impacto que provocava, até no Ministério, onde as outras desapareciam sob o uniforme da faxina, ela ainda assim fazia sucesso, era reconhecida. Lógico que era pura sem-vergonhice, bando de homem meia-bomba, come-vira-e-dorme, quantos ela derrubou por não darem conta, mas... enfim, era a reverência que supunha possuir.

Sentiu a seringa atravessar pele e carne, injetaram o marcador radioativo que faria o percurso do sistema linfático. Não era dor exatamente, apenas o desconforto de ser apertada e tocada e invadida, uma coisa inerte, enquanto a bolinavam, a encoxavam, como tantas vezes acontecia no ônibus lotado, ou nos namoros que nem eram bem namoros, ou quando seu tio apareceu cheirando álcool, está na hora de aprender a beijar, e Artemísia era uma espécie de Bela Adormecida, na qual todo príncipe beija e toca e invade, mas nenhum quer retirar a agulha da roca de fiar de seu dedo. Não havia dor, mas uma repugnância, tantos a tocaram por bem ou por mal, com respeito ou com ódio, ela era uma marmita onde qualquer um enfiava a colher.

Artemísia e a irmã foram criadas pela tia. A mãe as abandonara para seguir um namorado que foi para o Mato Grosso. Não tinha muitas lembranças, exceto dela tentando

fazer criança dormir, cantando bicho-papão, tutu marambá, boi da cara preta: só monstro que assusta para fazer dormir, não parece ser boa técnica para fazer sono. Nem Artemísia, nem a irmã, nem a tia, ninguém nunca perdoou a mãe. Nunca ligou para oferecer dinheiro ou presente de aniversário.

O mastologista removeu os nódulos e os gânglios e os colocava sobre uma gaze. O patologista iria examinar aquelas carnes sangrentas e avaliar quanto a coisa se disseminara, se seria necessário ser prudente e retirar mais da mulher. Artemísia percebeu que a conversa dos médicos e das enfermeiras estava em outro tom, mais sério e concentrado, e sob o jargão técnico havia tensão e piedade. Barba negra, o médico brincalhão, tentou aliviar o clima e mudar de assunto, perguntou do final de semana para as enfermeiras. A evangélica tinha ido ao culto, a outra teve plantão. Uma das debochadas disse que fizeram um baile funk em seu bairro. Uns carros fecharam a rua, a multidão se juntou e fizeram uma bagunça ali mesmo. O anestesista lamentou que essa merda houvesse chegado à cidade: tem coisa que nunca devia sair de onde nasceu, devia ter continuado no Rio. Barba negra provocou: foi de propósito, eles queriam ficar o mais distante possível da porcaria que criaram.

O gordinho alterou as dosagens do anestésico, precisariam aguardar o resultado da patologia para prosseguir. Artemísia refletiu, talvez eu não precise ficar aqui esperando com eles. Com muito esforço, sentou-se e saltou da mesa de operação. Sentiu a textura emborrachada do piso da sala com os pés nus. Estranhou fazer isso sem reação das enfermeiras, ninguém a impedia. Ela se virou e se enxergou, aberta e escancarada, desentranhada. Isso explicava tudo, todo mundo estava mais ocupado com a cirurgia.

Passou pela porta sem abri-la e se deslocou para outro lugar, era uma fazenda, beira de estrada. O dia estava claro, radiante, amplo, muito melhor que o interior daquela sala cor de mofo. Exceto por uma lua teimosa a continuar no céu, o azul estava limpo, um azul torturante e espetacular, pontuado por araras e urubus.

Artemísia caminhava seminua e descalça, mas não sentia vergonha nem machucava os pés. A grama ao redor da casa estava toda machucada pela passagem de pneus de caminhonetes e vans. Ainda havia uma picape, do lado de fora do veículo dois homens com chapéu de vaqueiro conversavam.

Eles a ignoraram ao passar. Na parede da casa, alguém se esforçou para desenhar uma mulher pelada acompanhada por um gato. O gato era para ser uma onça. No alto, havia um letreiro: Chaparral das Jumas. Artemísia não percebeu a placa, nem que andava sobre cascalho, caco de garrafa, lacre de lata, guimbas extintas de cigarro. Ela não fazia barulho.

Atravessou a varanda, na qual uma mulher dormia pesadamente em uma rede, e entrou na casa, o salão principal era vermelho, também era vermelha a carne sobre a gaze, era vermelho o interior de seu corpo. Talvez por ser pouco mais que uma nuvem, Artemísia se sentiu agredida pelos odores daquela casa: nicotina, cachaça, vômito e perfumes doces e poderosos para esconder o fedor de mijo e sêmen seco. Nas paredes, além de espelhos, estenderam o couro de diversos animais, cobra, raposa, capivara e jacaré. Um crânio de boi estava pendurado nas vigas aparentes sobre o telhado, feito cruz abençoando tudo.

Uma mulher obesa esfregava sem pressa o piso, com vassoura e pano de chão. A brisa balançava suavemente uma cortina puída pela janela aberta. As cadeiras dormiam feito morcegos, os pés para o alto por cima das mesas. De longe, escutava-se alguém passando mal. Artemísia se aproximou da mulher e pôde notar que a máscara de maquiagem se derretia no rosto. Ela usava óculos de aros grossos, um lenço vermelho na cabeça e argolas enormes nas orelhas, tinha um ar de cigana. Parecia feliz e tranquila na faxina, cantarolava a música que vinha de algum rádio.

Artemísia continuou se achegando mais e mais, atraída por aquela senhora imensa e redonda, até que ela parou a arrumação. Encostou a vassoura na mesa, empinou-se, arrumou os óculos sobre o nariz e a encarou. Não demonstrou medo ou constrangimento, a gorda a enfrentou com careta de fúria:

— Quem te chamou aqui? Isso não é lugar para criança. Desinfeta daqui. Vaza.

Artemísia retornou à mesa cirúrgica, a equipe dobrava-se sobre seu corpo, cavoucavam a carne feito quem escava fruta até a casca do outro lado, arrancavam pedaços e mais pedaços, estavam concentrados e tensos, mas não eram eles que pesavam sobre ela. Sobre seu corpo estava sua mãe, gorda e nua, a velha pisadeira, os pés nos peitos, de cócoras como uma índia parindo, como alguém cagando no mato, ela pisava e pesava sobre seu corpo, carne e pelancas, e lhe arranhava feito faca na face do rosto, por que você vem atrás de mim? Você não se basta? Seu lugar nunca foi comigo, nunca lhe quis, quem quer âncoras? Me larga dos seus caminhos, faça os seus, cresça.

Quando despertou da sedação, Artemísia chiou e pediu por água. Um enfermeiro a veio socorrer. Ainda não pode, explicou, só daqui a pouco, você está se reestabelecendo da operação. Lembra de alguma coisa? Tenho frio, e lhe entregaram um cobertor feio e quentinho. Ela tentou se mexer e se sentiu rasgada por uma dor assassina. Desceu lágrima. Calma, vou lhe dar um analgésico. O enfermeiro perguntou muitas coisas, mas ela esqueceria tanto desse momento quanto dos outros passados durante a cirurgia.

O enfermeiro administrou o remédio e, não deu um minuto, ela passou a vomitar, um vômito azul, de cor forte e consistente. Artemísia quis entender o que era aquilo, o rapaz lhe disse que era o corante utilizado durante a operação. Ela riu e comentou que o céu do Mato Grosso devia ser azul desse jeito. Um dia vou lá para descobrir. 

SOBERANA RAINHA DAS PISCINAS

{Michi Provensi}



“A vizinhança do Fuzil é mais aberta que a do Poço Rico. Tem gente ali que diz que ela era de lá, filha do falecido Balastrelli. Eu tenho minhas dúvidas. A primeira vez que vi a menina já era espichada, uns 8 anos. Magrinha feito uma taquara, ficava de banda com as tia testemunha de Jeová. Eu abria a porta, ela se escondia atrás do panfletinho. Depois a que se dizia mãe voltou, e de repente ela me aparece em casa trazendo a santinha. Com terço na mão e tudo.”



“Sempre teve porte de miss, bonita que só vendo. A gente sabia que a candidata que ganhava era a que vendia mais rifa. Nunca me ofereceram um número do bloquinho da Joice...”



“Ela nunca foi gorda e de repente vejo só uma barriga passando. Não sou de reparar, mas, quanto mais crescia o bucho, menos a gente via a Joice. Da minha parte, eu tava convencido que ela tinha se arranjado com algum tipo lá do Fuzil, daqueles que trabalham no frigorífico e a gente nunca vê de dia. Quando a gente era pequeno, nós estudava lá na escolinha da cabeceira do Poço Rico. Eu, Sirlei, Juarez e a Joice. Nós ia na escola tudo junto ali, né, e os piá do Clemente. Daí um dia a gente tava voltando da escola e tinha um negócio do exército. E a mãe sempre assustava a gente quando a gente era criança. Que tinha os tirador de sangue. Quando a gente via uma coisa estranha, era pra se esconder, porque tinha os tirador de sangue. Aí passou um helicóptero, a gente correu pro meio do capim-elefante, aquele capim que corta, a gente se atirou no meio dos capins-elefante que o Alípio tinha plantado na beira da estrada. Nossa, se escondemo pra valer junto. Se cortamo tudo as perna, menos a Joice, que se cuidava como se fosse uma xicrinha. Se ela voltava pra casa com uma farpinha que seja arranhando o rosto, a mãe dava sumiço em um dos gatos dela. Naquela época, a mãe já escrevia ela nos concursos de boneca viva. Mudava até de escola depois de um ano, só pra concorrer de novo. A gente ia na festa junina da paróquia e quem era a noivinha? A Joice! E depois a Rainha Caipira? E a Rainha da Festa do Frango? A Joice outra vez. E a Soberana Rainha das Piscinas? Joice... O que eu tenho de picada de mosquito nas canela ela tem de faixa. A última vez que eu falei com a Joice foi depois do baile da última etapa da Rainha das Piscina. A Joice ganhou uma X-L 20 e me chamou pra dar uma voltinha no prêmio. Não é que a vêia descobriu e fez um



tendel na hora que deixei a Joice e a moto na casa dela? Já que não podia bater na filha, descadeirou dois gatos da Joice, justo os amarelinho que ela gostava tanto.”

~~~~~ 4. ~~~~~

“Como te disse, aqui a gente só soube pelo rádio, depois a filha do Kreutz, que pegava condução com ela para o curso de prenda, contou os boatos. Tu vê como são as coisa: a mãe se gabava das coroa da filha e das novena da Santa, e olha no que deu.”

~~~~~ 5. ~~~~~

“A Joice passava todo dia na frente de casa e dava bom dia sorridente. Eu disse pro Juarez: um dia atrás do outro é um bom dia, agora, um dia tem barriga, no outro tá uma tripa e nunca se vê o bebê... bom dia pra quem? Foi aí que a coisa começou a feder. E digo feder sem nem imaginar o tamanho da bosta que essa gente tava metida. As prima de parte do falecido – tudo testemunha de Jeová – estavam sempre nas tarde por aqui na linha Fuzil. Um dia foram levar a palavra na casa da Sibila – a bugra benzedeira – e deram de cara com a Joice saindo com uma sacola cheia de umas planta daquelas bem forte, de tirar tudo do corpo. A Joice disse que estava com amarelão e foi se benzer. Duas semanas depois parece que o ovo da prece cresceu na barriga. Já devia estar de doze semanas. A mãe ouvi dizer que tava nuns parentes lá em Caibi e procurando uma casa para as duas morar porque a Joice já estava inscrita no Rainha do Município de lá. O Juarez me aconselhou não se meter nos boatos, mas como eu era muito afeiçoada do falecido Balastrelli, achei melhor, como mãe de três, ver se a moça não precisava de uns panos para o enxoval do filho, já que a mãe dela tava longe. Esperei meu marido voltar do serviço e disse pra ele: “Tu me cuida das bolacha no forno que eu vou levar a santinha na casa da vizinha”. A gente aqui no Fuzil se ajuda muito como comunidade. Quando um sai, sempre fica de olho na propriedade do outro. Uma vez, os Tibola foram pra Chapecó e, se não fosse meu cachorrinho, o ladrão tinha levado as roupa do varal tudo. E lá fui eu com meus paninho e a capelinha pra casa da Joice. Bati umas palma no portão e nada. Escutei um barulho nos fundo do pátio, me saiu um gato todo manco correndo arisco que só. Deixei a santinha no muro e dei a volta na casa. Aproveitei que tinha uma montoeira de lençol no varal e me escondi com a fralda que levei de presente na cabeça. Gente de Deus! Me acelera até os batimento de lembrar. Tava a mãe e filha rolando uma pedra pra detrás da patente. Voltei pra casa num corridão e contei tudo pro meu filho e meu marido, até esqueci da santinha no muro. O pai pegou o foque, o Juarez uma vela, eu as bolacha queimada. Fomos os três rezando fingindo que aquela era a hora da vigília. Bati duas palmas e nisso me vem um ronco de moto dos fundos. O Juarez, que era mais chegado, chamou pela Joice e nada também. O mesmo que me fez desconfiar horas antes me fez voltar à patente. Juarez alumiou a fossa e deu pra ver boiando um bracinho. Que espécie de mãe me amarra com arame farpado na pedra um filho e joga na fossa?” 

CAMURÇA

{Ian Uviedo}

~~~~~ 1. ~~~~~

São duas da manhã e você está sentada na mureta que serpenteia todo o vão do Masp observando o movimento progressivamente mais escasso da avenida Nove de Julho. É primavera, dias ensolarados abrem espaço para noites frias como essa. Você usa o casaco de camurça preta que comprou numa feira de rua no México há três anos e que esteve junto em tantos momentos difíceis que pode ser considerado um amigo, uma companhia fiel que guarda consigo o cantil de conhaque e o maço de *camel blue*.

Você não sabe exatamente o que está fazendo ali, nem de onde veio a vontade de sair da sua quitinete e caminhar Consolação acima. Se sua avó soubesse que você desenvolveu esse hábito desde que voltou para São Paulo, decerto ficaria espantada e faria o possível para te convencer a subir todo o continente outra vez. Mas isso não importa. Em madrugadas como essa as paredes de seu quarto no décimo terceiro andar parecem se aproximar, deixando o espaço que te cabe na cidade imensa ainda menor. Você tenta ler, escrever notas no moleskine, dar play num filme antigo, mas tudo perde aderência no instante que é tocado por você, como se todos os objetos estivessem emburrados de você, e só o que resta é vestir o casaco, descer as escadas, atravessar o portão e vagar pelas ruas desta cidade onde as noites *son tan peligrosas para las mujeres*, segundo o que sua vó tinha dito no aeroporto.

No meio da Augusta, você pensou em Alberto. Na verdade você tem pensado muito nele, sobretudo depois que sua menstruação, outrora tão pontual, não compareceu na hora marcada. Em todas as imagens que você visualiza, Alberto aparece como um personagem lateral, algo que espreita e dá contorno a cada um dos seus pensamentos. Isso não é agradável. A última coisa que você precisa é diluir parte da sua identidade naquele sujeito alto, paranoico e inconstante. Os últimos anos têm sido sobre recolher cacos e colá-los com cuidado e esmero num vaso que representa a sua integridade, não faz sentido apoiá-lo numa superfície tão bamba. Se ao menos existisse algum ruído entre vocês – um ruído real, não esse anseio, esse apito dos dias ganhando pressão –, a possibilidade de uma ruptura poderia se divisar com mais facilidade, mas não; o sexo é o melhor que você já experimentou nesta parte do hemisfério, as conversas e caminhadas correm com perfeição fluvial, e estar ao lado dele, segurar o braço de seu sobretudo, sentir-se observada por ele enquanto faz carinho em gatos de rua, dividir um croissant de carne e uma garrafa de cerveja no boteco com ele, tudo isso faz um estranho sentido. Acontece que você já é crescida o suficiente para compreender que não passa de ilusão de ótica, que Alberto Flores não é melhor do que ninguém, e talvez a verdade seja que ele não passa de um cara arrogante e equivocado que tem dificuldade de se libertar da própria adolescência. A curto prazo, pode parecer sedutor, mas as chances reais de que isso não termine numa catástrofe são quase nulas. Você sabe que ele está naufragado num relacionamento (talvez isso seja o motor de tudo, você pensa), e que embora ele não sinta nada pela mulher com

quem se deita para dormir, ele ainda se deita com ela, e se você continuar assumindo esse caráter de aparição noturna, simples parceira de caminhadas, as coisas não vão mudar e você vai outra vez se ver lançada num limbo onde as suas opiniões e vontades não possuem nenhum significado.

Agora, sentada com as luzes da Nove de Julho inundando os olhos, você aperta o teste de gravidez dentro do bolso do casaco de camurça e olha para uma correria de ratos negros debaixo dos seus pés. Você pensa sobre a palavra praga e se lembra que de noite a cidade volta aos seus verdadeiros donos: seres subterrâneos, escuros, cheios de doenças e feridas. Nos últimos tempos, essa comunhão solitária com a megalópole tem sido sua única oportunidade de ficar a sós consigo mesma. O vento norte agita tanto seus cabelos que você precisa segurá-los com a mão esquerda, e esse gesto te leva diretamente a uma noite da semana passada, em que Alberto e você estavam deitados na cama de um quarto na casa de um amigo dele, e ele puxou um livro do Mário de Andrade, proferindo a sentença: *o frio de São Paulo é como uma navalha nas mãos de um espanhol*.

## 2.

Você observa sua esposa (ou namorada, ou nem isso, é difícil saber) dormindo e se pergunta como as coisas puderam chegar nesse ponto. São dez para as duas da manhã e ela ronca. Em nada se parece com a mulher que você conheceu há seis anos e cujo corpo, atravessado pela luz da lua recortada nas grades da janela, o fazia lembrar das fotografias de Man Ray. Agora ela é sua amiga, sua prima, sua irmã, sua mãe, tudo menos sua amante. Você não sabe o que sente por ela. Não é amor. É um carinho quase fraternal, algo que te inspira sentimentos de cuidado, e por isso fica tão difícil simplesmente tacar as roupas e os livros numa mala e ir embora. Por enquanto, o que você pode fazer é se contentar com as caminhadas noturnas. Claro que a presença de Lissa as torna melhores, mais doces e menos melancólicas, mas não é bom contar com isso. Vá sozinho, não se acostume à ternura que começa a se formar entre você e ela. Tudo sempre foi sobre solidão.

Ao pisar na rua, as luzes do Vídeo Hotel e do Motel Monte Carlo tocam seu rosto e você vê as fileiras de garotas de programa e de sujeitos perdidos desfilando pelas calçadas. Você conhece algumas das garotas. Elas cumprimentam ao te ver passar e pedem cigarros que você distribui de bom grado. Você tem a impressão de que elas te consideram mais parte do mundo delas do que do outro mundo, o mundo em que os homens sobem escadas escusas para quartinhos e pagam duzentos reais por um boquete. Elas só te conhecem superficialmente, pelos gestos cordiais e papos rápidos, e outro dia conversaram também com Lissa, para quem não faltaram elogios: era a textura da pele, a cor do cabelo, as roupas, em tudo ela era linda. Elas perguntam “pela sua teteia”, se referindo a ela, e apesar de toda gentileza você acende um *rothman's* e diz que precisa ir andando. Os bares iluminados a caminho da República te lembram as fotos de Horacio Coppola, e por um segundo você esquece onde está, refletindo sobre como todas as cidades são na verdade a mesma cidade repetida à exaustão.

Ao alcançar o Teatro Municipal, vendo-o como uma mancha branca e luminosa erguida no meio do caos, você volta a pensar em Melissa, em como seria agradável compartilhar aquele momento com aquela garota que até agora você só conhece em espaços transitórios: ruas, hotéis,

praças, casas alheias; mesmo que para isso fosse preciso sufocar as inquietações que, você sabe, estrangulam a subjetividade de ambos quando vocês estão juntos, como se vocês só se encontrassem a meio caminho entre o sonho e a vigília, no geral apoiados pela embriaguez e pelos acontecimentos absurdos que tomam espaço nas ruas do centro de São Paulo tão logo as luzes se acendem. É perceptível que os dois estão caindo em abismos muito diversos, de onde podem só olhar um ao outro, e a coisa toda ia se sustentando em alicerces subjetivos, para não dizer mágicos, mas o funcionamento do corpo de Lissa, o possível encontro entre um espermatozoide e um óvulo e o sangue que não veio trouxeram notícias do mundo real. Chutando pedrinhas enquanto desce pela Capitão Salomão, onde vários homens fumam em frente a cinemas eróticos ou jogam bilhar por detrás das vidraças sujas, você considera que tudo fica mais difícil por conta do ar distante de sua parceira, mas você não pode culpá-la, e sabe disso, já que é você quem tem todos os membros amarrados numa outra história, e que se você não tiver coragem para acabar de fato com tudo, ela irá se cansar e poderá muito bem caminhar sozinha em direção a outro futuro, onde, talvez, exista alguém que, diferente de você, não seja uma pessoa impossível que daria tudo para desaparecer.

Quando o balonista despeja uma dose de Dreher à sua frente, você está com um pé na calçada observando o Anhangabaú se estender como um rio sujo, e pensa como seria ter um filho com Lissa. Ou uma filha. É claro que nesse momento isso parece impossível, com o dinheiro que você ganha não dí nam pra adotar um gato, mas se ela quisesse você não ia se opor, iria tirar de onde não existe para perseguir os idealismos que começam a se projetar junto com a fumaça do cigarro e o movimento dos carros, e você vê um menino de cabelos escuros como os dela, as madeixas demarcadas dos seus antepassados argentinos, e ele está correndo pelo pátio de uma casa imaginária numa tarde cheia de sol, e você vê Lissa sentada numa cadeira ao lado de uma grande árvore, e ela parece feliz enquanto fuma e observa o filho de vocês, e encostado no balcão você começa a desejar de verdade que isso já seja uma memória, não só um desejo, e de repente toda a realidade se desprende dos seus propósitos outra vez, não importa o que aconteça, esse parece o destino lógico para duas pessoas tristes e sozinhas que se encontraram por acaso na maior cidade da América do Sul e saíram caminhando sem rumo, diferentemente de como você está caminhando agora, em passos firmes de volta pra casa, com a ideia fixa de comunicar suas vontades para a mãe de seu futuro filho, pulando poças d'água com a determinação de um *clic* de Bresson, tudo para cumprimentar outra vez as garotas de programa, atravessar o pesado portão de metal, subir as escadas num salto, entrar no apartamento, seguir para o quarto, abrir o computador, acessar o Facebook, e antes de qualquer coisa ler uma nova mensagem de Lissa, em que ela diz ter finalmente sangrado, logo após o teste ter dado negativo. Seguida à mensagem, uma carinha feliz. ♡



# QUARENTENA É COMUNISMO

{Evandro Cruz Silva}

Sabe que esta noite eu sonhei com você? Foram dois sonhos, na verdade. O primeiro aconteceu naquele quarto de hotel, aquele que a gente foi depois de se conhecer na festa em Ribeirão. Eu lembro que a gente começou a conversar porque eu comentei sobre uma música do Ataulfo Alves, uma que tu também conhecia, e tu me disse que era bom encontrar gente que gostasse de música rara, foram essas palavras que tu disse: música rara. Eu não gostei disso, não existe música rara, mas finge que não percebi e a gente ficou conversando sobre edições de álbuns, gramaturas de vinis, artes de encarte. Depois a gente foi pro hotel. Foi sobre o hotel o primeiro sonho que eu tive.

Foi um sonho bom, eu lembrei do seu toque, do seu beijo e como foi uma coincidência te encontrar, e uma coincidência ainda maior nós dois estarmos de viagem marcada pro Uruguai. Lembra que foi tudo muito rápido? A gente tava se beijando, tu largou meu braço, disse que tinha que ir. Meu avião tá indo pra Montevidéu, tu disse. E eu também tô indo, quinta que vem!, eu disse. A gente se vê lá, tu disse. E eu percebi que – como sempre – dei a chave no engate da porta e tu já saiu atirada... nem se despediu direito, nem ouviu minha playlist de emepetês do Garoto, da Elizeth Cardoso, do Noriel Villela. Nesse sonho, diferente da realidade, a gente até remarcava as passagens pra ir junto pro Uruguai.

O segundo sonho foi num deserto. Era uma coisa assim: no meio do mundo havia uma lua, no chão havia areia e depois havia você. E nesse deserto eu caminhava do seu lado, a sua boca mexia mas não saía som nenhum... o engraçado é que isso não me incomodava, eu via o movimento dos seus lábios mas ignorava a pantomima. Outra coisa estranha era o próprio deserto, que tinha uma areia vermelha...

Eu acordei e fiquei com vontade de te contar dos meus últimos dias, quem sabe até te fazer um convite, por isso peguei meu celular pra te mandar este áudio. Mas ele tá ficando um pouco grande, vou mandar outro.

[Áudio enviado às 19h50 do dia 20 de maio de 2020,  
duas flechas, recebido, aberto e não respondido.]

Deixa eu te contar: nesses últimos tempos, todo dia eu acordo e verifico a temperatura do meu corpo. Depois eu levanto, tomo banho, visto uma das minhas camisas do Brasil e saio de casa. Curioso, né? Assim que eu voltei pra cá, em abril, eu comprei um termômetro e cinco camisetas da seleção brasileira, eu apostei que tu nunca pensou que eu compraria nenhuma dessas coisas.

Pois essa foi a minha rotina por todos os dias, até hoje. Hoje foi diferente, mas já, já eu te explico. Antes, eu preciso te contar uma história que é sobre a gente, mas também é sobre a peste, sobre a temperatura do meu corpo e sobre o conceito de distância... Calmaí, vou enviar outro

áudio... Por que tu visualiza e não responde?

[Áudio enviado às 19h54 do dia 20 de maio de 2020,  
duas flechas, recebido, aberto e não respondido.]

Tu já parou pra pensar que depois que a gente se conheceu naquela festa em Ribeirão nunca mais a gente se encontrou? Esses dias eu tava siderando nessa ideia, nessas coincidências de não se encontrar. Siderar. Tu lembra que eu gosto desses verbos extravagantes? Siderar vem de espaço sideral. É quando a pessoa fica tão ensimesmada que parece que a cabeça flutua como se não tivesse mais sob efeito da gravidade. Eu comecei a perceber esse verbo depois de ouvir aquele disco do Skank, na época que o Skank era bom... Acontece isso também quando eu perco o medo e penso em você. Porque o medo é um vetor importantíssimo da força gravitacional... Desculpa, eu me perdi.

[Áudio enviado às 19h56 do dia 20 de maio de 2020,  
duas flechas, recebido, aberto e não respondido.]

Voltando ao que tava pensando:

Então, quando eu cheguei em Montevidéu, depois daquela noite em Ribeirão, eu te liguei mas você já tinha viajado pra Escócia. Eu pensei em ir pra Escócia, mas tu me mandou mensagem dizendo que não sabia quanto tempo ficaria, porque logo tu teria que ir pra França dar uma palestra sobre alguma coisa que eu não entendo muito bem. Nós marcamos de nos ver no Brasil em dois meses, eu lembro que tu me disse que em mais ou menos sessenta dias tu voltaria e assim que tivesse estabelecida num lugar a gente se encontraria. E então a praga veio e todos nós tivemos que voltar para as nossas casas.

Primeiro todo mundo conheceu a praga, depois todo mundo precisou pensar que lugar seria esse para proteger e chamar de casa, e acabou que nós dois escolhemos a mesma cidade. Voltamos pra Ribeirão. Você alugou esse teu quarto e cozinha no subúrbio e acho que tu não entendeu muito bem quando eu apareci na tua casa de mala e cuia na mão. Acho que foi meio atirado da minha parte, desculpa. Mas também acho sacanagem tu não ter atendido, tu acha que eu não percebi que tu tava em casa?

Depois começou a quarentena.

Eu queria muito te encontrar, mesmo com a quarentena, mas se eu saísse de carro e fosse até a sua casa não teria problema, né? Eu lembro até que no dia cinco a gente marcou de se encontrar mas você tinha trabalho pra fazer, no dia seis você queria arrumar melhor a casa, no dia sete você tinha um monte de livro pra organizar, no dia oito você amanheceu com febre.

Primeiro eu achei que você ia morrer e fui te visitar outra vez. Você não abriu a porta, me disse pra eu ir embora, que o vírus era muito contagioso. Foi isso que tu disse. Depois, eu te disse que se fosse pra morrer, que a gente morresse junto e você me respondeu que não queria ter essa culpa, que o melhor era esperar acharem a vacina.

O prefeito e o governador dizem pra todo mundo ficar em casa. Tem gente que fica, mas tem bastante gente na rua também, e dá pra identificar bem quem tá voltando pra casa ou tá só de passagem e quem está na rua para ficar,

para fazer disso um ato político. Eles geralmente vestem essa camisa bizarra da seleção. Foi aí que eu tive uma ideia.

Eu fui num desses camelôs, enchi uma sacola de camisetas do Brasil, passei na farmácia e comprei um desses termômetros digitais. Depois eu vesti a camisa e fui pra rua, dei sorte que era domingo e a praça estava cheia dessa gente aglomerada, fazendo arminha com a mão, se abraçando e gritando que a praga é fake. Eu peguei uma dessas placas caídas no chão e comecei a gritar junto, eles faziam dança e eu dançava, um mais animado passava por mim e eu o abraçava com força, teve até abraço coletivo. Até que me diverti, ainda mais nesses dias que não tem nada pra fazer. Depois eu fui pra casa, peguei o termômetro e medi a temperatura. Nada de febre.

E os dias correram assim. Eu acordava, colocava minha camiseta amarela, saía na rua em busca de alguém vestido de maneira semelhante e falava que o governador estava mentindo, que era um autoritário, e já partia pro abraço. Máscara eu nunca vou colocar na minha cara, aquilo já me incomodava antes, parece fofoca. Eu fazia isso por umas horas e quando eu me cansava eu ia pra minha casa.

Depois que eu chegava, não trocava minhas roupas nem tomava banho, me certificava de coçar os olhos constantemente. Ligava a TV, deixava no mudo e ficava ouvindo música enquanto as notícias passavam. Eu te contei dessa mania de ouvir música vendo TV? Era o que meu pai fazia também, peguei dele, acho que ele fazia isso pra eu não escutar as discussões... você sabe, coisa de casal... meu pai gostava muito de música.

[Áudio enviado às 20h03 do dia 20 de maio de 2020,  
duas flechas, recebido, aberto e não respondido.]

Todas as músicas me lembram você: Lupicínio Rodrigues, Dorival Caymmi, Chico Buarque (tu já percebeu como “Tatuagem” tem tudo a ver com a gente?) e eu lembro do nosso encontro meio sem jeito no meio de uma festa; e na TV eles informam que o número de mortos só aumenta. Maria Bethânia, Gal Costa, João Gilberto (que mestre!) e eu fico pensando que se não fossem os meus erros talvez a gente nunca mais tivesse se desencontrado; e na TV o apresentador diz que tem manifestante querendo fechar o Congresso. Tincoás, Lô Borges, Moraes Moreira, Caetano Veloso — que todos tratam como um titã, mas que é bem repetitivo —, Ed Motta, Nelson Gonçalves, Djavan, e eu percebo que meu erro veio dessa mania de deixar a chave no engate da porta; e na televisão antes quem dava entrevista era médico e eu ficava nervoso com aquela roupa branca, mas agora são uns homens de farda e isso até me dá uma sensação de segurança. Banda Black Rio, Sandra Sá (e depois Sandra de Sá), João Donato, Elis Regina, Elizeth Cardoso, Nora Ney, Neyde Fraga, Ademilde Fonseca, e eu até hoje penso que se a chave não tivesse ali, se a gente tivesse mais tempo pra conversar, você me entenderia; e na tela os ministros descartam as palavras crime, assassinato e genocídio, e eu concordo porque o vírus é democrático, ele não escolhe vítima, né? Nelson Angelo, Joyce, Titulares do Ritmo, Dolores Duran, Trio Surdina, Sivuca, e eu lembro que eu nunca consegui te explicar que foi você que puxou o seu braço com força da minha mão, que eu estava calmo e que foi tudo sem querer; e na TV um grupo faz flexões em frente ao Palácio e eu também comecei a fazer porque é importante cuidar do corpo. Aracy de Almeida, Dilermando Reis, Agostinho do Santos, Waldir Calmon, Trio Nagô, e eu lembro de você recolhendo as coisas,

colocando-as na sua bolsa e me dizendo que ia, sim, me encontrar em Montevidéu e eu acreditei, porque eu sempre acreditei em tudo que tu disse desde o primeiro “oi” na festa, e na televisão alguém responde com um “é daí?” ao número de mortos, e de fato não tem muito o que fazer, todo mundo morre de alguma coisa. E nesse momento eu descobri que pensar que todo mundo morre é algo que me dá muita paz.

Depois eu geralmente bebo umas taças de vinho, olho pela janela e é quase como se fosse um dia qualquer. Desfruto do silêncio após o fim da música e depois vou dormir pensando que no dia em que eu acordar com febre eu vou te visitar, nesse dia não terá mais o perigo de você me infectar e tu não vai ter desculpas para não abrir a porta.

Mas não foi assim que aconteceu.

Ontem eu acordei e a minha temperatura estava normal, aí eu segui o dia como de costume: uma ducha, um café e minha camiseta do Brasil. Dei sorte que era domingo, então a missão seria bem fácil e agora eu até tenho um cartaz feito a mão “quarentena é comunismo”. Caminhei até a avenida e lá estava aquela massa, agora eles já me conhecem e me recebem com abraços e afagos. Começamos a marchar, gritamos em uníssono palavras de ordem e eu senti uma tontura, depois alguém inventou de fazer uma coreografia de protesto e no meio da dança eu desmaiei. Demorou pra vir alguém me acudir porque um grupo dos nossos companheiros decidiu bloquear o caminho da ambulância (coisa que eu nunca estive de acordo). A minha visão estava turva, mas quando eu abri os olhos eu tava naquele quarto de hotel contigo outra vez, aí eu fechei os olhos e quando eu abri de novo eu estava num deserto. Depois eu acordei.

Foi por isso que eu tô te mandando este áudio, que é pra você me visitar. Eu tô naquela UTI improvisada que fizeram no ginásio da cidade. A entrada é restrita, mas se você disser que é minha namorada eu acho que te deixam passar. Desculpa a mensagem gigante, é que esse sonho me impactou muito e agora que eu percebi que a gente pode ficar junto, eu não consegui me conter e quis te contar a novidade. Te espero por aqui. Um beijo!

[Áudio enviado às 20h09 do dia 20 de maio de 2020,  
duas flechas, recebido, aberto e não respondido.]



# SUBMARINO / #03

---

**Edição**

Ronaldo Bressane

**Design**

Eduardo Kerges

**Imagens**

Eva Uviedo, Eduardo Kerges,  
Mari Casalecchi [capa], Ale Kalko [quarta capa + *doodles*]  
e Zé Maia

**Revisão**

João Hélio de Moraes



**Realização**

La Tosca

**Dezembro de 2020**

Textos compostos com as fontes

Liquid Fluid

[Alessandro Commoti]

e Adobe Garamond Pro

[Claude Garamond e Robert Granjon / Adobe]

---

## A marujada

---



**Ale Kalko** nasceu em Curitiba e vive em SP. É designer, ilustradora e se autopublica desde 1997. De humor agriado, tem uma queda por trocadilhos ruins; em karaokês, performa melhor do que canta. Durante as aulas, rabiscou os doodles que ilustram estas minibios.

**Alex Xavier**, paulista, é um jornalista refugiado na ficção. Autor do livro de contos *O Teatro da Rotina* (2018, Patuá), participou das coletâneas *Não Pretendia Criar Discórdia* (2017, Giotri), *Eros Ex Machina* (2018, Alink), *Era de Aquária* (2019, Oito e Meio), *Ruínas* (2020, Patuá) e *Isolamento* (2020, Caos e Letras). Integrante do coletivo Discórdia, produz zines para feiras de publicações independentes, ministra oficinas de escrita criativa e colaborou com revistas literárias como *Gueto*, *Subversa*, *Vacatuss*, *Intempestiva* e *Torquato*.

**Alice Zocchio** nasceu em São José dos Campos em 1961, mas vive em São Paulo desde os 4. Estudou jornalismo e letras, e trabalhou mais de 30 anos como professora de ensino fundamental II em escolas públicas. Já escrevia, mas só depois de se aposentar passou a produzir crônicas, contos e poesia com disciplina e organização.

**Américo Paim**, 56 anos, soteropolitano, engenheiro mecânico, amante de música, futebol, cinema, literatura, cultura e artes em geral. Gosta de um bom papo, estar em boa companhia e com crianças. Compositor, tocador de violão e baixo, escreve textos desde sempre, sobre qualquer assunto. É autor de *O Livro das Copas: A Paixão em Números e Curiosidades* (1998) e *Manual das Copas do Mundo* (2018).

**Bianca Toloi**, paulistana, formou-se em cinema pela Faap. Seu curta *Fernweh* foi selecionado para o Anima Mundi e outros festivais. Foi animadora e montadora no estúdio de design BijaRi; em 2017, mudou-se para Berlim, onde atendeu clientes internacionais. Hoje trabalha como diretora e animadora para produtoras e estúdios do Brasil, EUA e Europa, em comerciais e clipes. Produz seu próximo curta de animação com a VIA University, da Dinamarca.

**Brontops Baruq**, nascido em 1973 em SP, boi no horóscopo chinês, contista e intolerante a lactose. Participou de várias antologias de contos e publicações pela internet. Seu único livro é *Grito do Sol Sobre a Cabeça*, editora Terracota. Publica esporadicamente suas histórias em <http://brontops.blogspot.com/>.

**Bruno Vicentini** vive em Maringá (PR). Em 2017 integrou a coletânea de contos *15 Formas Breves*, editada pelo jornal *Cândido*, da Biblioteca Pública do Paraná. Com o microconto “Vendeu os cabelos pra comprar um chapéu”, perdeu um concurso literário. Pois é. É servidor do Tribunal de Justiça do Paraná.

**Camila Assad** é caipira de Presidente Prudente (SP), millennial não praticante do fim dos anos 80. Arquiteta, urbanista e poeta, foi aluna do Clipe e do Poesia Expandida na Casa das Rosas. Estudou tradução na Casa Guilherme de Almeida e realiza aprimoramento em ficção literária pela UC Berkeley. Autora de *Cumulonimbus*, *Eu Não Consigo Parar de Morrer e Desterro*, tem poemas traduzidos em oito países e odeia escrever sobre si mesma em terceira pessoa.

**Camila Cruz** nasceu em São Paulo e cresceu em Cotia em uma casa com muito verde e espaço para a criatividade. Aprendeu a ler cedo, mas só descobriu a literatura na adolescência. Cursou letras pela Unesp e hoje trabalha como analista de sistemas. Escreve e ilustra seus próprios zines e em parceria com os colegas do coletivo Discórdia, surgido em 2016.



**Chloé Pinheiro**, paulista, jornalista, tem 30 anos. Queria ser uma autora soturna e incômoda, mas é considerada um golden retriever humano. Trabalha como repórter da revista *Veja Saúde*, da Abril. Fora do horário comercial, escreve livros familiares por encomenda e textos engraçadinhos não solicitados.

**Cristina Porto Costa** é fagotista e educadora musical. Mestre em psicologia social e do trabalho/ergonomia e doutora em educação pela UnB, publicou artigos sobre saúde do músico, ensino coletivo de instrumentos e profissionalização em música. Foi docente do CEP, Escola de Música de Brasília. Hoje se dedica às relações entre palavras, imagens e composição musical.

**Debs Monteiro** vive em Paraty (RJ) e atua como jornalista e educadora social em projetos de audiovisual e comunicação, além de integrar o coletivo de escrita Segundas Intenções. Neste ano participa da antologia *Parem as Máquinas!*, do Selo Off Flip, com o conto “Vítimas colaterais” e a crônica “Viageiros”. Em 2021 publicará o conto “Três mil horas e adeus” na antologia 2020, *O Ano Que Não Começou*, da Editora Reformatório.

**Evandro Cruz Silva**, 28, é natural de São Vicente (SP) e é doutorando em ciências sociais pela Unicamp. Escreve, pesquisa, ensina e torce para o São Paulo Futebol Clube; tudo isso tem mais ou menos a ver com uma certa fixação do autor em relação aos temas da violência e do sofrimento. Foi um dos vencedores do Prêmio Serrote de Ensaio 2020.

**Fábio Kalvan** é formado em ciências sociais e mestre em sociologia. Já foi professor (com orgulho) e hoje é servidor público (também com orgulho) em Dourados (MS).

**Fabio Zuker** é jornalista e antropólogo. Mestre em ciências sociais pela EHESS-Paris e doutorando em antropologia social pela USP, pesquisa comunidades do rio Tapajós (PA). Colaborou com a Amazônia Real e a Thomson Reuters Foundation, *piauí, Nexo, Le Monde Diplomatique Brasil* e Agência Pública. Publicou *Vida e Morte de uma Baleia-Minke no interior do Pará* e *Outras Histórias da Amazônia* (2019) e *Em Rota de Fuga* (2020).

**Filipe Masini** nasceu no Rio de Janeiro em 1989. É formado em economia pela PUC-Rio apesar de nunca ter trabalhado na área (ainda bem). Abriu uma galeria de arte aos 21 anos para promover a arte contemporânea de sua geração; hoje é sócio-proprietário da Galeria Athena. Leitor voraz, incentivado por outras pessoas, começou este ano a se arriscar na escrita.

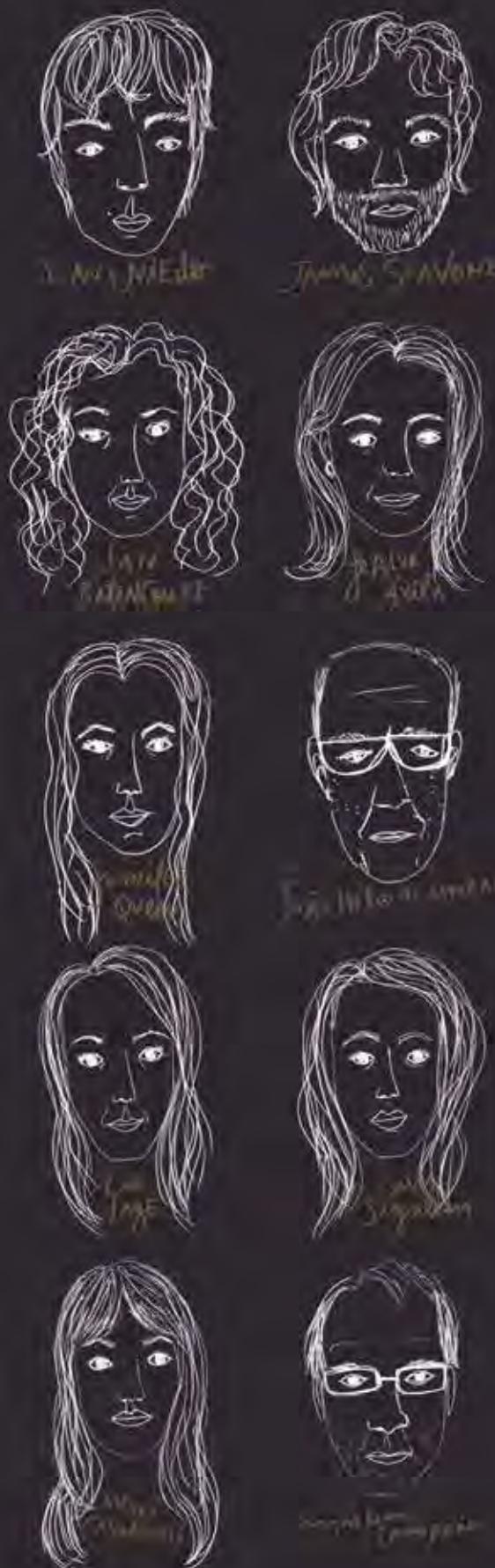
**Helô Mello**, formada em comunicação, vive entre Amparo e São Paulo. É coach e mediadora de conflitos. Dedica-se à fotografia, à temática da memória e se interessa por retomar arquivos anônimos. Se encantou pela escrita e pelas aquarelas. Adora cozinhar, caminhar e ampliar horizontes.

**Ian Perlungieri** nasceu em São Paulo em 1994. Publicou a crônica “Uma reflexão sobre o tempo” na antologia *Eu Nunca Tinha Passado por Aqui* (Gostri, 2015) e é roteirista da segunda temporada da série animada infantil *Buzzu na Escola Intergaláctica*, veiculada na Nat Geo Kids e Globoplay (2019). Escreve muito para o audiovisual, às vezes para a literatura, sempre para si.

---

## A marujada

---



**Ian Uviedo**, paulistano, 21, é artista e escritor. Pelo coletivo La Tosca, do qual faz parte, publicou uma dezena de zines que variam entre contos, poemas, fotos e experimentações gráficas. Em 2019, publicou seu primeiro livro, *Éter – Novela de Narcolepsia*, pela Editora de Los Bugres. Atualmente faz experimentos audiovisuais, é livreiro, editor da *Revistarria*, bebe café e assavia aos domingos.

**James Scavone**, paulistano-londrino, 45, é redator publicitário, ciclista, corintiano e pai de dois meninos corintianos e ciclistas que ainda não sabem escrever.

**Jan Bittencourt**, paulista, publicitária metida a escritora, é uma das autoras da coletânea *Contos Mínimos* (Guarda-Chuva) e do romance *Versão Beta* (Terracota), publicado na Alemanha pela Clandestino Publikationen. É apaixonada por tudo que é orgânico, virou uma mãe meio Waldorf e escreve quando dá no caiuacaneta.blogspot.com.br.

**Jealva Ávila** é soteropolitana, arquiteta e adora misturar yoga com design thinking e dendê com roska de mangaba. Vê-se como uma equilibrista entre os mundos de Alice e Polyanna e se diz viciada em sintetizar ideias, pensamentos e sonhos como ferramenta de realização pessoal. Autora do livro *Ouvindo o Vento* (2019).

**Jennifer Queen**, 38, é baiana, escritora, tradutora, jornalista, apaixonada por cinema e livros. Escreve em todas as línguas que conhece e acredita que a literatura é, antes de tudo, estrangeira. Cinco anos depois de voltar da França, resolveu que a melhor bebida do mundo é vinho, e bebe rosé quase todo dia.

**João Hélio de Moraes** tem formação em jornalismo e letras. Atuou como assessor de imprensa e editou publicações corporativas. Atualmente, produz textos e faz revisão de livros, além de aplicar treinamentos sobre técnicas de redação e atualização gramatical. Nasceu em São Paulo, onde vive com a mulher, a filha e o cachorro; aos 64, pratica esportes e escreve por gostar das duas coisas.

**Liu Lage** é formada em produção cultural pela Faap e em fotografia pelo International Center of Photography de NY. Trabalha com arte contemporânea há 15 anos. Durante o tempo que morou no Rio, foi assistente de artistas como Rosângela Rennó e Tunga. Em SP, trabalhou em galerias como Luisa Strina e Millan. De volta a Minas, na fazenda onde cresceu, se aventura pelo mundo da autoficção influenciada pelas histórias da infância.

**Luiza Sigulem** é psicanalista e fotógrafa. Cursou fotografia pelo Senac e ciências sociais pela USP. Publicou retratos em veículos como *Folha de S.Paulo*, revista *Brasileiros* e *El País*. Há oito anos vem se dedicando ao estudo da psicanálise e atende em consultório. Tem interesse em literatura contemporânea, principalmente em temas como diários, crônicas e autoficção.

**Mari Casalecchi** é paulista de Araraquara, mãe do vira-lata Mané, amante de cachaça, psicodelias e pistinhas de rock. Artista visual e designer, é autora dos zines *Finito*, *Abstinência* e *Doenças Crônicas* (La Tosca).

**Martim Sampaio**, 60, paulistano, já viveu em vários lugares do mundo, alguns hoje extintos. É advogado com forte atuação na área de direitos humanos e direito internacional. Diretor-adjunto da OAB/SP, é um dos diretores da Câmara Brasileira do Livro (CBL).



**Michi Provensi**, top model de Maravilha (SC), é autora do livro *Preciso Rodar o Mundo, Aventuras Surreais de uma Modelo Real* (Da Boa Prosa). Frequentadora assídua de oficinas de escrita, tem preguiça de escrever, cuida de um gato de direita, dois de esquerda e uma cadela street border-lata de centro. Devota de São Longuinho, já foi mais corinthiana.

**Murilo Reis** nasceu em Araraquara e teve suas primeiras experiências literárias com as crônicas de Voltaire de Souza, no extinto *Notícias Populares*. Trabalhou por treze anos em linhas de produção de metalúrgicas. Escreve textos no *O paralelo* (<https://oparaleloblog.wordpress.com/>). É professor e estudante de letras e pesquisa a obra de Rubem Fonseca.

**Pérola Mathias**, 31, goiana, é socióloga formada na Bahia, doutora pela UFRJ e mora em São Paulo. Toca o projeto *Poro Aberto*, que dá nome ao blog de crítica musical, ao programa apresentado toda semana na rádio online antenAZero e à curadoria e produção de shows. Editora da revista *Polívox*, escreve para o perfil da revista *Resenhas Miúdas*. Gosta de assistir a shows de música torta e só conta piadas sem graça.

**Roberto M. Socorro** tem 55 anos, nasceu no Rio de Janeiro, se naturalizou baiano e vive em São Paulo. Trabalha com tecnologia da informação, ou seja, azeitando a engrenagem das ficções. Apaixonado por livros, gatos, pelo Bahia e pelo Vasco. Leitor ávido e escritor ocasional. Um chato.

**Silvia Argenta** tem 43 anos e mora em Florianópolis, é formada em jornalismo e direito; busca fôlego na escrita para sobreviver a esses tempos pandémicos.

**Susy Freitas** nasceu em Manaus. Publicou os livros de poesia *Véu Sem Voz* (Bartlebee), *Alerta, Selvagem* (Patuá; vencedor do Prêmio Literário Cidade de Manaus) e *Carrego Meus Furos Comigo* (Urutau, no prelo). Também é professora, crítica de cinema no site Cine Seti, autora de publicações em livros organizados pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) e coeditora da revista *Torquato*.

**Tatiana Heide** é escritora e atriz formada pela EAD. Reside em Berlim e desde 2017 publica seus textos independentes. Atualmente escreve o primeiro livro de contos.

**Victor Toscano** nasceu no Recife, onde estudou psicologia e comunicação social. Tem contos e artigos publicados em vários sites e revistas literárias. Seu primeiro livro, *O Último Minuto Custa a Chegar, Mas É Maravilhoso*, saiu pela editora Moinhos em 2018.

---

### O capitão

---

**Ronaldo Bressane**, 50, paulistano, é professor de escrita criativa desde 2007. Ele mesmo participou por 7 anos das oficinas de Gílson Rampazzo e Áurea Rampazzo. Escritor, jornalista, editor e tradutor, é autor dos romances *Escalpo* (Reformatório) e *Mnemomáquina* (Demônio Negro), dos romances gráficos *V.I.S.H.N.U.* (Companhia das Letras) e *Sandiliche* (Cosac Naify), do volume de contos *Céu de Lúcifer* (Azougue), do livro de poesia *Metafísica Prática* (Oito e Meio), e organizou a antologia de ficções *Essa História Está Diferente* (Cia das Letras). Seus cursos passaram pela rede Sesc/Sesi, pelas plataformas A Capivara Cultural e BoraSaber, e espaços como Biblioteca São Paulo, Centro Cultural B\_arco, Casa das Rosas, Casa do Saber, Escrevedeira, Espaço Cult, Instituto Tomie Ohtake, Instituto Vera Cruz, Istituto Europeo di Design, MAM/SP, Tapera Taperá e Universidade do Livro.

LA TOSCA

